

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA (FaFil)**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA (PPGFi)**

**ILDO CORRÊA DA SILVA NETO**

**GENEALOGIA E DISPOSITIVO DE GUERRA: UMA INTERPRETAÇÃO DA  
PRODUÇÃO FOUCAULTIANA NO PERÍODO ENTRE 1970 E 1976**

**GOIÂNIA**

**2023**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE FILOSOFIA

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

Ilido Corrêa da Silva Neto

#### 3. Título do trabalho

"Genealogia e dispositivo de guerra: uma interpretação da produção foucaultiana no período entre 1970 e 1976"

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

**[1]** Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **ILDO CORRÊA DA SILVA NETO, Usuário Externo**, em 15/03/2023, às 14:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Rafael Rodrigues Pereira, Professor do Magistério Superior**, em 16/03/2023, às 11:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3598621** e o código CRC **D223EA6D**.

---

**ILDO CORRÊA DA SILVA NETO**

**GENEALOGIA E DISPOSITIVO DE GUERRA: UMA INTERPRETAÇÃO DA  
PRODUÇÃO FOUCAULTIANA NO PERÍODO ENTRE 1970 E 1976**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFil), na Faculdade de Filosofia (FaFil), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia  
Linha de pesquisa: Ética e Filosofia política

Orientador/a: Prof. Dr. Rafael Rodrigues Pereira

**GOIÂNIA**

**2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva Neto, Ildo Corrêa

Genealogia e dispositivo de guerra: [manuscrito] : uma interpretação da produção foucaultiana no período entre 1970 e 1976 / Ildo Corrêa Silva Neto. - 2023.

XC, 90 f.

Orientador: Prof. Rafael Rodrigues Pereira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Filosofia (Fafil), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Goiânia, 2023.

Bibliografia.

1. Dispositivo. 2. Guerra. 3. Forças. 4. Instituições. 5. Corpo. I. Pereira, Rafael Rodrigues, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE FILOSOFIA

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 05 da sessão de Defesa de Dissertação de Ildo Corrêa da Silva Neto, do Programa de Pós Graduação em Filosofia, que confere o título de Mestre , na área de concentração em Filosofia.

Aos seis dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e três, a partir das 19 horas, por vídeo conferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada " Dispositivo de Guerra Como Analisador Anátomo-Político em Foucault ". Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Rafael Rodrigues Pereira (FAFIL-UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Eduardo Sugizaki (PUC Goiás), membro titular externo, e Professor Doutor Adriano Correia Silva (FAFIL-UFG) , membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca fizeram sugestão de alteração do título do trabalho para "Genealogia e dispositivo de guerra: uma interpretação da produção foucaultiana no período entre 1970 e 1976". A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Rafael Rodrigues Pereira (FAFIL-UFG), Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

## TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

"Genealogia e dispositivo de guerra: uma interpretação da produção foucaultiana no período entre 1970 e 1976"



Documento assinado eletronicamente por **Rafael Rodrigues Pereira, Professor do Magistério Superior**, em 14/03/2023, às 14:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **EDUARDO SUGIZAKI, Usuário Externo**, em 17/03/2023, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Correia Silva, Professor do Magistério Superior**, em 22/03/2023, às 12:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3500659** e o código CRC **9540EF77**.

**Referência:** Processo nº 23070.005889/2023-98

SEI nº 3500659

À minha família e a todos os mestres  
que participaram de minha formação  
até aqui.



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar à Deus por possibilitar a construção de uma existência menos árdua. À vida que me apresenta desafios continuamente e a capacidade de resiliência. À minha família por todo o suporte moral e material em toda a minha trajetória de vida, em especial à minha vó Irene (*in memoriam*), mãe Genicleide e tia Liliane. Ao meu avô Honorivaldo, à minha madrinha Lázara que também foram muito importantes neste propósito. A todo o amor e compreensão dos muitos tios e tias, primos e primas.

Agradeço aos colegas e amigos pelas intermináveis discussões filosóficas e de diversos outros temas que muito contribuíram para a minha formação enquanto acadêmico e cidadão; que partilharam inúmeros momentos de alegria que carregarei sempre em minha memória. A Elivan por todo suporte material e moral durante uma fase muito difícil pela qual passei.

Agradecimento ao professor e orientador Prof. Dr. Rafael Rodrigues Pereira pela imensa paciência durante estes anos. Não menos importante, eu agradeço a todos os meus professores e mestres que de alguma forma contribuíram para as minhas capacidades e habilidades para que este trabalho se tornasse real.

*“Em suma, gostaria que um livro (...) tivesse a desenvoltura de apresentar-se como discurso: simultaneamente batalha e arma, conjunturas e vestígios, encontro irregular e cena repetível. (...) a série de eventos à qual ele pertence, e que é sua verdadeira lei, está longe de estar concluída.”*

Michel Foucault

## RESUMO

A publicação completa das aulas dos primeiros anos de Foucault no Collège de France permite explorar a tese de Daniel Defert de que o período entre o curso *Aulas sobre a vontade de saber* (1970) e o escrito *História da sexualidade: a vontade de saber* (1976) apresenta informações que podem modificar o olhar que se tem sobre a produção intelectual de Foucault. Neste período, a genealogia é anunciada e adaptada como metodologia de análise do poder; o dispositivo de guerra emerge como tecnologia que lida com forças que funcionam sob a ordem do confronto, da luta de umas com as outras. Defert afirma que o *Vigiar e punir* (1975) é uma síntese de todo o trabalho que foi desenvolvido no período em questão (1970-76) que é o período da *genealogia de guerra*; o que possibilita pensar que a análise foi dedicada à apresentação do protótipo de dispositivo de guerra que permeia as instituições disciplinares. Busca-se identificar o grau de similitude entre os dispositivos protótipo e derivados; discorrer sobre o objeto-alvo dos dispositivos disciplinares que são as forças do corpo; inferir a dinâmica que opera entre um dispositivo e o corpo de um indivíduo; investigar em que medida a genealogia, os dispositivos de guerra e as forças belicosas do corpo estão relacionadas, e como o indivíduo pode participar ativamente deste conflito e reverter as suas perdas de autonomia. Pressupõe-se que o disciplinamento dos corpos envolva historicamente uma declaração de guerra sobre os degenerados sociais e de forças organizadas e direcionadas contra as forças do corpo para sujeitá-las e alienar gradativamente a liberdade dos indivíduos. Portanto, *Vigiar e punir* se centra como fundamento de apresentação dos dispositivos que nasceram da guerra, se fazem na guerra e são direcionados para a guerra. As instituições disciplinares com o intuito de usar o mínimo de violência o possível, a migraram para o nível micropolítico de manejo da subjetividade dos indivíduos.

**Palavras-chave:** Dispositivo. Guerra. Forças. Instituições. Corpo

## RÉSUMÉ

La publication intégrale des cours de la petite enfance de Foucault au Collège de France permet d'explorer la thèse de Daniel Defert selon laquelle la période entre les cours *Leçons sur la volonté de savoir* (1970) et l'écrit *Histoire de la sexualité : La volonté de savoir* (1976) présente des informations susceptibles de modifier le Regard que l'on a sur la production intellectuelle de Foucault. A cette époque, la généalogie s'annonce et s'adapte comme méthodologie d'analyse du pouvoir ; le dispositif de guerre apparaît comme une technologie qui traite de forces qui fonctionnent sous l'ordre de l'affrontement, de la lutte des uns avec des autres. Defert affirme que l'écrit *Surveiller et punir* (1975) est une synthèse de tous les travaux qui ont été développés dans la période en question (1970-1976) quelle est la période de guerre ; ce qui permet de penser que l'analyse était consacrée à la présentation du prototype du dispositif de guerre qui imprègne les institutions disciplinaires. Il cherche à identifier le degré de similarité entre le prototype et les dispositifs dérivés ; discuter de l'objet cible des dispositifs disciplinaires que sont les forces du corps ; déduire la dynamique qui opèrent un appareil et le corps d'un individu ; rechercher dans quelle mesure généalogique, les dispositifs de guerre et les forces belliqueuses du corps sont liés, et comment l'individu peut participer activement à ce conflit et inverser ses pertes d'autonomie. On suppose que la discipline des corps passe historiquement par une déclaration de guerre aux dégénérés sociaux et des forces organisées et dirigées contre les forces du corps pour le soumettre et progressivement aliéner la liberté des individus. Ainsi, *Surveiller et punir* est centré sur la présentation des dispositifs nés de la guerre, fabriqués en temps de guerre et orientés vers la guerre. Les institutions disciplinaires, avec l'intention d'utiliser le moins de violence possible, ont migré au niveau micropolitique du traitement de la subjectivité des individus.

**Mots-clés :** Dispositif. Guerre. Forces. Institutions. Corps

## ABSTRACT

The complete publication of Foucault's early childhood courses at the Collège de France makes it possible to explore Daniel Defert's thesis according to which the period between the courses *Lectures on the will to know* (1970) and the writing *The history of sexuality 1: the will to knowledge* (1976) presents information likely to modify the look that we have on Foucault's intellectual production. At a time, genealogy was announced and adapted as methodology for analyzing power; the dispositive of war appears as a technology that deals with forces that operate under the order of confrontation, of the struggle with each other. Defert affirms that the writing *Discipline and punish* (1975) is a synthesis of all the works that were developed during the period in question (1970-1976) which is which the war period; suggests that the analysis was devoted to the presentation of the prototype of the dispositive of war that permeates the disciplinary institutions. It seeks to identify the degree of similarity between the prototype and the derived dispositive; discuss the target object of the disciplinary dispositive that are the forces of the body; to deduce the dynamics which operate an apparatus and the body of an individual; research to what extent genealogical, war dispositive and the bellicose forces of the corps are linked, and how the individual can actively participate in this conflict and reverse his loss of autonomy. We suppose that the discipline of bodies historically involves a declaration of war on social degenerates and forces organized and directed against the forces of the body in order to submit it and progressively alienate the freedom of individuals. Thus, *Discipline and punish* is centered on the presentation of dispositive born of war. Disciplinary institutions, with the intention of using as little violence as possible, have migrated to the micropolitical level of dealing with the subjectivity of individuals.

**Keywords:** Dispositive. War. Strengths. Institutions. Body

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 - MÉTODO E OJETO DA GENEALOGIA DE GUERRA .....</b>	<b>19</b>
1.1 A GENEALOGIA COMO MÉTODO E ESTRATÉGIA.....	21
1.2 A MORFOLOGIA DA VONTADE DE SABER.....	28
1.3 AS HIPÓTESES DA GUERRA.....	31
1.3.1 A hipótese agonística.....	32
1.3.2 Hipótese repressiva .....	34
1.4 O DISPOSITIVO GERAL.....	36
<b>CAPÍTULO 2 - A GENEALOGIA DE GUERRA .....</b>	<b>40</b>
2.1 IDENTIFICANDO O INIMIGO .....	41
2.1.1 A exclusão da lepra .....	41
2.1.2 Compelle intrare.....	47
2.1.3 A “inclusão” da peste .....	50
2.2 A EMERGÊNCIA DAS TECNOLOGIAS DE GUERRA .....	53
2.2.1 O monumento ciclópico .....	55
2.2.2 Decodificação das tramas .....	57
2.2.3 A invenção do dispositivo de guerra .....	58
2.2.4 Os elementos, a função e as tramas .....	58
2.2.5 Capacidades de fazer ver e falar .....	60
2.3 O CAMPO DE BATALHA.....	62
2.4 A MICROFÍSICA DOS EMBATES .....	66
2.4.1 Das batalhas .....	66
2.4.2 Dos saberes bélicos .....	68
<b>CAPÍTULO 3 - CONTRAPODER.....</b>	<b>75</b>
3.1 A INSURREIÇÃO DAS FORÇAS.....	77
3.2 MICROPOLÍTICA .....	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>84</b>

## INTRODUÇÃO

No prefácio de seu primeiro grande escrito<sup>1</sup> *História da loucura na Idade Clássica* (1961), Foucault considera que o prefácio de um texto contém uma certa imposição interpretativa do autor-escritor ao “leitor”. Por isso, ele escreveu aquele prefácio com reservas porque não concebia quaisquer ditos ou escritos como de domínio de alguém, como próprio de algum emissor. Ele suspende provisoriamente algumas discussões como, por exemplo, a análise histórico-sociológica do sujeito que escreve<sup>2</sup>, ou seja, a situação do emissor de uma dada interpretação da realidade e foi ainda mais radical em afirmar que a linguagem não se funda no ser humano<sup>3</sup> para que se declare um dito ou um escrito como “meu pensamento”. Contra a lógica convencional que afirma a linguagem como uma criação humana, uma arte, uma *techné* e a inverte para dizer que o humano é produto da linguagem. A linguagem não pertence ao humano porque possui fundamento em uma necessidade que antecede o humano e, por isso, ela é autônoma e garante que os sujeitos se apropriem dela e tenha sua própria interpretação como num jogo infinito de espelhos<sup>4</sup>. A linguagem possui seus próprios meios de desenvolvimento de suas tramas e não há sujeito que possa se nomear produtor de seus discursos. Desta forma, Foucault não admitia a ideia de apropriação da linguagem pelo sujeito como tampouco a ideia de originalidade. Através de qualquer texto emitido, o autor-escritor transfere ao autor-leitor o direito de coparticipação e continuidade porque assim o quer a linguagem, quer continuar existindo e não a ser limitada<sup>5</sup>. A linguagem

---

<sup>1</sup> “A palavra ‘obra’ e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas quanto a individualidade do autor.” FOUCAULT. “O que é um autor?”. **Bulletin de la Société Française de Philosophie**. 1969, p. 85.

<sup>2</sup> SOUZA, Bianca K. Que importa que fala? O desaparecimento do autor segundo Michel Foucault. **Intuitio**. Porto Alegre, 2011, pp. 123-124.

<sup>3</sup> De forma semelhante a Nietzsche, Foucault despreza a concepção de uma preexistência de um sujeito de conhecimento, um sujeito autônomo e que se guia a partir da verdade objetiva como preza os filósofos. Ele inverte as lógicas apresentando um sujeito que é investido pelo conhecimento, pela linguagem, pelas formas de saber que constituíram o humano ao longo da história: “Em Nietzsche, parece-me, encontramos efetivamente um tipo de discurso em que se faz a análise histórica da própria formação do sujeito, a análise histórica do nascimento de um certo tipo de saber, sem nunca admitir a preexistência de um sujeito de conhecimento” (FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. Roberto Cabral de Melo e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005, p. 13).

<sup>4</sup> “A linguagem, sobre a linha da morte, se reflete: ela encontra nela um espelho; e para deter essa morte que vai detê-la não há senão um poder: o de fazer nascer em si mesma sua própria imagem em um jogo de espelhos que não tem limites” FOUCAULT. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 48.

<sup>5</sup> “[...] nada pode limitá-la – nem aquele a quem ela se dirige, nem a verdade do que ela diz, nem os valores ou sistemas representativos que ela utiliza; [...] e o sujeito que fala não é mais a tal ponto o responsável pelo discurso [...] quanto à inexistência, em cujo vazio prossegue sem trégua a expansão da infinita linguagem” *Ibid.*, p. 220.

apenas passa pelo ser humano, o atravessa, o utiliza como meio para continuar existindo e se desenvolvendo ao infinito; ao infinito da linguagem.

Segundo o critério desta visão da linguagem a que Foucault se adere, embebida de exterioridade<sup>6</sup>, não há importância alguma naquele que fala, mas naquilo que é enunciado<sup>7</sup> - embora não haja impedimento para reconhecer os que serviram como intermediários neste processo. Os textos acadêmicos atualmente se apresentam como colcha de retalhos discursivos que possui histórias de batalhas entre enunciados. Dos resultados dos embates estes retalhos são repassados adiante e se dispõem a novo embates discursivos sem termo<sup>8</sup>; a história da filosofia e dos pensadores é uma longa corrida de bastões em que um autor-escritor repassa a outro sucessivamente a continuação dos processos<sup>9</sup>. Os textos nos chegam como o pensamento de alguém, mas ele esconde toda esta jornada conflituosa, todos os confrontos reais ou mediados por simpósios, cartas, livros etc.; em nosso tempo, este pensamento apenas passará e seguirá o fluxo da linguagem, esta que está entregue a sua existência e continuidade infinita, como reflete Foucault. Portanto, embora não se possa afirmar com segurança que a linguagem tenha sido inventada na guerra, ao menos parece que a guerra está presente na relação entre determinados discursos que acabam por gerar novos discursos<sup>10</sup>. Portanto, a linguagem se faz na guerra, e como numa guerra os grupos

---

<sup>6</sup> Todo conhecimento

<sup>7</sup> “Não tento encontrar através do discurso uma coisa que seria o poder e que seria sua fonte, como em uma descrição de tipo fenomenológico ou de qualquer método interpretativo. Eu parto do discurso tal como é. Em uma descrição fenomenológica, tenta-se deduzir do discurso algo que concerne ao sujeito falante; trata-se de reencontrar, a partir do discurso, quais são as intencionalidades do sujeito falante, sobre pensamento que está se formando. O tipo de análise que eu pratico não se ocupa do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpre uma função dentro de um sistema estratégico onde o poder está implicado e pelo qual o poder funciona.” (FOUCAULT apud CASTRO, Edgardo. **El vocabulario de Michel Foucault: un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores**. Editora Prometeo. Universidad Nacional de Quilmes: Quilmes - Argentina, 2004, p. 120).

<sup>8</sup> “A linguagem, sobre a linha da morte [finalidade], se reflete: ela encontra nela um espelho; e para deter essa morte que vai detê-la não há senão um poder: o de fazer nascer em si mesma sua própria imagem em um jogo de espelhos que não tem limites” (FOUCAULT, 2009, p. 48).

<sup>9</sup> Embora Foucault fosse avesso justamente ao ensino acadêmico filosofia enquanto essa sucessão de heranças ou como Deleuze definia, uma “espécie de enrabada”, da qual apenas Nietzsche escaparia devido a ruptura que promoveu ao negar dar continuidade a uma só filosofia que havia se desenvolvido, em sua concepção, exagerada, de que toda a história da filosofia é vítima de um só pensamento: o platônico-socrático: “Hoje, fico mudo quando se trata de Nietzsche. [...] A presença de Nietzsche é cada vez mais importante. Mas me cansa a atenção que lhe prestam para fazer sobre ele os mesmos comentários que se fizeram ou que farão sobre Hegel ou Mallarmé. As pessoas que eu gosto eu as utilizo. A única marca de reconhecimento que se pode testemunhar a um pensamento como o de Nietzsche é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar. Agora, que os comentadores digam se somos ou não fiéis, isso não tem nenhum interesse.” (FOUCAULT, 1975 apud SAMPAIO, A. **Nietzsche e a História** (tese de doutorado). Salvador – Bahia: UFBA, 2014. p. 93).

<sup>10</sup> No texto *A linguagem ao infinito*, Foucault diz que para evitar a sua morte, a linguagem reinventa a si mesma através de outras representações, ou seja, ela “dobra”, “duplica” a si mesma para continuar existindo. Ele não evidencia, ao menos neste texto, a invenção da linguagem a partir da guerra e nem se há um caráter bélico



humanos se disputam por recursos para continuar existindo, com a linguagem não é diferente: ele enfrenta a si mesma para continuar existindo<sup>11</sup>. Resta a dúvida sobre a importância dos autores diante de tamanha autonomia da linguagem, mas o propósito deste trabalho segue outras veredas.

Nas conferências que compõem o texto *O que é um autor?* (1969), Foucault não afirma a inexistência do autor, mas que o autor não é um gênio que possui o domínio da linguagem, mas o contrário: a linguagem é maior que o autor, é ela quem o possui. É a partir desta humildade radical de retirar do autor a arrogância da centralidade discursiva que Foucault recomenda a seus comentadores a “caixa de ferramentas”<sup>12</sup> com seus conceitos, metodologias, teorias que permitem [re]costurar com certa liberdade os discursos da grande malha de retalhos que constitui qualquer texto, incluindo este. Ele deseja que ‘se utilizem de seus conceitos, os deforme, os faça ranger’ como fez com outros autores, em especial com Nietzsche. No entanto, este não será um texto que pode ser compreendido enquanto um campo de batalha, pois a pretensão não é questionar os posicionamentos teóricos de Foucault, mas demonstrar que o poder de determinados domínios funciona de forma bélica, seja nos discursos historiográficos, nas formações jurídicas, na formação dos saberes, em específico dos saberes disciplinantes. Isso não impede que alguns pontos sejam questionados com a finalidade de melhor compreender a abordagem foucaultiana. Embora, ao final, será mais uma “interpretação” exposta a novos confrontos, novos questionamentos e, por isso, apenas uma fotografia deste *continuum* discursivo, um momento desta infinita guerra; um texto sempre em construção.

---

nos discursos ou nas relações que estabelecem entre si e, por isso, deixa em aberto sobre as possibilidades de seu funcionamento. Sabe-se que Foucault era avesso à formulação de teorias gerais, então pode-se supor que um determinado funcionamento do saber-poder é da ordem da guerra; os saberes-poderes jurídico (teorias penais) e disciplinar são desta ordem.

<sup>11</sup> “É somente depois de terem inventado a escrita que a linguagem aspira a uma continuidade: mas é também porque ela não queria morrer que decidiu um dia concretizar-se em signos visíveis e indelévels” (*Ibid.* p.48).

<sup>12</sup> “[...] preconizada por Nietzsche e Foucault [...] é uma figura metodológica utilizada para (sic) ambos como uma maneira de ressaltar o caráter **instrumental** e **político** de uma aplicação metodológica, destacando sua **dimensão operativa**, somada à **estratégica** e ao que tange a mobilidade no emprego de **diferentes técnicas** conforme cada situação ou problema enfrentado. O conteúdo da “caixa de ferramentas” é um conjunto díspar de instrumentos metodológicos críticos estrategicamente utilizados para desmontar mitos, conceitos, enunciados, discursos, teorias, mas também, objetos concretos, práticas, dispositivos, situações, contextos históricos, modos de vida e de ser. Outro conceito desta caixa é de problematização, pois permite colocar em questão como e porque um tema emerge em determinado momento como problema a ser equacionado tanto teórica quanto praticamente por certa sociedade destacando o **caráter histórico** e **político** da formação de ‘vontades de verdade’ na cultura ocidental. Uma problematização pode referir-se ainda à estratégia metodológica singular empregada na construção e articulação de uma questão de pesquisa” (PRADO FILHO, K.; LOBO, L. F.; LEMOS, F. C. S. A história do presente em Foucault e as lutas atuais. **Fractal: Revista de psicologia**. v. 26, n. 01. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, 2008 p. 33, grifo nosso).

Foucault se dedicou ao estudo das práticas da psiquiatria e da psicologia depois de um período em que sofreu de depressão e foi internado pela família. Assim, ele foi vivenciou parte das práticas que questionou em vida. O que ele não imaginava é que este evento o tornaria um dos maiores e mais enigmáticos canais pelo qual a linguagem poderia encontrar seu fluxo. Ele nos deixou uma produção imensa e de grande importância intelectual. Sua trajetória foi marcada por uma diversidade de temas e abordagens. Foucault é, como descreve a filósofa brasileira Salma Tannus Muchail na apresentação do escrito *Foucault, simplesmente*, um pensador plural e para lidar com sua forma de pensar é preciso um certo trato com o seu pensamento<sup>13</sup>. A complexidade de seu pensamento torna difícil, senão impossível, a tarefa de realizar generalizações, e se elas existem em algum ponto de seu pensamento, ao menos são provisórias. Foucault atribuiu o desenvolvimento de sua produção às leituras de Heidegger, mas ele assume que é Nietzsche quem a possibilitou<sup>14</sup>; provavelmente ele se refere à forma em que conduziu as suas interpretações. É justamente Nietzsche o pensador que fundamenta a teoria agonística do poder-saber de Foucault<sup>15</sup>. A filósofa brasileira Scarlett Marton (1985, p. 36) identificou traços que Foucault herdou do filósofo alemão como o desinteresse por uma produção sistemática e a primazia do papel da interpretação<sup>16</sup>. Estas características fizeram com que Foucault abrisse sendeiros intermináveis e apresentasse figuras interpretativas singulares que o distingue da produção filosófica tradicional calcada no modelo socrático-platônico que Nietzsche tanto criticava<sup>17</sup>. Abarcar o todo, ou mesmo partes de seu trabalho, para realizar generalizações que possam

---

<sup>13</sup> MUCHAIL, S. T. **Foucault, simplesmente**: textos reunidos. São Paulo: Loyola, 2004. p.7.

<sup>14</sup> « Heidegger a toujours été pour moi le philosophe essentiel. J'ai commencé par lire Hegel, puis Marx, et je me suis mis à lire Heidegger [...] j'ai lu Nietzsche. J'ai encore ici les notes que j'avais prises sur Heidegger au moment où je le lisais – j'en ai des tonnes ! -, e elles sont autrement plus importants que celles que j'avais prise sur Hegel ou sur Marx. Tout mon devenir philosophique a été déterminé par ma lecture de Heidegger. Mais je reconnais que c'est Nietzsche qui l'a emporté » (FOUCAULT, M. **Dits et écrits (1980-1984) tome IV**. Paris: Éditions Gallimard, 1994c. p.703).

<sup>15</sup> O tema do agonismo será tratado na seção “1.3 Hipótese agonística” e ao longo do trabalho a sua atuação através dos mecanismos do saber-poder ficarão mais evidentes.

<sup>16</sup> “As referências de Foucault a Nietzsche estão presentes ao longo de sua obra, desde *A história da loucura* até os cursos proferidos no Collège de France em 1976 – sem mencionar artigos e entrevistas. As marcas que a leitura do filósofo deixou em seu pensamento são, sem dúvida, perceptíveis: desinteresse por uma obra sistemática, primado da relação sobre o objeto, papel relevante da interpretação, importância dos procedimentos estratégicos e até mesmo absorção da noção de genealogia”. (MARTON *In*: RIBEIRO, R. J. (Org.). **Recordar Foucault**: os textos do Colóquio Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 36).

<sup>17</sup> “O nascimento da tragédia acusa ‘o homem teórico’ Sócrates de haver aniquilado o saber trágico com a dialética – “sabemos que ele só compreendia uma única forma de arte, a fábula de Esopo”. Sócrates, “o primeiro que soube não só viver, mas, melhor ainda, morrer em conformidade com este instinto do saber”, no entanto tinha seu “grande olho ciclópico fixado na tragédia, aquele olho único que nunca brilhou com a doce loucura do entusiasmo estético” e nem sequer via que a tragédia pudesse ‘dizer a verdade’” (NIETZSCHE *apud* DEFERT *In*: FOUCAULT, 2014a, p. 248).

servir de referência, não deve ser uma tarefa fácil. É bastante comum entre os seus comentadores a divisão de sua produção em três momentos, embora utilizem termos distintos: a arqueologia do saber, a genealogia do poder e a hermenêutica do sujeito (ou ética). Esta convenção pode ser fundamentada em uma entrevista concedida em 1983 em que ele afirma que realizou uma ontologia trina (saber, poder, ética)<sup>18</sup>. Alguns comentadores reduzem as divisões em dois períodos: o arqueológico e o genealógico; afirmam que as análises da hermenêutica do sujeito seriam uma extensão da genealogia do poder, mas de um poder exercido pelo próprio indivíduo como contrarresposta às forças dos dispositivos<sup>19</sup>. Outra generalização em debate é quanto ao tema geral de suas pesquisas; uns como Silvio Gallo (2018) defendem que o tema do sujeito foi preponderante, o que pode ser fundamentado nas próprias declarações de Foucault nos últimos momentos de vida<sup>20</sup>; outros autores como Rabinow e Dreyfus insistem no poder ou na genealogia e outros como Norman Madarasz<sup>21</sup> defendem a preponderância da arqueologia como tema geral de sua trajetória acadêmica. Estas classificações podem escapar às próprias percepções do autor, inclusive a um autor-escritor tão entregue aos desígnios da linguagem e que transcende os supostos limites.

Este trabalho pretende se debruçar sobre uma parte específica de sua trajetória que se inicia em 1970, ano em que Foucault assume a cátedra de *História dos sistemas de pensamento* no Collège de France e se estende até a publicação de dois escritos: *Vigiar e punir* (1975) e *História da sexualidade: a vontade de saber* (1976), ou seja, período 1970-1976 que aqui se optou por definir como o período da *genealogia de guerra*. Neste período,

---

<sup>18</sup> “Três domínios da genealogia são possíveis. Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeitos de saber; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como agentes morais.” (FOUCAULT *apud* RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 262).

<sup>19</sup> Outros comentadores defendem uma generalização de toda a sua trajetória em uma genealogia (ou arqueogenealogia), pois ela mesma abarca a própria arqueologia.

<sup>20</sup> Cf. GALLO, S. As três fases de Foucault. 2018. Disponível em: < <https://bityli.com/ja3L9> >. Acesso em 18 fev 2022. “Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, na qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos.” (FOUCAULT *In*: DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 231)

<sup>21</sup> “[...] o autor afirma que Foucault longe de ‘rejeitar o estruturalismo e suas variantes, de fato estava desdobrando a análise estrutural através de formas não cogitadas durante a década de 1960. Se isso é verdade, então a clássica sequência temporal da obra de Foucault fica estremecida: a linha saber-poder-ética, que divide a fase arqueológica-genealógica-ética, que divide a fase arqueológica, genealógica e a ética, não tem mais funcionamento prático para definir a trajetória do autor” (SIQUEIRA, V. **Foucault como arqueólogo** - Norman Madarasz (resenha de *Foucault Arqueólogo Estrutural*). 11 fev. 2018. Disponível em: < <https://bityli.com/z4hD0> >. Acesso em: 14 abr. 2021).

Foucault apresentou uma pesquisa inédita a cada ano como era a práxis no Collège de France. Estas aulas foram transcritas e publicadas em forma de livros muito tempo depois do falecimento de Foucault<sup>22</sup>. Portanto, a pesquisa compreende trechos ou a publicação integral dos cinco volumes das aulas cursos ministrados no Collège de France e os escritos supracitados. Este período é ainda compreendido por alguns de seus comentadores como uma extensão mais madura da arqueologia, embora haja referências a introdução da genealogia como método de análise na aula inaugural que foi publicada como *A ordem do discurso* (1970) – ou seja, é quando a análise do poder começava a se tornar mais evidente. É possível também perceber esta extensão metodológica no artigo *Nietzsche, a genealogia e a história* (1971). Entretanto, é compreensível este posicionamento por dois motivos; o primeiro motivo é que a genealogia se apresenta de modo mais manifesto, devido as próprias definições de Foucault, a partir do curso *Em defesa da sociedade* e dos escritos já mencionados *Vigiar e punir* e *História da Sexualidade: a vontade de saber* que foram as únicas referências durante muito tempo. O segundo motivo é que os cursos de Foucault no Collège de France só foram publicados postumamente (em francês) a partir de 1999 com a publicação de *Os anormais* (1974-1975) e somente terminou com a publicação, em 2015, de *Teorias e instituições penais* (1971-1972)<sup>23</sup>. As únicas referências sobre este período estavam restritas a seus artigos e livros publicados por ele mesmo e alguns resumos ou textos fragmentados de seus cursos no Collège de France. Nos anos 1990, as dúvidas a respeito das concepções teóricas de Foucault puderam ser, em partes, aliviadas pela publicação da coleção *Dits et écrits I-IV*. Portanto, é compreensível que ainda veiculem livros e artigos que tomem *Vigiar e punir* e *A vontade de saber* como marcas do início da introdução da genealogia como método de análise. Uma das pretensões deste trabalho é reconhecer parte

---

<sup>22</sup> A demora em publicar está relacionada ao seu desejo testamentário de que não houvesse nenhuma publicação póstuma: “Pas de publication posthume”, disse ele. No entanto, seu herdeiro legal e companheiro com quem dividiu 20 anos de sua vida, Daniel Defert, iniciou uma empreitada de publicações sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana. “Foucault était absolument opposé à l’idée de **constituer une œuvre**. Je me souviens de Marguerite Yourcenar, disant écrire même si elle n’était pas publiée, pour la postérité : cela faisait rigoler Foucault qui se souciait peu de la postérité s’il n’était pas là pour dialoguer » (BELLON, G. “Je crois au temps...” Daniel Defert légataire des manuscrits de Michel Foucault. *Revue Recto/Verso*. n. 1. Juin/2007. p. 01, grifo nosso).

<sup>23</sup> Todas publicações **completas** dos cursos de Foucault no Collège de France do período alvo deste trabalho, o período da *genealogia de guerra* (1970-1976) foram publicados entre 1997 (*Em defesa da sociedade*, 1975-1976) e 2015 (*Teoria e instituições penais*). De toda a sua produção *As confissões da carne*, quarto volume da *História da sexualidade*, foi o último a ser publicado, em 2018. (THÉRIAULT, M. Compte rendu. *Philosophiques*. v. 45, n. 02, Automne 2018, p. 555). Houve tentativas anteriores de publicar os cursos, mas eram ou ilegais ou apenas resumos. (DEL VENTO, Christian ; FURNEL, Jean-Louis. L’édition des cours et les « pistes » de Michel Foucault. *Laboratoire Italien : Politique et société*. n. 07. Philologie et politique, 2007).

dos traços que evidenciem a presença da genealogia neste período e o caráter bélico do poder-saber ou de seus dispositivos bem como da própria genealogia que é uma tecnologia bélica.

A importância de se pesquisar sobre o período da *genealogia de guerra* pode fundamentar o que já se suspeitava quando se tinha acesso apenas à *A ordem do discurso* e a *Nietzsche, a genealogia e a história*. A referência de que a genealogia se apresenta no primeiro ano de Foucault no Collège de France supõe uma vertente interpretativa mais incisiva. Talvez os trabalhos que estejam sendo feitos sobre este período possam reformular o que se sabe sobre a trajetória de Foucault, modificando o olhar sobre a sua produção intelectual, embora possa ser difícil que isso aconteça, pois os *Dits et écrits I-IV* podem não definir de forma clara o suficiente, mas ajudam a se ter uma ideia de seu pensamento e de suas intenções neste período em questão. Pode ser revelado também com maior propriedade a influência de Nietzsche sobre Foucault. Outro ponto importante é a possibilidade deste período apresentar peculiaridades que o diferencie dos sucessivos períodos genealógicos. Embora de antemão se parta do pressuposto teórico de um dos comentadores de Foucault de que há uma diferenciação clara, pretende-se evidenciar os pontos de distinção. Também era uma pretensão deste trabalho que estas pautas fossem tratadas a fundo neste trabalho, mas esta empreitada exige um trabalho mais extenso e pormenorizado; o que aqui foi exposto não é insuficiente para se chegar a uma conclusão, mas muito ficou por ser explorado. Foi escolhido um recorte temporal que aparentemente não é longo, mas que apresenta uma das fases mais intelectualmente produtivas de Foucault e por ser um dos pensadores mais conhecidos e comentados ele se torna muito prolífico.

O *dispositivo de guerra*, conceito elaborado por Daniel Defert, cônjuge de Foucault em vida por mais de 20 anos, é a centralidade deste trabalho. É uma das chaves que auxilia na compreensão da dinâmica das forças que se apresenta em *Vigiar e Punir* e do teste que Foucault colocou a prova no curso *Em defesa da sociedade*. Defert é um bom conhecedor da trajetória e de sua produção intelectual de Foucault, pois é ele quem detém os direitos autorais de suas produções e que as publicou<sup>24</sup>, tendo que ler, revisar e acompanhar todo o processo. Ele afirma que o curso *Aulas sobre a vontade de poder (1970-71)*<sup>25</sup> abre o período

---

<sup>24</sup> Boa parte destas publicações foram feitas sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana.

<sup>25</sup> Defert opta por reduzir o título de *Aulas sobre a vontade de saber* e de *História da sexualidade: a vontade de saber* em *A Vontade de saber* para evidenciar o trecho que possuem em comum, mas mais que isso, que guardam semelhanças que vão para além do título; que são produções intimamente conectadas. ZANCARINI, Jean-Claude (Org.) ; BERTANI, M. *et al.* : **Lectures de Michel Foucault** : à propos de “Il faut défendre la société”. v. 1. Lyon : ENS Éditions, 2001. pp. 59-60.

genealógico mais evidente na produção foucaultiana e sob o funcionamento da guerra e *História da sexualidade: vontade de poder* (1976) encerra este período<sup>26</sup>; portanto, elas se consolidam, para ele, como abertura e encerramento de um tema que ele vinha desenvolvendo nas aulas do Collège de France; tema que está diretamente ligado ao poder disciplinar e outras formas de saber-poder permeadas pelos confrontos aguerridos<sup>27</sup>. Em 1977, Foucault realiza um ano sabático e retorna com uma outra proposta de pesquisa no ano seguinte que é a de estudar sobre a governamentalidade e a biopolítica. Portanto, se pode alegar que há uma divisão entre o antes e o depois destas análises-luta que ele empreendeu. Apesar de Foucault não pretender estabelecer uma sistematicidade em cada uma de suas pesquisas e possivelmente entre elas<sup>28</sup> - ao menos não com o objetivo de se obter uma interpretação generalista e definitiva da realidade – se pode identificar alguns traços que ligam as pesquisas realizadas durante este período. Defert afirma que não é uma coincidência que as produções supracitadas levem o mesmo nome, pois é um período em que se evidencia a influência de Nietzsche no filósofo francês do início ao fim; ele homenageia o pensador que o inspirou através do título que remete à um de seus conceitos: *vontade de poder*. A adoção da genealogia como método de análise também é uma evidência da influência a partir da *Genealogia da moral* (1887), ainda que ele tenha desenvolvido e adaptado o método<sup>29</sup>.

Uma influência de Nietzsche sobre Foucault que é central para este trabalho é a concepção de poder. Ele baseia a constituição de um certo domínio de poder de forma semelhante, mas não a mesma, concepção nietzscheana de *Vontade de Potência*. Este poder que constitui os saberes e práticas disciplinares a partir do século XVIII, os discursos historiográficos produzidos entre os séculos XVI e XVIII, o primeiro nascimento do inquérito ainda no período arcaico da Grécia antiga, as formações e relações entre os saberes etc. Certos domínios apresentam um poder que funciona sob a ordem do confronto, da luta entre forças e entre discursos que Foucault denomina, não obstante, de *hipótese de Nietzsche*.

---

<sup>26</sup> As produções tem em comum a descrição vontade de saber como marca que também caracteriza este período, pois Foucault disse na primeira aula de Aulas sobre a vontade de saber que o vinha fazendo até então e o que pretendia fazer nos próximos anos eram trabalhos “fragmentos para uma morfologia da vontade de saber”. (FOUCAULT, M. **Aulas sobre a vontade de saber**: curso no Collège de France. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014a, p. 03)

<sup>27</sup> ZANCARINI, 2001, pp.59-60.

<sup>28</sup> Ele mesmo reconhece que suas pesquisas são pontos profundos e muito próximos uns dos outros, mas não necessariamente conectados: “Eram pesquisas muito próximas umas das outras, sem chegar a formar um conjunto coerente nem uma continuidade; eram pesquisas fragmentárias, nenhuma das quais chegou finalmente a seu termo, e que nem sequer tinham sequência; pesquisas dispersas e, ao mesmo tempo, muito repetitivas, que caíam no mesmo ramerrão, nos mesmos temas, nos mesmos conceitos” (FOUCAULT, 2010, p. 05).

<sup>29</sup> MUCHAIL, 2004. p. 07.

Esta concepção de poder é citada em *Em defesa da sociedade* e serve de parâmetro básico para compreender o objeto de interesse que é, nas palavras de Foucault, a filigrana que subsiste em certos domínios responsáveis pelo desbloqueio da produção de um poder positivo<sup>30</sup>, ou seja, eficiente. Em um dos domínios em que opera o poder sob a ordem da guerra é o corpo dos indivíduos, mas não partir dele e sim no confronto contra as forças dos dispositivos de poder que incidem e atravessam os corpos dos indivíduos. O corpo é o lugar que se constitui como campo de batalha onde as forças rebeldes enfrentam as forças racionalizadas. Deste confronto emerge a alma dos indivíduos, a subjetividade modelada pelas técnicas de poder. É compreendendo este jogo entre as forças que se pode controlar os indivíduos.

O escrito *Vigiar e punir* possui importância capital para a análise dos elementos ou traços do *dispositivo guerra*, anunciado por Defert, e que supostamente seria o protótipo que derivaria os vários dispositivos disciplinantes que agem em partes específicas da alma humana. O próprio Defert afirma que o escrito é um resumo de toda a produção de Foucault do período da *genealogia de guerra* e, conseqüentemente, apresenta os traços que as instituições disciplinares tem em comum. Para alcançar o objetivo de tratar sobre como este funcionamento do poder emerge, ou melhor, como ele é utilizado, serão analisados nas próximas seções.

No **capítulo 1**, será abordado de forma breve o que é a genealogia enquanto método utilizado por Foucault e suas análises no período em questão. Também serão abordadas as teorias agonística (*hipótese de Nietzsche*) e repressiva (*teoria de Reich*) como possibilidades de funcionamento do poder. As hipóteses de Nietzsche e de Reich serão exploradas no mesmo capítulo. No **capítulo 2**, o mais longo deles, será abordada a genealogia da guerra que é uma análise detalhada da emergência e do funcionamento do *Panóptico* enquanto tecnologia de guerra com a intenção de dominar as forças indômitas do corpo dos indivíduos. No texto *Foucault leitor de Nietzsche*, Scarlett Marton<sup>31</sup> discute sobre o papel da interpretação na abordagem foucaultiana e também como isso está ligado à genealogia e, conseqüentemente, à teoria das forças. Ela resgata a discussão sobre a diferença entre os termos invenção (*Erfindung*) e descendência (*Abkunft*) que caracterizam o nascimento de

---

<sup>30</sup> O poder positivo é aquele produzido e utilizado através dos dispositivos a partir da transformação do poder selvagem que pululam nos corpos dos indivíduos em um poder útil. Trata-se de uma economia do poder que otimiza as forças em função dos propósitos dos dispositivos disciplinares.

<sup>31</sup> MARTON. **Foucault leitor de Nietzsche**. In: RIBEIRO, 1985, p. 36-46.

algum mecanismo de poder. Os termos utilizados por Foucault são apropriações de Nietzsche e, por isso, são palavras alemãs. Estes termos são essenciais para compreender a constituição, a função, a finalidade e a do *dispositivo de guerra*. Este itinerário pode contribuir para identificar se é possível afirmar que os dispositivos disciplinares possuem sentido bélico, se funcionam por um poder de guerra. A identificação se trata de perceber quanto a dinâmica estabelecida entre os elementos do dispositivo, a efetividade da interação, a intervenção do dispositivo sobre o corpo e dos efeitos de poder a partir do funcionamento destes dispositivos. Não somente o *dispositivo de guerra* possui como a guerra como critério de inteligibilidade, a própria análise genealógica compartilha desse funcionamento. A genealogia é desvelar as relações entre os elementos que constituem um determinado dispositivo, é a narrativa que conta a história das batalhas.

A invenção do dispositivo de guerra possui uma história que perpassa dois modelos de dominação originados de políticas de saúde da Idade Média e da Idade Clássica. Estes modelos são o de exclusão da lepra e o de “inclusão” da peste. Em algum momento estes modelos se aproximam para a formação do monumento ciclópico que, a partir de então, passou a constituir as diversas instituições disciplinares. Portanto, o ideal é falar em panópticos, pois o modelo se transmuta em diversos outros, mas com objetivos similares. Esta genealogia é uma história do processo de refinamento dos mecanismos de poder que fundaram a nossa Modernidade. Apesar do poder disciplinar ter de destravado no século XVIII, ele ainda continua presente em nosso cotidiano produzindo cisões, separações, classificações etc. Embora não possamos dizer que vivemos em tempos de uma sociedade disciplinar como foram os séculos XVIII e XIX, de observar a preponderância deste tipo de funcionamento do poder, não se pode negar a persistência dos dispositivos disciplinares na atualidade.

Será exposto como os dispositivos funcionam como grandes microscópios que evidenciam os detalhes do corpo, de seus movimentos e comportamento e que têm como alvo a alma do indivíduo. Em outras palavras o real objeto de análise e de transformação dos dispositivos é a produção da subjetividade humana. Para compreender a interação que se estabelece entre dispositivo disciplinar e corpo, será investigado o que são as forças que compõem o corpo e, posteriormente, a dinâmica do poder que os dispositivos investem sobre



o corpo. Será explorada a temática do *Panopticon* enquanto máquina que faz ver e falar<sup>32</sup> por permitir observar, registrar e examinar os indivíduos com a finalidade de transformar suas forças rebeldes em forças sujeitadas politicamente, mas úteis economicamente. Salientar como os efeitos das aplicações de técnicas e estratégias podem ser positivos ou negativos. Demonstrar como o controle destas tecnologias disciplinadoras sobre o corpo é alienação lenta e progressiva da autonomia do sujeito. Será explicado como um indivíduo pode ser controlado por diferentes dispositivos disciplinares sem que os princípios de uns se choquem com os de outros.

A micropolítica é o conhecimento mais profundo e refinado sobre o controle das almas. Portanto, no **capítulo 3** será discutida a possibilidade de reversibilidade ou resistência dos indivíduos aos efeitos dos dispositivos disciplinares, ou seja, ao poder hegemônico; de que forma o sujeito passa de espólio de guerra sujeitado para herói que reage, se refaz e constrói a si próprio através do contrapoder. A possibilidade de reversão se apoia na inversão da proposição de Clausewitz “A guerra é a política continuada por outros meios”. É através dos discursos que nos constituímos e constituímos a sociedade em que vivemos: “[...] o discurso organiza não somente a si mesmo, mas também as práticas sociais e as instituições” (RABINOW; DREYFUS, 1995, p. X, prefácio).

---

<sup>32</sup> « Como o poder seria mais leve e fácil, sem dúvida, de dismantelar se ele não fizesse senão vigiar, espreitar, surpreender, interditar e punir, mas ele incita, suscita, produz; ele não é simplesmente orelha e olho; ele faz agir e falar” FOUCAULT,

## CAPÍTULO 1 - MÉTODO E OBJETO DA GENEALOGIA DE GUERRA

*“Nenhuma guerra pode ser vencida sem a  
compreensão precisa dos objetivos e da  
disponibilidade de meios, ou sem o cálculo  
racional das capacidades e das oportunidades”*  
CLAUSEWITZ

As análises de Foucault não são lineares e nem diacrônicas; são dispersas, localizadas em pontos que parecem desconectados entre si, são desenvolvimentos que se bifurcam, se reforçam e muitas vezes são inconclusivos. Não seria possível começar de um ponto determinado, pressupondo um início, e apresentar um desenvolvimento sem perturbações e sem lacunas que ele mesmo deixou por não encontrar conclusões para estas questões. Seus desenvolvimentos tampouco são estáticos ou pétreos, seus escritos não pretendem ser cristalizações de histórias. Pode-se dizer que a produção de Foucault é dinâmica, pois está aberta a uma (re)interpretação contínua<sup>33</sup>. Por diversas vezes Foucault reconsiderou partes de sua produção e considerou que novas dinâmicas poderiam modifica-las fossem por sua parte ou pela parte de seus comentadores. Em seu testamento deixou claro que não permitia publicações póstumas por não estar presente no debate público para poder se justificar ou contrapor<sup>34</sup>.

No Collège de France havia a tradição de desenvolver uma pesquisa diferente a cada ano e de forma alguma isso foi uma dificuldade para Foucault que já havia analisado diversos domínios quando do período arqueológico<sup>35</sup>. Seus deslocamentos temáticos durante os seus cinco primeiros anos na instituição demonstram uma certa conexão entre si que fica mais evidente apenas com a publicação do escrito *Vigiar e punir* em 1975, por se constituir como

---

<sup>33</sup> Foucault, inspirado em Nietzsche, era adepto à exterioridade da linguagem. Nesta concepção não há uma interpretação final e absoluta: “Foucault vê a interpretação como  **tarefa infinita**  e liga seu caráter sempre inacabado a dois outros princípios: se ela não pode acabar, é porque não há nada a ser interpretado (todo *interpretandum* já é um *interpretans*); e como ela não acaba, acha-se obrigada a voltar-se sobre si mesma (toda interpretação é levada a interpretar-se)” (MARTON *In*: RIBEIRO, 1985, p. 38, grifo nosso).

<sup>34</sup> « Le cheminement qui conduit au projet de publication intégrale des cours montre combien, dans la question très philologique du statut de l’enseignement oral et des modalités légitimes de son éventuelle transcription et diffusion écrite, se mêlent des considérations politiques (comment les cours peuvent servir la pensée d’un auteur et défendre sa présence dans le champ du débat public) et juridiques fondamentales (d’un côté, le respect des dispositions de l’auteur, qui dans le cas d’espèce ne voulait pas qu’on lui fit après sa mort “le coup fait à Kafka” en publiant des textes inédits, de l’autre, le respect des droits des héritiers) » (DEL VENTO; FOURNEL, 2007, p. 02).

<sup>35</sup> “Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo” (FOUCAULT, 2008a, p. 20). Embora o contexto de onde a citação foi extraída seja um pouco diferente, ela serve para o propósito de reforçar a ideia do dinamismo da produção de Foucault.

compêndio dos estudos que vinha desenvolvendo. O que caracteriza este período? Que conexão exatamente suas diferentes análises deste período possuem entre si?

## 1.1 A GENEALOGIA COMO MÉTODO E ESTRATÉGIA

No curso *Em defesa da sociedade*, na primeira aula Foucault fala sobre o soterramento de saberes que acontece no processo de validação de um determinado saber como científico. Certos conhecimentos são inferiorizados, “mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais” constituídas para silenciá-los. Foucault se apoia nos conteúdos históricos para evidenciar estes saberes:

E pura e simplesmente porque apenas os conteúdos históricos podem permitir descobrir a clivagem dos enfrentamentos e das lutas que as ordenações funcionais ou as organizações sistemáticas tiveram como objetivo, justamente, mascarar. Portanto, os “saberes sujeitados” são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pôde fazer reaparecer pelos meios, é claro, da erudição. FOUCAULT, 2010, p. 08

Esconde-se na estrutura de qualquer saber erudito um saber histórico das lutas que se travaram entre os conhecimentos eruditos e saberes particulares, locais, regionais etc. São saberes que foram desqualificados, devorados e acoplados pelos saberes eruditos que aparentemente demonstram uma harmonia discursiva. Foi a emergência de saberes como “o do psiquiatrizado, o do doente, o do enfermeiro, o do médico” etc. que suscitaram a crítica aos saberes eruditos. A genealogia é o método que permite desencavar estas estruturas e revelar o histórico dos combates. Ela esfacela um saber erudito para acoplar a ela mesma as memórias dos combates que “permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais”<sup>36</sup>. A genealogia dá voz a estes saberes locais, não legitimados, descontínuos, desqualificados “contra a instância teórica unitária que pretendia filtrá-los, hierarquiza-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro”. Desencadeia-se a reviravolta dos saberes contra um poder centralizador ligado tanto ao funcionamento dos discursos científicos quanto a instituições, no caso disciplinares. De forma emblemática, o próprio método genealógico é ao mesmo tempo meio de recrutamento de forças através dos discursos antes silenciados. O desvelamento do histórico dos embates discursivos é o próprio alistamento destes discursos para usos em táticas de combate contra os saberes hegemônicos. Para se dispor a um combate é antes preciso conhecer o inimigo.

---

<sup>36</sup> FOUCAULT, 2010, p. 08.

A genealogia que se aplica ao domínio do que Foucault denominou de “saberes locais, regionais” ou “saberes das pessoas”<sup>37</sup> apresenta um funcionamento bélico, uma operação de apropriação. Assim como os saberes disciplinares, que serão trabalhados mais adiante, integram em si pedaços de materiais e processos sem relação entre si para controlar as forças do corpo, a genealogia despoja estes saberes para converter a si mesma em potência. Puro espólio de guerra. Defert diz que o curso *Aulas sobre a vontade de saber* é a marca da emergência da genealogia enquanto análise em termos de guerra e de raças. A que se deve este funcionamento da genealogia?

De certa forma, durante seu primeiro ano de ensino no Collège de France, em 1971, Foucault anuncia a aplicação de uma metodologia original, a qual pode não ter sido suficientemente apreendida na apresentação deste curso. Parece-me que agimos como se este curso sobre a guerra ou sobre a análise do poder, sobre o racismo. Mas na verdade este curso não foi dedicado à análise da guerra, nem dedicado ao racismo – e Foucault diz claramente – ele é dedicado ao aparecimento desta forma de análise em termos de guerra e de raças. Isso absolutamente não é a mesma coisa. (DEFERT In: ZANCARINI; BERTANI, 2001, p. 59)<sup>38</sup>

Neste ponto do texto pode-se supor que é redundante o termo *genealogia de guerra*, que foi escolhido para definir o período que interessa a este trabalho (1970-1976), pois ao que indicam as leituras que compreendem as produções deste período se entende que a própria genealogia é realizada em termos de guerra. Além de ser intencional que se evidencie o funcionamento bélico do método de análise empregado, também é intencional que se evidencie a sua função de revelar o histórico das lutas que se travaram ao longo da constituição dos saberes. Em 1977, Foucault abandona o foco na análise em termos de guerra para adotar a análise em termos do “governo”:

O poder, no fundo, é menos da ordem do enfrentamento entre dois adversários, ou do engajamento de um em relação ao outro, do que da ordem do "governo". [...] Portanto, o modo de relação própria ao poder não deve ser procurado nem do lado da violência e da luta, nem do lado do contrato e do laço voluntário (que não são mais que seus instrumentos): mas do lado desse modo de ação singular - nem guerreiro nem jurídico - que é o governo. (FOUCAULT In: RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 243-244).

Supõe-se que ele tenha adotado um novo tipo de genealogia que não renega a existência do funcionamento de forças sob a ordem da guerra em determinados domínios e

---

<sup>37</sup> No mesmo sentido que « sobre as pessoas ».

<sup>38</sup> ZANCARINI, Jean-Claude (Org.) ; BERTANI, M. et al. : **Lectures de Michel Foucault** : à propos de “Il faut défendre la société”, p. 59.

talvez até mesmo não renegue a guerra como um dos funcionamentos da genealogia, ainda que não o prioritário para as análises do período histórico e os domínios que ele se empreendeu a analisar a partir de então. Foucault teria reconhecido que o próprio Estado, instância de produção do poder sob a ordem do governo, se utiliza do poder disciplinar e ergue-se sobre ele<sup>39</sup>. Esclarecido este ponto, se segundo Defert (2001, p. 59-60), as análises realizadas durante o período da *genealogia de guerra* no Collège têm relação entre si, que relação é esta? Existe algum substrato comum do qual se erigiram os diferentes saberes que Foucault se propôs a analisar ou é a metodologia empregada que é a mesma e os faz se assemelharem? Será ambas as possibilidades já que a genealogia se constitui a partir do desencavar e do evidenciar do histórico dos combates?

Defert defende a tese de que no curso *Aulas sobre a vontade de saber* e o escrito *História da sexualidade: a vontade de saber* tem em comum a inscrição “vontade de saber” não aleatoriamente, pois eles marcam o início e o “fim” do período<sup>40</sup> das análises de uma morfologia da vontade de saber. Foucault (2014a, p. 03) admite no princípio do curso *Aulas sobre a vontade de saber* que o vinha fazendo até então e o que pretendia fazer nos próximos anos eram trabalhos “fragmentos para uma morfologia da vontade de saber”. Para Defert (2001, p. 59), Foucault anuncia a genealogia enquanto projeto que anima os cursos a partir de então<sup>41</sup>. Os cursos no Collège de France, não somente do período da *genealogia de guerra*, mas de toda a década de 1970, se distinguem pela maior evidência da genealogia. Ainda que alguns comentadores de Foucault preferiram não categorizar suas produções por gerar as mais diversas interpretações sobre as características e a duração de cada um dos períodos, ao menos é mais comum que foram três períodos. Dividem as décadas de 50 e 60 como o *período arqueológico*, a década de 70 na íntegra como o *período genealógico* e a década de 80 como o *período da ética* ou da *hermenêutica do sujeito*. Foucault ao final de sua trajetória reconheceu que sua produção pode ser compreendida por três domínios ou eixos:

Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmo em relação à verdade através da

---

<sup>39</sup> FOUCAULT, 200b, p. 28-29.

<sup>40</sup> Parte-se da definição do período da *genealogia de guerra* que se diferencia dos demais períodos e do fato de que a genealogia adotada após o retorno de Foucault do ano sabático (1977) é mais da ordem do governo que da ordem da guerra.

<sup>41</sup> Em 1970, Foucault ministra uma aula inaugural que foi transcrita e atualmente é veiculada com o nome de *A ordem do discurso*. Apesar de que nesta aula ele anuncia algo de novo que está por vir e de evidenciar o poder como o novo objeto de análise, ele não deixa suficientemente claro qual o seu método de análise a partir de então.

qual nos constituímos como sujeitos de saber; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como agentes morais (FOUCAULT In: DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 262.)

Há ainda alguns comentadores que arrisquem a afirmar que o período da *ética* - que compreende a sua curta produção na década de 1980 – também pertence a genealogia. Os comentadores fazem referências a este período (década de 1970) como “o segundo Foucault” ou “a fase genealógica de Foucault”. Foucault afirma e é verificável que a abordagem sobre o poder já estivesse presente em suas falas durante o período anterior nomeado como “o primeiro Foucault” ou “fase arqueológica de Foucault”, embora não fosse o foco de suas análises. Faz-se necessário apontar este detalhe que Defert provavelmente se descuidou<sup>42</sup> ou não evidenciou em sua perspectiva ao compor o quadro alternativo sobre a trajetória de Foucault. Foucault reconhece, em 1984, que a genealogia esteve sempre presente em sua produção desde o início de sua trajetória<sup>43</sup>, mesmo que de forma confusa em *História da loucura* e não muito evidente em sua “fase arqueológica”. Pode ser o caso de que Foucault, em 1970, não era consciente de que a genealogia sempre esteve presente; possivelmente ele acreditava que a inaugurava naquele ano. A aplicação da genealogia enquanto método de procedimento não significou uma ruptura com o método da arqueologia; ela foi integrada à genealogia, fazendo parte do processo genealógico. Quando a genealogia de Foucault é mencionada, necessariamente se refere tanto a arqueologia quando a genealogia enquanto dimensão que se ocupa estritamente do poder como objeto de análise. A genealogia, portanto, não é a superação da arqueologia, mas o contrário, ela é a sua complementação e fundamentação<sup>44</sup>. Segundo Defert (2018, p. 221) na situação do curso De qualquer forma, é mesmo a partir de 1970, quando estende suas análises ao campo do poder, que a genealogia ganha destaque<sup>45</sup>. É a partir deste primeiro ano no Collège de France que Foucault se propõe a desenvolver análises a partir desta nova metodologia. E como a primeira metade da década de 1970 se diferencia das possíveis “outras genealogias”, esta nova fase de sua trajetória é marcada pela empreitada da *genealogia de guerra*.

---

<sup>42</sup> Defert também pode ter uma interpretação inclusive distinta da de Foucault ou pode ser que ele não tenha tido contato com uma importante declaração de Foucault quanto a presença da genealogia em sua trajetória.

<sup>43</sup> FOUCAULT In: DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 262

<sup>44</sup> “A arqueologia como método e principalmente *As palavras e as coisas* são de fato uma propedêutica à genealogia. Portanto, a genealogia tal como nos é apresentada por Foucault não é uma crise da arqueologia: elas se apoiam mutuamente” (DEFERT, situação do curso In: FOUCAULT, 2014a, p. 254).

<sup>45</sup> FOUCAULT In: DREYFUS; RABINOW, loc. cit.

A genealogia foucaultiana é uma adaptação da genealogia de Nietzsche que consiste em uma *genealogia da moral* expressa em seu escrito de mesmo nome – *A genealogia da moral* (1887)<sup>46</sup>. Como leitor e admirador de Nietzsche, Foucault se inspirou no exercício analítico do predecessor e adotou a genealogia realizando ajustes a sua maneira, mas rendeu créditos e homenageou ao “criador do método”; a produção nietzscheana é, possivelmente, o ponto de invenção (*Erfindung*)<sup>47</sup> da genealogia que inspirou Foucault<sup>48</sup>. Portanto, a genealogia além de uma fusão dos dois métodos de investigação de Foucault é a descendência (*Abkunft*) do instrumental investigativo de Nietzsche. Foucault se utilizava do pensamento dos filósofos como instrumentos de pensamento (*instruments de pensée*), ferramentas utilizadas em suas análises. No entanto, muitas vezes ele não o fazia de maneira fiel aos conceitos do pensador e nem esperava que os seus comentadores ou críticos fizessem o mesmo com seus conceitos, se referindo ao conjunto deles como “caixa de ferramentas” que foi citado no início deste trabalho. Portanto, a genealogia é um destes instrumentos, uma curiosa e complexa metodologia que decodifica as tramas do saber e do poder<sup>49</sup>. Embora atribuir a formulação de métodos a Nietzsche e Foucault seja um paradoxo devido ao fato de que eram contrários a qualquer ideia de métodos, doutrinas e sistemas<sup>50</sup>, mas entende-se que eram contra o engessamento das formas; a ideia de Foucault de que os seus comentadores podem fazer uso de seus instrumentos de pensamento demonstra como ele estava aberto às suas possíveis metamorfoses. Nietzsche está evidente na maior parte da

---

<sup>46</sup> Na situação do curso Aulas sobre a vontade de saber, Defert diz que Foucault teria afirmado em Vincennes, no inverno de 1969-1970, que antes da *A genealogia da moral* Nietzsche não teria definido claramente a genealogia, mas que já em *O nascimento da tragédia* (1872) ele havia identificado uma vontade de saber.

<sup>47</sup> Foucault opõe os termos *Herkunft* (proveniência), *Abkunft* (descendência), *Entsehung* (surgimento ou emergência), *Geburt* (nascimento) e *Erfindung* (invenção) do termo *Ursprung* (origem). Estes termos eram utilizados por Nietzsche e Foucault, com a licença filosófica, distingue o primeiro grupo dos termos como aqueles que se opõem a tradição filosófica que busca as formas ideais e as teleologias para explicar o porquê de algo. Aqui entende-se que a invenção (*Erfindung*) remete a “materiais” pré-existente que compõem o novo objeto, um material elaborado a partir de outros, não há uma fundação metafísica. O mesmo para descendência que neste caso aponta uma transformação do objeto em outro com fundamento material e não uma origem metafísica para a transformação (FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Roberto (Org.) 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2014a, p.16-19).

<sup>48</sup> Apesar de Foucault ter se apropriado da genealogia nietzscheana e reformulado a gosto para desenvolver suas análises, há uma discussão sobre a possibilidade da genealogia ter sido inventada com Kant, pois, como Nietzsche, ele possuía “1) a visão realista de que o conflito está profunda e irredutivelmente enraizado nas ações e interações humanas, e 2) a visão de que o conflito pode ter qualidades valiosas, **construtivas ou produtivas**” (SIEMENS, H. Travando uma guerra contra a guerra: Nietzsche contra Kant acerca do conflito. **Kriterion**, n. 128, Belo Horizonte, 2013). Estas visões

<sup>49</sup> Foucault igualmente nos incita a utilizarmos de seus instrumentos de análise da forma como acharmos mais conveniente. Dispõe aos passadores a “caixa de ferramentas” com seus instrumentos de pensamento que nos dão a capacidade de participar da contínua transformação da genealogia. (FOUCAULT, 2014a, p.52 e 153)

<sup>50</sup> Cf. JULIÃO, 2017, p.255.



produção de Foucault e se destaca maior presença justamente no período da *genealogia de guerra*.

Após uma fase dedicada à análise dos saberes, Foucault desejava saber “*como os saberes emergiam, se desenvolviam e se transformavam*”, portanto, esta lacuna do conhecimento o insere na análise do poder. Os desenvolvimentos sobre o poder resultaram em uma fundamentação da produção de discursividades. A atividade genealógica exige tempo para vasculhar meticulosamente os materiais históricos acumulados; prudência em identificar os pontos de emergência (*Entsehung*) dos discursos para revelar a estrutura dos dispositivos de poder que se instalaram a partir de então. Nestes pontos de emergência (*Entsehung*) encontram-se sob eles e neles disputas discursivas e relações de poder que configuram não só a estrutura de poder que se conformou como o funcionamento de um determinado dispositivo. A genealogia evidencia estas estruturas que se erigiram a custas dos inúmeros enfrentamentos para depois açambarcá-las em seu próprio funcionamento como estratégia de guerra. Devora seus objetos para se refazer a si mesma com as forças do despojo de guerra; é como uma “antropofagia” das instâncias centralizadoras de poder para se constituir como contrapoder. Seria a genealogia uma espécie de espelhamento invertido de uma estrutura de poder? O que se sabe até este ponto do trabalho é que ao menos neste período da *genealogia de guerra*, segundo Defert, a genealogia é uma emergência (*Entsehung*) que se fez e se faz na guerra: “o discurso genealógico é um discurso fundado sobre a paixão, a violência, a apropriação, a racionalidade má”<sup>51</sup>. Deduz-se que se não operam desta forma, no mínimo a sua proveniência (*Herkunft*) é da ordem do confronto e da conquista. Possivelmente este é o estatuto de seu funcionamento e de sua função.

Quanto a formação desta descendência (*Abkunft*) da genealogia nietzscheana, muitos dos comentadores de Foucault não se deram conta de que o curso *Aulas sobre a vontade de saber* é a *démarche* da genealogia foucaultiana e atribuíram este marco metodológico a outros trabalhos. Defert afirma que os comentadores tomaram este curso como se ele tratasse da guerra ou da análise do poder e do racismo. Ele se opõe a esta concepção e crê, segundo ele baseado nas claras falas de Foucault, que o curso trata sobre a “aparecimento desta forma de análise em termos de guerra e de raças”. Os comentadores de Foucault, como Paul Rabinow e Hubert Dreyfus, provavelmente não se debruçaram sobre o curso *Aulas sobre a vontade de saber* e tomaram os escritos *Vigiar e punir* e *História da sexualidade: a vontade*

---

<sup>51</sup> DEFERT *In*: ZANCARINI; BERTANI, 2001, p. 64.

*de saber* como as produções onde aparece a genealogia. Não foi por um acaso que Foucault retomou a descrição “vontade de saber” para se referir ao escrito de 1976, ainda que ambos apresentem dois modos de análise bastante diferentes.

## 1.2 A MORFOLOGIA DA VONTADE DE SABER

Na primeira aula do curso *Aulas sobre a vontade de saber*, Foucault aponta uma série de problemas que remetem à “insuficiência de instrumentos de análise histórica fornecidos pela epistemologia” (2014a, p. 05), ou seja, poucos historiadores das ciências se centraram nas questões que envolvem as condições de emergência e o desenvolvimento de determinados conhecimentos ou saberes. Os instrumentos ausentes que Foucault identificou são, por exemplo, os que se referem às questões semânticas da compreensão da vontade, suas relações com expressões como “vontade de saber” e como o estudo teórico e histórico destes conhecimentos ou saberes estão relacionados com a vontade de saber. Outro ponto é a investigação da possibilidade de se referir a um sujeito fundador da linguagem e do poder ou se por trás dos acontecimentos históricos do saber, como um pano de fundo, se encontra a vontade de afirmar. Não há certificação de um sujeito ou grupo de pessoas responsável pela racionalidade que gere o poder. Não há humanos no comando da racionalidade do poder, pois o próprio poder multiplica a si mesmo, se propaga, se encadeia, se invoca a si mesmo. Portanto, o que está por trás da linguagem e do conhecimento?

No curso *Aulas sobre a vontade de saber*, Foucault contesta a noção clássica da filosofia de “sujeito de conhecimento” e advoga pela concepção de “vontade de poder” como uma nova morfologia do conhecimento, ou mais exatamente, uma “morfologia da vontade”. As análises dos sistemas de pensamento anteriores, que Foucault batizou de “arqueologia”, incidiam sobre práticas discursivas. São sistemas que possuem uma sistematicidade própria que não são definidas exatamente pela epistemologia das disciplinas:

Eles ganham corpo nos conjuntos técnicos, nas instituições, nos esquemas de comportamento, nos tipos de difusão. Eles são modos de transformação específicos, aqueles que ele [Foucault] estudou em *As palavras e as coisas*, eles são regularidades que não se coincidem nem com os indivíduos, nem com os objetos e nem mesmo com as disciplinas. DEFERT In: ZANCARINI; BERTANI, 2001, p. 59, grifo nosso, tradução nossa<sup>52</sup>.

Quando Foucault adota a genealogia como método de análise, ele não rompe com a arqueologia, mas a incorpora em si e a justifica teoricamente suas análises anteriores, como

---

<sup>52</sup> “elles prennent corps dans des ensembles techniques, dans des institutions, des schémas de comportement, des types de diffusion. Elles ont des modes de transformation spécifiques, c’est ce qu’il [Foucault] a étudié dans *Les mots et les choses*, elles ont des régularités qui ne coïncident ni avec des individus, ni avec des objets, ni même avec des disciplines » (DEFERT In : ZANCARINI ; BERTANI, 2001, p. 59, grifo nosso, tradução nossa)<sup>52</sup>.

uma retomada destas análises, mas em um outro nível: “O conhecimento não pode ser analisado como faculdade. Ele é analisado como uma invenção, como um acontecimento [...] descontínuo, que possui regularidades, mas que se distribui de maneira descontínua. Então, o conhecimento é um acontecimento<sup>53</sup>”. Este acontecimento esconde atrás de si a guerrilha, ataques descontínuos de uma vontade de apropriação. A “vontade de saber” é um acontecimento da vontade que é descontínua, polimorfa, anônima; a “vontade de saber” é uma morfologia da vontade. No curso *Em defesa da sociedade*, Foucault coloca a prova o funcionamento do poder sob a ordem da guerra que ele denominou de *hipótese de Nietzsche*; ele se propõe a estudar esta “vontade de saber” que se manifesta nas análises das relações sociais. Esta análise é mais que um processo de conhecimento, é uma análise de uma “morfologia, de uma vontade, de um acontecimento histórico”<sup>54</sup>.

No curso *Aulas sobre a vontade de saber*, Foucault contrapõe duas morfologias da vontade de saber: o modelo aristotélico e o modelo nietzschiano. No modelo aristotélico, modelo predominante na história da filosofia que pode ser conferido em *Metafísica*, o conhecimento parte da sensação e é acompanhada pelo prazer, ou seja, vai-se da sensação ao conhecimento. Neste modelo o conhecimento possui uma função elementar substancialmente epistemológica; origina-se e desenvolve-se a partir de uma relação direta com a verdade. Enquanto que o modelo nietzschiano, presente em *Gaia Ciência*, parte-se de um “jogo de pulsões, de uma luta, de uma vilania”. O conhecimento pela perspectiva nietzschiana é entendido como exercício que não pretende encontrar a verdade, mas de fortalecer a vida e a existência, desenvolvendo uma função mais vital e existencial que epistemológica<sup>55</sup>. Por mais que diga que a filosofia é “amor à sabedoria” e que muitos filósofos tenham atribuído este nome ao desejo de conhecer e alcançar verdade, a filosofia não desvela o desejo que se esconde por trás do conhecimento. Para estes filósofos, desejo e conhecimento são uma mesma dimensão, pois a vontade de saber acontece no interior do próprio conhecimento, o que torna o conhecimento fim em si mesmo<sup>56</sup> - daí o seu caráter

---

<sup>53</sup> “La connaissance ne peut pas s’analyser comme faculté. Elle est analysée comme une invention, comme un événement. Un événement discontinu, qui a des régularités, mais qui se distribue de façon discontinue. Donc la connaissance est un événement » (*Ibid.*, p. 59)

<sup>54</sup> DEFERT *In*: ZANCARINI; BERTANI, 2001, p. 60, tradução nossa.

<sup>55</sup> NOTO, C. A exterioridade do discurso em Foucault: da vontade de potência ao dispositivo. **Ipseitas** v. 06, v. 01, UFSC: São Carlos, 2020. p. 73.

<sup>56</sup> “O sujeito de desejo e o sujeito de conhecimento fazem um [...] o saber e o desejo não estão em dois lugares diferentes (...) o desejo de conhecer é já em sua natureza alguma coisa como o conhecimento, alguma coisa do conhecimento” FOUCAULT, M. **Aulas sobre a vontade de saber**: curso no Collège de France. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014a, p.

estritamente epistemológico. Segundo Foucault (2014a, p.16), Aristóteles “procura proteger o conhecimento da exterioridade e da violência do desejo [...] é sem violência, sem apropriação e sem luta, e também sem comércio, mas pela simples atualização de sua natureza que aquele que deseja o conhecimento acabará por alcançar o saber”. No entanto, Nietzsche desmistifica esta concepção e Foucault apropria-se dela e diz que por trás de todo saber esconde-se uma luta de poder<sup>57</sup>:

---

<sup>57</sup> “[...] que por trás de todo saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é uma luta de poder” (FOUCAULT, 2005, p. 51). Os cursos serão, portanto, centrados na análise das formas de saber-poder, porque por morfologia da vontade, ele quis dizer formas de conhecimento ligadas às lutas, a uma vontade de propriedade. Ao longo dos anos de aulas, Foucault descreverá diferentes formas de saber-poder que não se conectam, que tem uma descontinuidade visível mesmo que siga um caminho cronológico que parte da Grécia e avança para o século XIX. (DEFERT *In*: ZANCARINI; BERTANI, 2001, p. 60, grifo nosso, tradução nossa).

### 1.3 AS HIPÓTESES DA GUERRA

Para Nietzsche, desejo e conhecimento são instâncias distintas. A motivação para o conhecimento provém do “domínio do corpo, da vida, dos impulsos e, portanto, aí sim, do desejo propriamente dito”<sup>58</sup>. Esta exterioridade se impõe sobre o conhecimento, pois não há uma necessidade interior daquilo que conhecido, mas esconde-se atrás do sujeito uma trama conflituosa, a luta dos instintos, das violências etc. que Nietzsche denomina de *vontade de potência*<sup>59</sup>. É esta trama violenta que intenciona a real dominação que se constituirá como a condição de emergência (*Entsehung*) do conhecimento, como a trama do próprio conhecimento. Não é a faculdade racional do sujeito que entra em cena, mas ao contrário, são seus impulsos inconscientes<sup>60</sup>. Sendo assim, não há um “conhecimento em si”, um conhecimento da verdade.

É, portanto, a partir de Nietzsche que Foucault compreende o conhecimento como o resultado da guerra entre forças que buscam ampliar a “vontade de saber”<sup>61</sup>. Enquanto em Nietzsche a *vontade de potência* é o domínio do combate entre forças pertencentes ao corpo e ao desejo que se disputam para manter e superar a vida, em Foucault, “o domínio exterior ao campo do saber também diz respeito a um campo de luta, de combates e de violência e, em referência explícita a Nietzsche, foi igualmente batizado de poder”<sup>62</sup>. Não há um sujeito de conhecimento, mas um poder-saber que investe na produção de conhecimento:

[...] não é uma atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento. FOUCAULT, 2014b, p. 30.

---

<sup>58</sup> NOTO, 2020, p. 74.

<sup>59</sup> FOUCAULT, 2014a, p. 26. Segundo Carolina Noto (2020, p. 76) Foucault “Por um lado, como veremos, deixa claro que sua concepção de conhecimento é herdeira da tese nietzschiana da exterioridade do conhecimento, por outro lado, mostra que a instância de poder que está por trás de nossa relação com o saber e com a verdade não se confunde com a noção nietzschiana de vontade de potência [...] a genealogia nietzschiana atrelada à noção de vontade de potência parece receber uma inflexão no interior da genealogia foucaultiana do poder”.

<sup>60</sup> “[...] o intelecto está a serviço de diversos instintos” (NIETZSCHE *apud* FOUCAULT, 2014a, p. 196).

<sup>61</sup> “Teria sido possível, e talvez mais honesto, citar apenas um nome, o de Nietzsche, pois o que digo aqui só tem sentido se relacionado à obra de Nietzsche que me parece ser, entre os modelos de que podemos lançar mão para as pesquisas que proponho, o melhor, o mais eficaz e o mais atual. Em Nietzsche, parece-me, encontramos efetivamente um tipo de discurso em que se faz a análise histórica da própria formação do sujeito, a análise histórica do nascimento de um certo tipo de saber, sem nunca admitir a preexistência de um sujeito de conhecimento”. (FOUCAULT, 2014a, p. 220)

<sup>62</sup> NOTO, 2020, p. 77.

Depois de se empreender em análises sobre a história das medidas na cidade grega como forma de saber-poder, o estudo sobre a inquirição, o exame, Foucault se propõe a compreender a emergência do discurso em termos de guerra<sup>63</sup>. Não se trata da história da guerra, nem tampouco sobre Hobbes que toma a guerra como conceito universal de análise das relações entre os indivíduos, entre os grupos e entre as nações. Foucault inverte a proposição de Clausewitz “a guerra é a política continuada por outros meios” para definir esta forma discursiva emergente; a política torna-se a guerra continuada por outros meios, pois os funcionamentos bélicos passam a ser operados pelas instituições e pelo Estado centralizador<sup>64</sup>: o discurso sobre a guerra como analisador social aparece no momento onde os meios de guerra são centralizados pelos Estados europeus. O grande internamento, que será melhor explorado no **capítulo 2**, foi um destes processos centralizadores promovidos pelo Estado.

### 1.3.1 A hipótese agonística

Foucault denomina o funcionamento conflituoso do poder de *hipótese de Nietzsche* e é justamente esta concepção que ele coloca a prova no curso *Em defesa da sociedade* para analisar a emergência de discursos que operam sob a ordem da guerra. Este funcionamento constitui, portanto, uma forma de saber-poder que não é uma análise da guerra, mas da “forma guerra”. A guerra se camuflaria sob uma série de discursos históricos que envolvem a relação entre o poder soberano e o poder da aristocracia entre os séculos XVI e XVIII. O saber-poder que emerge neste período constitui o que, mais tarde, Foucault denominaria de dispositivo.

---

<sup>63</sup> Essas relações de poder-saber não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tanto efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis de conhecimento” (FOUCAULT, 2008b, p. 30)

<sup>64</sup> [...] com a noção de soberania tal como aparece no pensamento de Thomas Hobbes, buscava-se eliminar a luta de todos contra todos, que caracteriza essa situação natural prévia ao surgimento do Estado, o deus mortal que exerce o direito do soberano de fazer morrer ou deixar viver. Por isso, Foucault sintetiza a aposta de seu curso dizendo que se trata de reverter a célebre sentença de Carl Von Clausewitz, segundo a qual “a guerra é a continuação da política por outros meios” para determinar se a política, o exercício do poder no contexto da estatalidade, contrariamente ao que sustenta Hobbes, é “a continuação da guerra por outros meios” (CASTRO, 2014, p. 100)

A exploração do dispositivo permite tanto a análise dos discursos sociais quanto a descrição das relações de poder e uma produção de conhecimentos específicos como aconteceu através das instituições disciplinares fomentadas pelo Estado. Neste âmbito se pode falar na incidência do poder em níveis microscópicos que somente pode ser percebida através dos monumentos ciclópicos que serão tratados adiante. Neste âmbito desenvolve-se uma microfísica do poder que contrapõe as forças racionalizadas, calculadas, intencionadas do dispositivo contra as forças rebeldes do corpo. A proveniência (*Herkunft*) destas forças que investem na produção do poder-saber não foi explicitada por Foucault, pois ele deixou claro que se preocupava mais com os mecanismos de poder que com sua natureza.

A hipótese de Nietzsche é uma alternativa a uma concepção “jurídica de poder”, que Foucault também chamava de “poder soberano”, que o tomava como algo que pudesse ser tomado como um bem suscetível a retenções, trocas, concessões<sup>65</sup> etc. É alternativa também à concepção “economicista do poder”, ou seja, “o poder político encontraria na economia sua razão de ser histórica [...] seu modelo formal”. Assim, a política seria uma extensão do poder econômico. No entanto, “o poder não se dá [como um bem], não se troca nem se retoma, mas se exerce” e nem é uma manutenção e recondução das relações econômicas, mas uma relação de força e, por isso, trata-se de uma concepção “política de poder”: “Parece-me - diz Foucault - que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força”<sup>66</sup>, “as forças que se enfrentam em vistas da dominação; seus instrumentos, são muito diversificados, e a lei ou o Direito é somente um deles”<sup>67</sup>.

A política enquanto guerra continuada por outros meios tem o seu fundamento no surgimento de uma relação de força na guerra e pela guerra. A aparente paz social esconde sob si, no nível micropolítico, uma guerra silenciosa, uma infinidade de batalhas entre forças que não querem se anular umas às outras, mas opor-se e incitar-se umas às outras. Por isso, são forças agonísticas e não forças antagonistas que além de se oporem visam a aniquilação do outro. O poder político seria, então, uma reinserção perpétua dessa relação de força nas instituições, nas desigualdades econômicas, a linguagem e nos corpos uns dos outros. É assim que o poder ganha corpo, é nos confrontos e nas provocações recíprocas no melhor

---

<sup>65</sup> “O poder é aquilo, concreto, que todo indivíduo detém e que viria a ceder, total ou parcialmente, para constituir um poder, uma soberania política” (FOUCAULT, 2005, p. 20). E assim, garantir a paz entre os homens.

<sup>66</sup> FOUCAULT, 2014a, p. 175, grifo nosso.

<sup>67</sup> NOTO, 2020, p. 77.



estilo Eros-Anti-Eros. O político deixaria de existir apenas após a última batalha e se cessaria o exercício do poder.

O Estado centralizador desenvolveu e se apoiou na formulação de dispositivos de poder bem como fez aparecer e multiplicar relações sócio-discursivas sob a ordem da guerra. Defert (2001, p. 61-62) alude a uma generalização do modelo da guerra como matriz de todas as análises que Foucault realizou, seja através de seus ditos ou escritos, durante o período da *genealogia de guerra*. Esta concepção torna-se a tese que guiou parte deste trabalho. A generalização do funcionamento bélico dos dispositivos permite denominá-los de *dispositivos de guerra*. É bem verdade que, ao menos nos dispositivos das instituições disciplinares analisados, o internamento, a submissão e o controle são como uma guerra às forças do corpo. Este ponto será melhor explorado no **capítulo 2**. Faz-se necessário falar sobre a outra possível face do *dispositivo de guerra* que é a repressão.

### 1.3.2 Hipótese repressiva

As *História da sexualidade: a vontade de saber* apresenta o experimento que Foucault se propôs que era verificar o funcionamento das forças que envolvem a sexualidade sob a da repressão. Esta concepção de poder seria complementar a concepção do poder de confronto, pois seria a figura de uma extensão da guerra; a batalha não é a guerra, mas uma parte dela. A outra parte é o momento após a batalha em que o vencedor se dispõe a espoliar o inimigo e dentre os espólios estão as pessoas que eles escravizam ou ao menos dominam. Neste segundo momento da guerra, uns são subjugados e reprimidos por outros: “[...] a repressão não seria mais o que era a opressão com respeito ao contrato, isto é, um abuso, mas, ao contrário, o simples efeito e a simples continuação de uma relação de dominação. A repressão seria a prática, no interior desta pseudo-paz, de uma relação perpétua de força.”<sup>68</sup>. Estes funcionamentos de confronto e repressão apresentam uma relação entre o saber e o poder da ordem da guerra e, portanto, complementares. Foucault percebe que instituição familiar tem grande peso na formação da sexualidade de um indivíduo e que provavelmente seria de forma repressiva como sugeriam as teorias sobre a sexualidade da época como a de Wilhelm Reich e, por isso, denominou esta concepção de *hipótese de Reich*. No entanto, ao analisar o dispositivo de sexualidade, Foucault se depara com uma outra ordem de

---

<sup>68</sup> FOUCAULT, 2014b, pp. 176-177.

funcionamento. É interessante que se destaque como a família, enquanto instituição que também disciplina, fez circular um poder distinto das instituições formais e que não se verificou efeitos de um poder negativo a partir delas, mas pelo contrário, o interdito sobre a sexualidade fez com que se multiplicassem os discursos e os espaços onde a sexualidade poderia fugir à norma. Por este desdobramento, Foucault abandona a hipótese de Reich como válida no contexto dos *dispositivos de guerra*.

## 1.4 O DISPOSITIVO GERAL

Os ditos e escritos da Foucault do período da *genealogia de guerra* parecem indicar que as forças indômitas do corpo possuem uma dinâmica distinta dos dispositivos, pois enquanto estes tem como princípio coordenador uma *ratio*, as forças do corpo dos indivíduos parecem não seguir o mesmo. A *ratio* da modernidade coordena uma transformação econômica das forças inúteis do corpo dos indivíduos em forças úteis. Os dispositivos das instituições disciplinares demonstraram ser muito eficazes frente a economia do castigo, pois ao contrário deste, o poder disciplinador não é violento, mas sutil<sup>69</sup>; é um poder que não quer apenas vencer as forças do corpo, mas controla-las. Este feito é conseguido a partir da produção de um saber do corpo para pensar tecnicamente, calcular e organizar o uso da força contra a força sem apelar para a violência. Este saber é uma tecnologia política do corpo. Este poder de forma alguma se apropria ou é apropriado, mas é um conjunto de “manobras, táticas, técnicas, funcionamentos” que constituem um dispositivo. Durante o período da *genealogia de guerra*, diversos foram os dispositivos analisados por Foucault: o dispositivo médico-psiquiátrico, o dispositivo jurídico, o dispositivo penal, dispositivo de sexualidade, dispositivo do binômio normal-anormal etc. Foucault reconhece no curso *Em defesa da sociedade* uma certa proximidade entre os dispositivos<sup>70</sup> e, quanto a isso, Defert diz:

Todos estes anos de 1970 a 1976 são anos de análise genealógica, o discurso de guerra é um típico discurso genealógico, pois Foucault explica que o discurso genealógico é um discurso baseado na paixão, na violência, na apropriação, na racionalidade vilã. No entanto, retoma os mesmos temas para designar o discurso de guerra. Isto significa que o discurso da guerra é quase uma construção abissal na análise genealógica. (DEFERT *In*: ZANCARINI; BERTANI, 2001, p. 64, tradução nossa)<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup> “Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto, ser violenta” (FOUCAULT, 2008, p. 28).

<sup>70</sup> “Parece-me que esse trabalho que foi feito [...] convinha bastante bem para [...] um período caracterizado por aquilo que poderíamos chamar de eficácia das ofensivas dispersas e descontínuas [...] nos últimos dez ou quinze anos, a imensa e prolifera criticabilidade das coisas, das instituições, das práticas, dos discursos [...] descobre-se, por isso mesmo, nos fatos, algo que talvez não estivesse previsto no início: seria o que se poderia chamar de efeito inibidor próprio das teorias totalitárias, quero dizer, em todo caso, das teorias envolventes e globais [...] uma espécie de produção teórica autônoma, não centralizada” (FOUCAULT, 20010, p. 07)

<sup>71</sup> « Toutes ces années de 1970 à 1976 sont des années d’analyse généalogique, le discours de la guerre est un discours généalogique typique, puisque Foucault explique que le discours généalogique est un discours fondé sur la passion, la violence, l’appropriation, la rationalité méchante. Or, il reprend les mêmes thèmes pour désigner le discours de la guerre. C’est-à-dire que le discours de la guerre est presque une construction en abîme sur l’analyse généalogique » (DEFERT *In* : ZANCARINI ; BERTANI, 2001, p. 64).

No escrito *Vigiar e punir*, Foucault conta uma história emblemática do nascimento do monstro de cem olhos destinado a inspecionar os corpos dos indivíduos com a finalidade de controlá-los. Tanto mais se produzia o saber sobre o corpo para ser usado como tecnologia política, tanto mais sutil e silencioso era este exercício de poder sobre os vigiados. O *Panóptico* emerge como uma estrutura emblemática do saber-poder, embora reste a dúvida se podemos tomá-lo não por sua estrutura arquitetônica, mas a sua representação como o próprio dispositivo de poder. De qualquer forma, ele é uma tecnologia política que se tornou não somente a novidade que nasce com a modernidade como produziu um poder mais eficaz sem recorrer à violência. No entanto, não se pode enganar com esta harmonia superficial. As forças calculadas pelos dispositivos e direcionada aos corpos não encontram caminho livre para se instalarem. Encontram resistências de um poder arredo, deflagra-se então a batalha entre estas forças. Esta mesma microfísica se observa na política, na linguagem, nas relações econômicas, em nossos corpos etc. Parece não ser possível negar uma multiplicidade de dispositivos emergentes na modernidade, embora uma parte deles tenha entranhado a guerra como operador lógico.

Não foi esclarecido a proveniência (*Herkunft*) das forças que animam os corpos dos indivíduos, nem se podemos falar em uma espécie de dispositivo que as coordene. Não foi este o foco da produção de Foucault; ele se envolveu com a história dos processos que nos trouxeram ao atual estado sócio-político sem se importar em buscar a natureza de determinado saber-poder. O que é certo é que as forças do corpo dos indivíduos foram alvo de investimento de forças concentradas, organizadas e direcionadas pelos dispositivos e que diante deste investimento não poderia senão resistir a ele. Isso significa que estas forças, se não funcionavam antes sob a codificação da guerra, ao menos passavam a funcionar sob este critério, pois como já foi mencionado, Foucault disse “lá onde há poder, há resistência”<sup>72</sup>.

Ao longo das seções do **capítulo 2** será abordado o nascimento (*Geburt*) do *dispositivo de guerra* enquanto tecnologia capaz de observar estas forças em ação, compreender o seu funcionamento, aplicar técnicas eficazes que conseguem desfazer as misturas confusas entre as forças, cindi-las, separá-las, classificá-las, associá-las, reuni-las etc. *Dispositivo de guerra* é um termo generalista para definir um possível modelo comum dos diversos dispositivos que funcionam sob o critério da guerra, mas que possuem suas especificidades; agem sobre diferentes níveis da subjetividade humana sem chocarem entre

---

<sup>72</sup> FOUCAULT, 1988, p. 81.

si. Não somente as instituições formais como hospitais psiquiátricos, escolas, prisões, fábricas etc. possuem esta matriz bélica como também na produção de determinados discursos históricos, nas relações econômicas, na linguagem etc.; são tecnologias que confrontam e subjagam forças para as conformarem ao que é esperado, assim como um dos efeitos de guerra é os vencedores tornarem os inimigos prisioneiros e obriga-los à sua vontade. Portanto, o *dispositivo de guerra* é esta matriz que opera nos dispositivos disciplinares. Defert teria alertado sobre a presença desta espécie de dispositivo geral em um livro publicado em 2001, muito antes dos cursos no Collège de France serem publicados na íntegra e de forma “legal”<sup>73</sup>. No entanto, não havia recursos suficientes para a verificação desta figura implícita até a completa publicação dos cursos que aconteceu somente em 2015.

A constituição do *dispositivo de guerra* é tão complexa quanto realizar a genealogia de determinado dispositivo. As genealogias dos *dispositivos de guerra* escaneiam os saberes que os constitui e demonstram os meios sórdidos pelos quais os dispositivos legitimam e consolidam o poder. Os saberes que constituem os *dispositivos de guerra* igualmente escondem uma guerra silenciosa e invisível entre os discursos e o papel da genealogia é desvelar, destrinchar, desemaranhar os conflitos travados na história destes dispositivos. A genealogia dos *dispositivos de guerra* além de contar a história dos nascimentos e dos desenvolvimentos de microscópicas guerras, apresenta os seus sangrentos efeitos de combate, elabora estratégias de ataque e técnicas de luta para vencer as forças de um corpo para fazê-lo se comportar de determinada forma. A genealogia dos *dispositivos de guerra* se dispõe a esmiuçar os saberes como numa guerra em que se deve conhecer o inimigo, suas armas, seu território e suas estratégias. A genealogia dos *dispositivos de guerra* também não apenas conta a história destes processos, mas também força os limites criando novas possibilidades de transformar, reforçar, inverter as forças em um contrapoder; é como uma torre de observação de onde se tem a visão de todo o campo de batalha, observam-se as estratégias, os ataques mas jamais de modo passivo; a própria análise das lutas passadas acontece por meio de novos confrontos mobilizados pela genealogia. É a análise dos processos que dividem, separam e organizam os discursos e as práticas, que delimitam as fronteiras entre o são e o doente, entre o cidadão e o delinquente, o aceitável e o censurável etc. Analisa também os elementos que constituem as transgressões como ilegalismos,

---

<sup>73</sup> Devido a que Foucault deixou claro em seu testamento que não era permitido publicações póstumas de seus ditos e escritos, não se pode afirmar que tenha sido ético e legal do ponto de vista do rigor da lei, mas como Defert detém os direitos de decisão e decidiu publicar e não foi interdito, supõe-se que seja “legal”.

desregulações, anomalias e perversões<sup>74</sup>. Por isso, a genealogia funciona também como anti-ciência, como oposição às instâncias englobadoras, como questionadora dos discursos de verdade e das pretensões hegemônicas.

---

<sup>74</sup> DEFERT *In*: FOUCAULT, 2014a, p. 241. (situação do curso).

## CAPÍTULO 2 - A GENEALOGIA DE GUERRA

*A humanidade não progride lentamente, de combate em combate, até uma reciprocidade universal, em que as regras substituiriam para sempre a guerra; ela instala cada uma de suas violências em um sistema de regras, e prossegue assim de dominação em dominação.*  
FOUCAULT, 2014a, p. 15.

Conhecida a concepção da *hipótese de Nietzsche* sobre o funcionamento do poder sob a ordem da guerra realizada por Foucault, deve-se investigar a que domínio de poder se aplica. Durante o período da *genealogia de guerra*, Foucault esteve dedicado ao tema das instituições penais, psiquiatria, prisões, asilos etc. que apresentam um funcionamento que da passagem da Idade Clássica<sup>75</sup> à Modernidade trouxe mudanças na forma dos seus discursos, técnicas, constituição dos espaços, disposição do corpo nos espaços etc. Esta mudança quase abrupta das instituições comporta fenômenos que instigaram Foucault a questioná-los: “que há de espantoso no fato de que a prisão se assemelhe às usinas, às escolas, às casernas, aos hospitais, e de que todos se assemelhem às prisões?”<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> A Idade Clássica compreende os séculos XVII e XVIII. MUCHAIL, 2004, p. 41. Coincide com o período também denominado Idade da Razão.

<sup>76</sup> FOUCAULT In: RIBEIRO, 1985. p. 196.

## 2.1 IDENTIFICANDO O INIMIGO

O nascimento das instituições supramencionadas como as conhecemos possui uma história de acontecimentos múltiplos e de transformações inusitadas que não seguiram um modelo contínuo de desenvolvimento. A emergência de suas estruturas tem raízes na Idade Média, sem nenhuma pretensão senão o de afastamento do convívio social. A partir do século XV o substrato cultural condiciona uma nova *ratio*, uma nova estrutura de pensamento que alterou a compreensão dos sujeitos sociais sobre si e sobre os outros. A compreensão desta nova *ratio* e de seus efeitos de poder é importante para sabermos porque ela emergiu e contra a que se dirigia. Para evidenciar a genealogia do modelo da guerra, é preciso escolher uma das instituições, ou melhor, um dos caminhos possíveis à formação dos dispositivos de poder. A história da loucura é um destes caminhos<sup>77</sup> que vão conformar um conjunto de dispositivos de controle social. Conhecer esta história é fundamental, pois não há domínio na história humana que não tenha sofrido com “invasões, rapinas, disfarces, astúcias” em seus processos; nem mesmo os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos e até mesmo a loucura podem ser imaginados sem história<sup>78</sup> e recolhidas em uma essência, em uma identidade primeira. A genealogia não desvenda essências, mas conta uma história das coisas que são constituídas por fragmentos que a princípio lhe eram estranhos. A *genealogia de guerra* é busca por estes fragmentos, mas nem sempre vamos encontra-los nas tramas rígidas da razão.

### 2.1.1 A exclusão da lepra

---

<sup>77</sup> Em *História da loucura* Foucault ao examinar a internação frisa o seu diferencial na história da loucura que não poderia ser comparada à prisão. FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. p. 88. Igualmente Foucault afirma explica como a emergência dos dispositivos de poder, característico das instituições disciplinares, está apoiada em um substrato comum da *episteme* (abordado na seção...). Em outras palavras, a semelhança entre as instituições disciplinares é devido a uma “origem” em comum. Em outro momento Foucault afirma que as instituições acabam por influenciar-se umas às outras, trocando técnicas de controle que evidenciassem uma positividade do poder, o que pode ter contribuído para a semelhança entre elas.

<sup>78</sup> FOUCAULT. **Microfísica do poder**. Roberto Machado (Organizador) 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2014b. p. 10.



A lepra<sup>79</sup> é uma doença milenária de proveniência controversa, conhecida pelos registros dos tempos bíblicos, ainda que haja certa imprecisão nas descrições. Como a peste bubônica, foi uma doença que assombrou a Europa durante a Baixa Idade Média<sup>80</sup> e que conjuntamente às crises econômicas, fome e guerras alimentaram o imaginário coletivo conformando uma experiência atravessada pela morte e pelo temor ao Apocalipse. A lepra, até a primeira parte do século XIX, continuaria sem tratamento. Não se soube da existência dos microrganismos até o século XVII e somente no século XIX é que foram relacionados à algumas doenças enquanto patógenos<sup>81</sup>. A ideia precedente era de que a doença se encontrava nos *miasmas*<sup>82</sup> do corpo.

Na cultura judaica os leprosos eram tidos como “sujos”, “impuros” e “pecadores”. Esta concepção advém da tradição judaica em tanto os pecadores quanto os leprosos eram referidos com o termo *tsara'ath* que significa “degradação moral”. A lepra costumava ser relacionada a pecados de ordem sexual - sodomia, zoofilia, sexo durante a menstruação etc. - e, portanto, as feridas que emergiam da doença eram a comprovação de que o indivíduo pecou; a corrupção da carne manifesta a da alma. Desta forma, os leprosos deveriam ser diagnosticados, declarados *imundus* física e espiritualmente e expulsos do acampamento pelos sacerdotes<sup>83</sup>. Este costume de apartar os leprosos foi absorvido pelas sociedades da Idade Média, pois a doença continuava sem tratamento e sem cura. Aos medievais restava

---

<sup>79</sup> O termo lepra não é o mesmo que hanseníase, mas se referia, até o século XIV, a uma série de doenças de pele que se supunham ser a mesma coisa ou estar relacionadas entre si como, por exemplo, a própria hanseníase, psoríase, sífilis, câncer de pele, escarlatina, lúpus etc. (EIDT, Leticia Maria. **Breve história da hanseníase**: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. **Saúde e sociedade**. v. 13, n. 02, p. 76-88, maio-ago., 2004. p. 76-79).

<sup>80</sup> Há registros de mais de quatro mil anos atrás na Índia, China e Japão. A doença teria sido levada para a Europa através das tropas de Alexandre, o Grande quando retornaram das campanhas na Índia por volta de 300 a.C, embora só tenha se tornado mais prevalente entre os séculos X e XV, período que coincide com as Cruzadas e o comércio com a Ásia através das rotas terrestres, e entrou em declínio com a expansão do comércio marítimo alternativo. *Ibid.*, p. 79.

<sup>81</sup> Apesar do holandês Antony van Leeuwenhoek, no século XVII, ter criado os primeiros microscópios que possibilitaram as primeiras observações e ter reunido informações sobre a morfologia de alguns microrganismos, foi somente no século XIX que o médico alemão Robert Koch relacionou microrganismos a doenças. Portanto, a compreensão dos microrganismos como causadores de doenças é relativamente recente. (CÂNDIDO, Alexandre L.; TUNON, Gabriel I. L.; CARNEIRO, Maria Regina P. **Microbiologia geral**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009. p. 09).

<sup>82</sup> Segundo a teoria miasmática são odores fortes emanados do solo e que provocavam doenças naqueles que tinham contato com estes gases diretamente nos pântanos e solos contaminados ou pelo vento que os espalhava. Há também referências ao ar proveniente do interior do organismo empestado. A teoria miasmática data dos escritos de Hipócrates e vigorou até o século XIX quando foi substituída pela teoria dos germes. BLOOM, Bernard L. The “medical model”, miasma theory, and community mental health. **The Community Mental Health Journal**. v. 01, n. 01, 1965. p. 334.

<sup>83</sup> O diagnóstico e a sentença eram feitos pelo próprio sacerdote e pode ser conferido em Levíticos 13:20-23 e 13:38-46. (MACIEL, R. M. T. **Os estigmas lançados à lepra e aos leprosos**. Revista PLURAI (virtual) v. 3, n. 1. Anápolis: UEG, 2013. p. 10-11).

identificar, expulsar e isolar os leprosos da cidade para evitar o contato social e salvar os “limpos” dos “sujos”.

No curso *Os anormais*<sup>84</sup>, Foucault (2001) versa sobre a “exclusão da lepra” durante a Idade Média e pontua alguns contornos distintos, pois a lida com a lepra não se dava a partir de uma desqualificação puramente moral, mas nosorreligiosa<sup>85</sup>. Por um lado, a doença seria uma forma de punição divina pelos pecados cometidos pelo leproso e que, por isso, ele deveria ser afastado da comunidade para não macular aqueles que ainda estão “limpos”. Por outro lado, devido à impossibilidade de cura espontânea, o leproso deveria igualmente se distanciar. O corpo pustulento do leproso se tornava lugar de purificação tanto da mácula material quanto espiritual. Portanto, a exclusão se justificava em uma praxiologia de fundamento religioso, mas que também se desdobrava em uma política de saúde da época. Para os “impuros” a lepra tornava-se uma missão expiatória que ia para além de seus próprios pecados, pois o seu afastamento, de certa forma livrava a comunidade de ser corrompida. Por extensão, o livramento é testemunho da piedade de Deus. Na primeira parte da *História da loucura*, Foucault (1978, p. 09) diz que a política de exclusão da lepra não tinha a intenção de eliminar a lepra, mas sacramentá-la como manifestação concomitante da cólera e da bondade divina. Por isso, para os “impuros” a lepra tornava-se uma missão expiatória dos seus pecados e da comunidade. Portanto, o leproso não tinha escolha e nem resistia ao fardo do martírio que tanto se assemelha ao rito judaico da expiação.

Na tradição judaica, a divindade Jeová ordena, em Levíticos 16, o rito da expiação: dois bodes devem ser levados ao templo, um para ser sacrificado e queimado no holocausto – para expiar os pecados do requerente - e o outro para ser enviado para fora da cidade e com eles os pecados da família do requerente para serem expiados<sup>86</sup>. O calvário de Jesus foi a repetição deste ritual judaico em grande escala; Ele era o cordeiro, que deveria ser macho e puro – no caso, sem pecado - que foi oferecido pelo próprio Deus Jeová para expiar os

---

<sup>84</sup> FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Trad: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>85</sup> O elemento de composição “noso” exprime a noção de doença (do grego *nósos*, -ou). Está presente em palavras como nosofobia e zoonose.

<sup>86</sup> “E da congregação dos filhos de Israel tomará dois bodes para expiação do pecado e um carneiro para holocausto. Depois Arão oferecerá o novilho da expiação, que será para ele; e fará expiação por si e pela sua casa. Também tomará ambos os bodes, e os porá perante o Senhor, à porta da tenda da congregação. E Arão lançará sortes sobre os dois bodes; uma pelo Senhor, e a outra pelo bode emissário. Então Arão fará chegar o bode, sobre o qual cair a sorte pelo Senhor, e o oferecerá para expiação do pecado. Mas o bode, sobre que cair a sorte para ser bode emissário, apresentará-se-á vivo perante o Senhor, para fazer expiação com ele, a fim de enviá-lo ao deserto como bode emissário. E Arão fará chegar o novilho da expiação, que será por ele, e fará expiação por si e pela sua casa; e degolará o novilho da sua expiação” ([Levítico 16:5-11](#)).

pecados da humanidade. Jesus foi sacrificado para romper o véu de separação que havia entre os homens e Deus. A comunicação direta com Deus salvaria a humanidade da condenação eterna. Assim, se estabelece a relação entre mito e rito que seria repetida inúmeras vezes na figura simbólica do leproso que era enviado para a morte com o objetivo de salvar a comunidade-humanidade.

Para tornar eficaz a separação entre os indivíduos, a Igreja Católica estabeleceu uma série de proibições e determinou códigos de vestimenta e comportamentos para distinguir os leprosos da comunidade “limpa”<sup>87</sup>. Intensificou-se uma cisão social separando os “impuros” dos “puros”, os “limpos” dos “sujos”, os doentes dos não doentes, a cidade do exterior. Divisões maciças entre pessoas e territórios que compreendia de um lado, a massa dos vivos e de outro, a massa dos social e espiritualmente mortos que eram enviados para a morte física<sup>88</sup>; tornavam-se moribundos, pois a eles era declarada a sentença de morte. Emblematicamente, a lepra era enviada para a “escuridão” do entorno das cidades, no purgatório onde restava escondida das vistas e do conhecimento. Esta é a constituição do modelo de política de saúde marcado por clivagens que classificam e separam indivíduos e espaços.

A mesma Igreja Católica que elaborou novos protocolos para dar continuidade à exclusão dos leprosos, era a mesma que os amparava. As imposições eram seguidas rigorosamente pelos clérigos e pela sociedade no geral com a exceção dos beneditinos e os franciscanos que, por serem ordens piedosas, se dedicaram a acolhê-los<sup>89</sup>. Por conta da disseminação e desta consideração os leprosários se multiplicaram pela Europa atingindo o seu ápice ao final das Cruzadas. Ainda que o espaço reservado à lepra fosse o extramuros da cidade, o surgimento dos leprosários, práxis fomentada pela piedade cristã e que diferencia a sociedade medieval da que a antecedeu, deu-se início a uma etapa distinta na história da lepra, ou melhor, no modelo de exclusão da lepra: a sua paulatina institucionalização, a sua

---

<sup>87</sup> O concílio realizado em Lyon, no ano de 583, estabeleceu regras da Igreja Católica para a profilaxia da doença. Essas regras consistiam em isolar o doente da população sadia. Em algumas áreas, como a França, essas medidas de isolamento foram particularmente rigorosas e incluíam a realização de um ofício religioso em intenção do doente, semelhante ao ofício dos mortos, após o qual este era excluído da comunidade, passando a residir em locais especialmente reservados para esse fim. Era ainda obrigado a usar vestimentas características que o identificavam como doente e fazer soar uma sineta ou matraca para avisar os sadios de sua aproximação. (MAURANO, 1944 *apud* EIDT, 2004, p. 79).

<sup>88</sup> “[...] não apenas os leprosos eram expulsos de suas residências como ainda eram obrigados a participar de um ritual conduzido pelos clérigos em ofícios religiosos, o qual significava a morte do indivíduo a partir daquele instante. A liturgia era tão bem enfatizada, no sentido de representar a morte do leproso que, ao seu final, era-lhe derramada terra sobre a cabeça” (FORNAZARI; MATTOS, 2005 *In*: MACIEL, 2013, p. 15).

<sup>89</sup> *Ibid.*, p. 16.

inserção no interior do exterior. As novas imagens e valores que foram aderidas a lepra e que dão sentido a esta exclusão.

A segregação da lepra e a interrupção de contato com os focos orientais, devido ao fim das Cruzadas, acabou por causar o seu “desaparecimento”<sup>90</sup>. A lepra logo foi substituída pelas doenças venéreas no final do século XV<sup>91</sup>, mas logo estas doenças se tornaram de interesse médico e saíram da escuridão tornando-se mais uma dentre as doenças conhecidas. Seria porque esta doença acometia mais aos nobres devido às maiores condições de acessar os serviços das meretrizes? É certo que o vazio deixado pela lepra e pelas doenças venéreas seria ocupado pela loucura em virtude de novas “reações de divisão, de exclusão, de purificação”. O desaparecimento da lepra não significou a extinção de seu modelo de exclusão que continuou a identificar, classificar e separar os novos “leprosos”, os indesejados das sociedades.

A loucura não foi um fenômeno novo e nem emergente da Renascença, mas a relativa tolerância que existia em relação a ela durante a Idade Média foi sobreposta pela rejeição, pelo crescimento do desejo de afastar a loucura do horizonte. Gradualmente foram surgindo elementos que foram modificando a imagem que se tinha da loucura. Os loucos foram sendo empurrados para fora das cidades conforme se esboçava uma nova cultura e, conseqüentemente, uma nova moral. Em meados do século XIV, os loucos possuíam uma existência errante, corriam pelos campos, iam de cidade em cidade, às vezes confiados a mercadores e peregrinos.<sup>92</sup> Enquanto em alguns lugares os loucos eram recolhidos em casas de detenção, em outros se subvencionava a peregrinação destes a determinadas cidades e em outros escorraça-os da cidade com agressões com chicote ou bastões. O evidente é que eram ada vez mais excluídos do convívio social. No fim da Idade Média, no século XV, a loucura já se apresentava como uma ameaça<sup>93</sup>, pois era a compreendiam como prenúncio do fim dos tempos. A loucura tanto ameaçava quanto atraía por remeter o ser humano aos mistérios, saberes desconhecidos, morte, fraquezas, vícios, ilusões, sonhos e à sua própria natureza não domesticada. Empurrada para fora da cidade, a loucura repovoa os leprosários e herda dos

---

<sup>90</sup> FOUCAULT, 1978, p. 09.

<sup>91</sup> É possível que esta substituição tenha acontecido pelo fato de a lepra ser confundida, muitas vezes, com doenças venéreas: “Durante toda a sua história [até a primeira metade do século XX], a lepra fora confundida com várias dermatoses e doenças venéreas, especialmente sífilis, sendo muitas vezes considerada uma variedade de uma mesma enfermidade ou diferentes estágios da mesma moléstia” (CABRAL, Dilma. Lepra, morfêia ou elefantíase-dos-gregos: a singularização de uma doença na primeira metade do século XIX. **História Unisinos**. v. 10, n. 1, jan/abr., 2006). p. 36.

<sup>92</sup> FOUCAULT, 1978, p. 13.

<sup>93</sup> *Ibid.*, p. 18.

leproso o estigma de indesejada: “a experiência da loucura é uma continuação rigorosa da lepra”<sup>94</sup>

No século XVI, o que Foucault denomina de “experiência crítica” da loucura se torna proeminente; a loucura que na Renascença ameaçava e amedrontava os seres humanos e que por isso era empurrada para longe das vistas e do conhecimento, passa a ser gradualmente sobreposta, ou melhor, ela cada vez mais se investe sobre a razão de forma sutil sobrevivendo nas entranhas da razão<sup>95</sup>. De qualquer forma, há uma tomada de consciência da loucura ao ser delimitada e situada. Pode-se questionar se a guerra, neste momento das análises de Foucault, não se fazia presente quando ele reinterpreta as figuras da loucura e da razão em *História da loucura*<sup>96</sup>. Por vezes ele apontava um caráter complementar entre loucura e razão, ou melhor, uma relação de interdependência e indissociabilidade entre estas duas facetas e em outras um caráter bélico, de disputas que vão culminar com uma ilusória vitória da razão<sup>97</sup>. Foucault fala em confronto entre a “experiência trágica” e a “experiência crítica”<sup>98</sup>, ambas formas da loucura. Embora não nomeasse a guerra enquanto modelo de inteligibilidade desta relação<sup>99</sup>, as imagens, os signos, as interpretações e outros elementos proeminentes durante o século XVI disputam entre si nas reformulações dos discursos e das práticas. Foucault viria a tratar no curso *Em defesa da sociedade* sobre a relação de confronto que se estabelecia entre os diversos discursos e saberes que culminava com a ascensão de saberes que adquiriam o estatuto de científicos e que, conseqüentemente, ocasionava o soterramento dos saberes derrotados<sup>100</sup>, mas que sempre voltavam a se contrapor nos pontos de forças. A estes eventos se somam todos os elementos que os constitui como as imagens,

---

<sup>94</sup> FOUCAULT, 1978, p. 21.

<sup>95</sup> “A loucura torna-se uma das próprias formas da razão. Aquela integra-se nesta, constituindo seja de uma de suas forças secretas, seja de um dos momentos de sua manifestação, seja uma forma paradoxal na qual pode tomar consciência de si mesma. [...] a verdade da loucura é ser interior à razão, se ruma de suas figuras, uma força e como que uma necessidade momentânea a fim de se certificar de si mesma. [...] realiza-se um trabalho que também conduzirá à confirmação da experiência trágica da loucura numa consciência crítica” (FOUCAULT, 1978, p. 39 e 42).

<sup>96</sup> É que agora a verdade da loucura faz uma só e mesma coisa com a vitória da razão e seu definitivo domínio, pois a verdade da loucura é ser interior à razão, ser uma de suas figuras, uma força e como que uma necessidade momentânea a fim de melhor certificar-se de si mesma. Talvez seja esse o segredo de sua múltipla presença na literatura do fim do século XVI e início do século XVII, uma arte que, em seu esforço por dominar esta razão que se procura, reconhece a presença da loucura, de sua loucura, cerca-a e avança sobre ela para, finalmente, triunfar. Jogos de uma era barroca. (FOUCAULT, 1978, p. 42).

<sup>97</sup> Em algumas passagens do escrito Foucault (1978, p. 41) demonstra como a loucura sobrevive nas entranhas da razão mesmo quando ela parece derrotada e dominada.

<sup>98</sup> FOUCAULT, 1978, p. 32-35.

<sup>99</sup> “[...] é menos sabido qual a consciência jurídica que poderia animar essas práticas” (FOUCAULT, 1978, p. 55).

<sup>100</sup> Este tema é tratado com mais detalhes na seção **2.4.2 Dos saberes bélicos**.

as interpretações, os signos, as técnicas etc. A abordagem da guerra enquanto pano de fundo das relações entre os discursos tampouco se faria presente em todo e qualquer tipo de saber, mas Foucault observa alguns anos após a publicação de *História da loucura* que determinados saberes se impõem de forma belicosa. Estes são os saberes das instituições disciplinares que são desdobramentos desta *ratio*<sup>101</sup> que emergiu da disputa entre estas duas experiências da loucura. No entanto, interessa mais a este trabalho o funcionamento de um determinado poder que circulou no interior das instituições disciplinares a partir do final do século XVIII. Como a exclusão dos “novos leprosos” culminou em um efeito de poder aparentemente reverso que os tornou objeto de interesse e os internou?

### 2.1.2 *Compelle intrare*<sup>102</sup>

A vitória da razão significou a submissão da loucura, mas também das doenças venéreas, ao discurso médico que “com o suceder de alguns séculos, como veremos, irá torna-lo objeto definido de patologização e psicologização”<sup>103</sup>. A partir do século XVI, o exercício da razão conduz gradualmente ao desaparecimento do medo da loucura e dos loucos. O imaginário escatológico que incluía a loucura em seu horizonte cede passagem para a emblemática referência literária do Hospital dos loucos que representa o internamento que se segue:

[...] sabe-se que os loucos, durante um século e meio, foram postos sob o regime desse internamento, e que um dia serão descobertos nas salas do Hospital Geral, nas celas das “casas de força”; percebe-se também que estavam misturados com a população das Workhouses ou Zuchthausern. Mas nunca aconteceu de seu estatuto nelas ser claramente determinado, nem qual sentido tinha essa vizinhança que parecia atribuir uma mesma pátria aos pobres, aos desempregados, aos correccionários e aos insanos. FOUCAULT, 1978, p. 55.

O internamento dos loucos, portanto, se deu junto a esta gente diversa e indesejada que compunham também as *workhouses* e as *Zuchthausern*<sup>104</sup>. Às personagens supracitadas

---

<sup>101</sup> Ao longo do escrito Foucault demonstra como esta nova *ratio* emergiu de um terreno cultural bastante amplo que integra não só os acontecimentos filosóficos – como se supõe a tradição - e de outros saberes, mas também de elementos como eventos e registros históricos, pinturas, obras literárias, gravuras, ficções do teatro, imaginário coletivo etc. (*Ibid.*, p. 54-55).

<sup>102</sup> Significado de *compelle intrare*: Obriga-os a entrar. Expressão de Jesus (Lucas, XIV, 23) referindo-se aos convidados para o festim. Aplica-se à insistência de alguém em procurar fazer outrem aceitar algo cujo valor desconhece. Disponível em: < <https://bitly.com/bJyJ3> >.

<sup>103</sup> SILVEIRA, 2009, p. 28.

<sup>104</sup> As instituições como as *workhouses* (Inglaterra), *tuchthuis* (Holanda) e *Zuchthaus* (Alemanha) eram casas de internação que possuíam um rígido código de disciplinamento para controlar mendigos, pobres,

somam-se enfermos, libertinos, filhos ingratos, pais dissipadores, prostitutas, homossexuais, mágicos, suicidas, portadores de doenças venéreas, blasfemadores, alquimistas, pretensas feiticeiras, insensatos, cabeças alienadas, espíritos transtornados etc.<sup>105</sup> Em Paris de 1656, é o Hospital Geral<sup>106</sup> para onde são levados de forma voluntária ou, mais comumente, à força por ordem real<sup>107</sup> ou judiciária. Nos anos seguintes multiplicam-se instituições por toda a França e participam com elas a Igreja Católica que se preocupavam com os pobres, mas não muito depois as cidades e os Estados sucedem a Igreja na assistência social. Estas casas nascem com funções de auxílio, mas também de punição: “[...] o internamento se configurava mais como um **dispositivo de exercício de poder**, através do isolamento dos excluídos sociais do que enquanto medida na diferenciação dos diversos tipos de subjetividades”<sup>108</sup>. Em contraposição à exclusão da lepra típica da Renascença que era uma espécie de política nosorreligiosa, o internamento surge com implicações mais complexas que envolvem aspectos políticos e religiosos, mas também sociais, econômicos, morais etc.<sup>109</sup> Os desajustados são vistos como ameaças, como os responsáveis pela “desorganização da família, desordem social, perigo para o Estado”<sup>110</sup>, sendo gradualmente ligada a questões morais, ao caráter ético da lida com estes problemas:

Ele (o gesto ético que coordenou o internamento) organiza numa unidade complexa uma sensibilidade à miséria e aos deveres da assistência, novas formas de reação diante dos problemas econômicos do desemprego e da ociosidade, uma

---

pequenos infratores, muitas vezes famílias inteiras, com a intenção de os obrigarem a praticar atividades laborais e aplicar correção moral. SALLA; LOURENÇO, 2014 *In*: PASSOS, Iara C. **Subsistema de execução penal**. Porto Alegre: UFRGS, 2017. p. 51.

<sup>105</sup> MUCHAIL, Salma T. **Foucault, simplesmente**: textos reunidos. Edições Loyola: São Paulo, 2004 p. 44-45.

<sup>106</sup> Hospital Geral neste contexto não tem um significado médico; era uma estrutura semijurídica que estava ligada ao poder real, mas sob autoridade do governo civil burguesa e que decide, julga e executa. FOUCAULT, 1978, p. 57 e 58. A palavra “hospital” vem do latim *hospes*, significando um estrangeiro ou estrangeiro, portanto, um hóspede. Outro substantivo derivado disso, *hospitum* passou significar hospitalidade, ou seja, a relação entre hóspede e abrigo, hospitalidade, simpatia e recepção hospitaleira. GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire latin français**. Hachette, 1934. Disponível em : < <https://bitly.com/jeYX0> >. Alguns destes hospitais não acolhiam os doentes contagiosos como usualmente se poderia pensar. Estes eram expulsos dos hospitais. FOUCAULT, 1978, p. 62

<sup>107</sup> “La *lettre de cachet* no fue una ley ni un decreto sino una orden referida a una persona a título individual, mediante la cual se le obligaba hacer una determinada cosa. Así, pudo ocurrir que una persona hubiese sido forzada a contraer matrimonio en virtud de una *lettre de cachet*, pero en realidad estos casos fueron realmente extraordinarios; en su mayoría, funcionó más bien como un instrumento para sancionar conductas que resultaban “deleznales” [desprezível]” AYALA-COLQUI; VÁZQUEZ; NÚÑEZ (Org.). **Poder y subjetivación en Michel Foucault**. 1.ª ed. digital. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2021.

<sup>108</sup> SILVEIRA, Fernando de A.; SIMANKE, Richard T. A Psicologia em *História da loucura* de Michel Foucault. **Fractal**: 2009. p. 28, grifo nosso.

<sup>109</sup> *Ibid.*, p. 61.

<sup>110</sup> *Ibid.*, p. 91.

nova ética do trabalho e também o sonho de uma cidade onde a obrigação moral se uniria à lei civil, sob as formas autoritárias de coação [*lettres de cachet* etc.] (FOUCAULT, 1978, p. 64, grifo nosso).

A cisão entre os que merecem e os que não merecem o internamento acontecia a partir de uma problemática moral da miséria<sup>111</sup>. A população dos hospitais, das *workhouses* etc. eram vistos a partir de perspectiva de valorização do trabalho; a falha perante estes novos valores caracterizava uma degradação moral: a luta do bem e do mal se reduplica na anterior oposição razão versus desrazão. Esta é a marca da experiência clássica que precisava de uma justificativa para as práticas de saneamento social. O internamento possuía, portanto, um caráter econômico, mas principalmente moral<sup>112</sup>. A Idade Clássica foi o período em que estes indivíduos social e economicamente inúteis foram distribuídos entre as “prisões, casas de correção, hospitais psiquiátricos ou gabinetes de psicanalistas”.<sup>113</sup> A moralização da pobreza e da vadiagem serviu como anuência social para o enclausuramento e a exploração destes indivíduos. O objetivo era não mais a exaltação da miséria como se fez na Idade Média, mas de suprimir a sua existência através do ordenamento social.<sup>114115</sup>

Os excluídos têm em comum a transgressão do limiar razão e desrazão, mas uma razão historicamente situada; a política de internamento tem como pano de fundo o banimento da loucura. Libertinos, alquimistas e blasfemadores têm em comum, para a *ratio* classicista, a insanidade<sup>116</sup>. Por muito tempo não houve diferenciação entre um louco e um

---

<sup>111</sup>“Todo interno é colocado no campo dessa valoração ética – e muito antes de ser objeto de conhecimento ou piedade, ele é tratado como sujeito moral” (FOUCAULT, 1978, p. 70).

<sup>112</sup> “esmorecimento da **disciplina** e a frouxidão dos **costumes**” (NICHOLLS, 1905 *apud* FOUCAULT, 1978, p. 84, grifo nosso).

<sup>113</sup> FOUCAULT, 1978, p. 90.

<sup>114</sup> “[...] que o homem se ocupe de seus deveres para com a sociedade e mostra no miserável, ao mesmo tempo, um efeito da desordem e um obstáculo à ordem. Portanto, não se trata mais de exaltar a miséria no gesto que a alivia, mas, simplesmente, de suprimi-la.” (FOUCAULT, 1978, p. 66).

<sup>115</sup> Paralelo aos acontecimentos na França da Idade Clássica, na Inglaterra a Lei dos pobres, que foi um sistema de políticas sociais e o bem-estar de pessoas pobres, passou a ser criticada a partir do século XVIII como um gasto público crescente: “A gestão dos desamparados converteu-se cedo em uma problemática central para o pensamento econômico britânico, inclusive para a jovem economia política. Para além de envolver questões relativas à própria natureza humana, estava em jogo a disputa [...] interesses antagônicos quanto à administração do pauperismo. A campanha negativa contra o assistencialismo culminou em 1834, com o Ato de Emenda, que, sob o pretexto da austeridade das contas públicas e da moralização dos pobres, instituiu uma legislação muito mais baseada na vigilância, na internação e no controle social dos pobres, conhecida como a Nova Lei dos Pobres” (BASTOS, Daniel S. **O direito à subsistência em xeque: um olhar sobre a lei dos pobres e o ato de emenda de 1834**. História econômica e história de empresas. v. 21, n. 01. UFF: Niterói - RJ, 2018. 135-173).

<sup>116</sup> “Ao final do século XVIII, tornar-se-á evidente [...] certas formas de pensamento “libertino”, como a de Sade, têm algo a ver com o delírio e a loucura; admitir-se-á de um modo igualmente fácil que magia, alquimia, práticas de profanação ou ainda certas formas de sexualidade mantêm um parentesco direto com o desatino e a doença mental” (FOUCAULT, 1978, 95).



criminoso nas instituições de internamento<sup>117</sup>. Estes sujeitos passaram um ou dois séculos reclusos nos espaços reservados à loucura. Enviada para o exílio - para as trevas do desconhecimento - a loucura permaneceu muda<sup>118</sup> por quase dois séculos até que outro modelo de controle social passasse a investir sobre a massa de indivíduos inúteis para desfazer os seus matizes e os categorizar.

### 2.1.3 A “inclusão” da peste

Em um dos capítulos de *Vigiar e punir*, Foucault (2008b, p. 162) descreve um regulamento desenvolvido no fim do século XVII que era imposto de forma esporádica diante de uma incidência de alguma doença em uma cidade. Este regulamento foi imposto até o fim século XVIII. Instaurava-se um período de regime de exceção<sup>119</sup>: a **quarentena**. Inicialmente, a prefeitura distribuía membros de uma organização hierárquica sobre o espaço da cidade. Aliavam-se a prefeitura, os intendentos, os síndicos, os corvos<sup>120</sup> e os médicos de quarentena para exercer o policiamento, o registro dos habitantes, a higienização da cidade e os cuidados com os doentes. Os intendentos se ocupavam o quarteirão e os síndicos da rua. Dava-se um tempo para que a população preparasse os mantimentos e sacrificasse os animais. Em seguida, num dia previamente determinado (dia D), a cidade era interditada e os moradores eram obrigados a se fecharem em suas casas, de preferência em seus respectivos quartos para que não tivessem contato entre si. Eram trancafiados pelos síndicos que retinham as chaves das casas e as entregavam aos intendentos até o fim da quarentena. Para que não houvesse contato físico algum, as pessoas eram proibidas de sair sob pena de morte; O regulamento era seguido à risca e somente poderiam sair em casos excepcionais e por turnos. Os alimentos eram repassados por canais de madeira, roldanas e cestas. Somente

---

<sup>117</sup> *Ibid.*, p. 94.

<sup>118</sup> *Ibid.*, p. 119.

<sup>119</sup> Conceito semelhante ao de “estado de exceção” que foi desenvolvido pelo filósofo e jurista alemão Carl Schmitt em que o soberano desfaz a ordem constitucional ou qualquer vínculo normativo para reconstituir o estado normal anterior à perturbação provocada. Neste caso, evitando o anacronismo em um período anterior às constituições civis, a população era obrigada a seguir os ditames do soberano governo com o fim de se conter o transtorno e restabelecer a normalidade. (NOGUEIRA JÚNIOR, Francisco de A. O estado de exceção e a garantia da democracia. **Teoria do Estado e da Constituição**. Anais do XXII Encontro Nacional CONPEDI/UNICURITIBA: Curitiba – PR, 2013 p. 84-85). “[...] a peste é o momento em que as individualidades se desfazem, em que a lei é esquecida. O momento em que, toda regularidade é suspensa” (FOUCAULT, 2001, p. 58).

<sup>120</sup> Determinado grupo social que lida com os moribundos e a morte e, por isso, levam a alcunha do pássaro necrófago: “[...] entre as casas infectadas, de um cadáver ao outro, os “corvos”, que tanto faz abandonar à morte: é ‘gente vil, que leva os doentes, enterra os mortos, limpa e faz muitos ofícios vis e abjetos” (FOUCAULT, 2008b, p. 162)

circulavam pela rua os membros do corpo de policiamento que se distribuí pelos espaços da cidade. O olhar de vigília se impõe por toda a parte para fiscalizar todos os atos.

Em suas casas os moradores eram enquadrados e distribuídos pelos cômodos; eram recenseados quanto ao nome, idade e sexo biológico. A cada dia, o síndico chamava os moradores para que se apresentassem um a um à janela do respectivo cômodo e na ausência de algum morador já se imaginava que ele estaria doente ou morto: esta triagem “é a grande revista dos mortos e dos vivos”. A operação de identificação do modelo da lepra é diariamente reativada e tudo o que acontece é registrado pelos síndicos: as doenças, as mortes, as visitas, as reclamações, as irregularidades, inclusive os cuidados médicos deveriam ser controlados para que não tratassem os doentes sem que as autoridades tivessem conhecimento. Estes dados eram repassados aos intendentes e magistrados: “O registro do patológico deve ser constante e centralizado. A relação de cada um com sua doença e sua morte passa pelas instâncias do poder, pelo registro que delas é feito, pelas decisões que elas tomam”<sup>121</sup>. Alguns dias depois do início do período de exceção o médico de quarentena inspecionava as casas e os cômodos, retirava os moradores e lançava incenso para purificar o ar dos possíveis miasmas<sup>122</sup>. O intendente inspecionava o quarteirão que lhe coube, garantindo as funções do síndico e recolhendo os registros para serem repassados à prefeitura. Garante-se o controle da epidemia pelo funcionamento deste sistema hierárquico ao supervisionar, registrar e suprir as demandas dos cidadãos<sup>123</sup>.

Neste modelo de nosopolítica o espaço também é dividido, mas a divisão não é entre o campo e a cidade. O território da cidade é “fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos são inseridos num lugar fixo”<sup>124</sup>. Os indivíduos não são exilados e nem excluídos, mas o contrário: ficam fechados no próprio espaço da cidade; ficam isolados como em um complexo de colmeias recortadas em *cellae*<sup>125</sup> para que evitem o contato com possíveis miasmas provenientes dos indivíduos empestados. Esta ordem de

---

<sup>121</sup> FOUCAULT, 2014b, p. 163.

<sup>122</sup> Supostamente para combater os fortes odores provenientes dos solos contaminados e dos pântanos, como afirmava a partir da teoria miasmática, “Perfume markets created an overwhelming air with their strong scents, and perfume itself was a tool used to dispel or prevent unwanted odors or airs. [...] Perfumes were used to diffuse ill vapors or fetid airs about one’s person and therefore were an olfactory preventative from possible infection via miasmas” (PANNELL, Lindsay. **A Viperous breathing: the miasma theory in early modern England**. Master of Arts. Canyon, Texas: West Texas A&M University, 2016. p. 39 e 51).

<sup>123</sup> FOUCAULT, *op. cit.*, p.162-163.

<sup>124</sup> FOUCAULT, 2014b, p. 163.

<sup>125</sup> Substantivo de origem latina, plural de *cella* que significa pequeno cômodo, compartimentos individualizados. É o termo que derivou a atual palavra “células”, embora com outros usos. Disponível em: < <https://bityli.com/AIE7L> >. Acesso em: 28 out. 2022.

policciamento minucioso desfaz as grandes massas disformes, identificam-se os indivíduos e todos os acontecimentos e comportamentos são anotados. O sujeito expatriado, o indivíduo que era anunciado estrangeiro em sua própria terra e enviado para as trevas do desconhecimento não é a imagem representativa da modernidade e nem da *ratio* que surgiram na passagem do século XVIII ao século XIX. O sujeito antes ignorado agora torna-se objeto de interesse, animando registros minuciosos sobre os seus movimentos, comportamento, características etc. O esquadramento do espaço, a distribuição dos corpos sobre este espaço, a vigilância hierárquica constante, os registros diários e a regulamentação e as interdições são processos de um poder individualizador, muito mais potente que os processos de formação das grandes massas:

Se é verdade que a lepra suscitou modelos de exclusão que deram até certo ponto o modelo e como que a forma geral do grande Fechamento, já a peste suscitou esquemas disciplinares. Mais que a divisão maciça e binária entre uns e outros ela recorre a separações múltiplas, a distribuições individualizantes, a uma organização aprofundada das vigilâncias e dos controles, a uma intensificação e ramificação do poder. O leproso é visto dentro de uma prática da rejeição, do exílio-cerca; deixa-se que se perca lá dentro numa massa que não tem muita importância diferenciar; os pestilentos são considerados num policiamento tático meticuloso onde as diferenciações individuais são os efeitos limitantes de um poder que se multiplica, se articula e se subdivide. O grande fechamento por um lado; o bom treinamento por outro. A lepra e sua divisão; a peste e seus recortes. Uma é marcada; a outra, analisada e repartida. FOUCAULT, 2008b, p. 164.

Os indivíduos que antes eram apartados da cidade para que ela fosse purificada agora são “incluídos” na ordem da cidade. Deve-se ter cautela ao afirmar a existência de um processo de “inclusão”, pois ele não é o de reconhecimento e de acolhimento da diferença, embora o processo não seja de distanciamento e marginalização, mas o contrário, é de aproximação destes indivíduos para o campo de vista para que pudessem ser meticulosamente observados e controlados – “não se trata tampouco de uma espécie de grande rito de purificação, como na lepra; trata-se, no caso da peste, de uma tentativa para maximizar a saúde, a vida, a longevidade, a força dos indivíduos. Trata-se, no fundo, de produzir uma população sadia”<sup>126</sup>. A ordem se impõe contra as misturas, desenvolve-se a “disciplina como correlato médico e político”<sup>127</sup>. Este processo será detalhado na seção “**2.4.1 Das batalhas**”.

---

<sup>126</sup> Em todo o curso *Os anormais* Foucault analisa diversos elementos que contribuíram, na história do Ocidente moderno, a formação do conceito de anormalidade, ou seja, de processos que conformaram a patologização de comportamentos. Estes processos são fundamentais para o desenvolvimento das técnicas de controle com vistas a propiciar uma sociedade saudável. (FOUCAULT, 2001, p. 65).

<sup>127</sup> FOUCAULT, 2008b, p.164.

## 2.2 A EMERGÊNCIA DAS TECNOLOGIAS DE GUERRA

Em boa parte da Idade Média a sociedade foi fragmentada através de um modelo que separava os leprosos dos cidadãos, os puros dos impuros e, conseqüentemente, esta política nosorreligiosa se estendeu aos novos leprosos que a emergente *ratio* da Idade Clássica tratou de identificar. Este modelo identificava e apartava os acometidos pelas doenças venéreas, os filhos ingratos, os feiticeiros, os suicidas, os blasfemadores e toda esta gente aparentemente diversa, mas correlaciona pelo denominador comum da loucura. O modelo da lepra conformou duas grandes massas: a da gente que habitava as cidades e a gente que se aglomerava nos espaços reservados para elas nas aforas da cidade<sup>128</sup>. Imagem emblemática da divisão provocada por uma *ratio* que se arrogava luz e empurrava toda esta gente incômoda para a escuridão. A Idade Clássica evidenciou um caráter excludente e rigoroso desta racionalidade emergente que foi politicamente ativada pela administração real.

O poder excludente ainda continua a criar cisões sociais que aparta os doentes, os criminosos, os desviantes, as crianças, os pobres etc. bem como a identificar os novos “leprosos”, os marginalizados ou aqueles que se inserem em desqualificações da ordem dos transtornos mentais, das orientações sexuais, das questões étnico-raciais, de gênero, de identidade de gênero, de capacitismo, de pessoas que convivem o HIV (do inglês *Human Immunodeficiency Virus*) e algumas IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis) etc. O modelo de exclusão da peste não deixou de produzir fragmentações, embora um “outro modelo de controle que [me] parece ter tido uma fortuna histórica muito maior e muito mais duradoura [...] é o problema da peste e do policiamento da cidade empestada”<sup>129</sup>. Na passagem do século XVIII ao século XIX uma nova forma de pensamento, o modelo de “inclusão” da peste”, esfacela estas grandes massas, desfaz as misturas desta gente nos hospitais, asilos etc. Tanto em *Vigiar e punir* quanto em *Os anormais* no Foucault parece indicar que houve uma sucessão entre os modelos, que a exclusão da lepra foi suplantada

---

<sup>128</sup> “A exclusão da lepra era uma prática social que comportava primeiro uma divisão rigorosa, um distanciamento, uma regra do não-contato entre indivíduos (ou um grupo de indivíduos) e outro. Era, de um lado, a rejeição desses indivíduos num mundo exterior, confuso, fora dos muros da cidade, fora dos limites da comunidade. Constituição, por conseguinte, de duas massas estranhas uma à outra.” (FOUCAULT, 2001, p. 54).

<sup>129</sup> *Ibid.*, p. 55.

pela “inclusão” da peste<sup>130</sup>. No entanto, ele igualmente assinala uma certa afinidade entre os modelos:

Esquemas diferentes, portanto, mas não incompatíveis. Lentamente, vemo-los se aproximarem; e é próprio do século XIX ter aplicado ao espaço de exclusão de que o leproso era o habitante simbólico [...] a técnica de poder própria do “quadriculamento” disciplinar. Tratar os “leprosos” como “pestilentos”, projetar recortes finos da disciplina sobre o espaço confuso do internamento, trabalha-lo com os métodos de repartição analítica do poder, individualizar os excluídos, mas utilizar processos de individualização para marcar exclusões [...] o asilo psiquiátrico, a penitenciária, a casa de correção, o estabelecimento de educação vigiada, e por um lado os hospitais, de um modo geral todas as instâncias de controle individual funcional num duplo modo: o da divisão binária e da marcação (louco - não-louco, perigoso-inofensivo, normal-anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele; onde deve estar; como caracterizá-lo; como reconhecê-lo; como exercer sobre ele, de maneira individual, uma vigilância constante etc. FOUCAULT, 2008b, p. 165.

Esta inovação técnica não significou a extinção do modelo da lepra, pois a categorização somente pode acontecer após a identificação e da separação dos males. A historicidade da exclusão da lepra é uma condição *sine qua non*<sup>131</sup> para o advento da “inclusão” da lepra<sup>132</sup>. A individualização trata-se de uma “divisão e subdivisão do poder, que chega a atingir o grão fino da individualidade”<sup>133</sup>. É uma estratégia que permeia as guerras quando se propõe “dividir para conquistar” ou “dividir para reinar”. Desta maneira, o modelo da peste é mais eficiente que o modelo da lepra, embora ele não seja mais eficiente que ambos os modelos conjugados. O entrecruzamento entre os modelos produziu uma tecnologia de controle nunca antes vista: um monumento ciclópico<sup>134</sup>, um gigante

---

<sup>130</sup> “O exílio do leproso e a prisão da peste não trazem consigo o mesmo sonho político. Um é o de uma comunidade pura, o outro, o de uma sociedade disciplinar. Duas maneiras de exercer poder sobre os homens, de controlar suas relações, de desmanchar suas perigosas misturas.” (FOUCAULT, 2008b, p. 164); “E creio que a substituição, como modelo de controle, da exclusão do leproso pela inclusão do pestífero é um dos grandes fenômenos ocorridos no século XVIII” (FOUCAULT, 2001, p. 55).

<sup>131</sup> Locução latina *sine qua non* = sem o qual não (tradução literal); indispensável, essencial (sentido em português). “**sine qua non**”, In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: < <https://bitly.com/O25H8> >. Acesso em: 04 jan. 2023.

<sup>132</sup> “Não é importante para nossa cultura que o desatino [loucura] só tenha podido tornar-se objeto de conhecimento na medida em que foi, preliminarmente, objeto de excomunhão?” (FOUCAULT, 1978, p. 119).

<sup>133</sup> FOUCAULT, 2001, p. 57.

<sup>134</sup> Referência aos ciclopes que eram, na mitologia grega, gigantes imortais com um só olho na testa, as vezes três com destaque para o olho na testa que era mais redondo, marcado e aberto. Possuíam grande capacidade física e eram exímios construtores, realizando trabalhos arquitetônicos que desafiavam a própria capacidade humana. Por isso, era comum na literatura grega e na linguagem atual a referência “ciclópico” para construções ou coisas colossais e duradouras. (LAGE, Celina F. O ciclope ou quantos olhos possui? **Revista mundo antigo**. Ano I, v. 01, n. 02. UFF: Campos dos Goytacazes – RJ, 2012. p. 51.; FÉREZ, Juan A. L. Sobre los mitos y personajes míticos clásicos en la poesía, cuentos y artículos de Antonio Buero Vallejo. **Revista de estudios clásicos**. n. 37. UNED: Madrid, 2010. p. 64).

arquitetônico que tudo vê e tudo denuncia. O emblema de uma nova forma de produção de saber e de exercício de poder que somente foi possível com esta combinação de domínios.

### 2.2.1 O monumento ciclópico

A conjugação dos modelos da peste e da lepra não aconteceu de forma rápida. Eles coexistiram durante um período na Idade Média – sem nenhuma relação entre si - se aproximaram lentamente durante da Idade Clássica até o século XIX quando já se encontravam fundidos. O modelo derivado da fusão entre estes dois modelos é o que Foucault denomina de *Panopticon*: uma tecnologia de alienação e de esquadrinhamento social. Este é um modelo básico que permeia as instituições disciplinares, mas que cada uma delas apresenta peculiaridades. O *Panopticon* é este novo e complexo arranjo de controle político dos indivíduos. Esta tecnologia guarda semelhanças com o *Panóptico* de Jeremy Bentham. O *Panóptico* de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível<sup>135</sup>.

Este é o *Panopticon* como modelo básico da estrutura arquitetônica das instituições disciplinares. É uma tecnologia inventada para efetivar a “inclusão” da massa à sociedade; era necessário tratar os “leprosos” como “pestilentos”, individualizá-los para discipliná-los e de outra forma “a universalidade dos controles disciplinares permite marcar quem é “leproso” e fazer funcionar contra ele os mecanismos dualistas de exclusão”<sup>136</sup>. A “inclusão” referida não é da conceituação corriqueira que se tem neste primeiro quarto do século XXI; refere-se ao processo de aprisionar os corpos dos socialmente indesejados e transformá-los, sob um funcionamento fabril, em corpos úteis. Em outras palavras, é tornar a massa dos

---

<sup>135</sup> *Ibid.*, p.194

<sup>136</sup> FOUCAULT, 2008b, p.194.

pobres, doentes, loucos, delinquentes etc. em indivíduos que sejam úteis economicamente, que sejam produtivos. Para que isso aconteça, é necessário discipliná-los, conter seus impulsos, comportamento, movimentos corporais etc. A moral “humanista” enxergava este processo como humanizador e, principalmente, civilizatório; que os prepararia para a emergência (*Entsehung*) da sociedade da Modernidade. Foucault desmonta em *Vigiar e punir* esta suposta pretensão humanista e mostra como este processo pode ser mais ardil que certas práticas anteriores a Modernidade. O processo, operado no interior dos diversos *Panopticons* das instituições disciplinares, não é simples; é complexo, sutil, refinado e em constante movimento, ele nunca é o mesmo.

A estrutura arquitetônica do *Panopticon* facilita a distribuição dos indivíduos pelas *cellae*. Eles são separados entre si para impedir que tenham contato ou que se comuniquem como garantia da ordem. As separações individualizam e controlam seus movimentos corporais; a multidão confusa se transforma em individualidades controláveis. A disposição espacial torna a torre a representação de um poder que vigia, mas que nunca se sabe quando, pois, ela foi construída de forma que não possam enxergar os vigilantes dentro da torre. A possibilidade de ser observado a qualquer momento com a impossibilidade de verificar quando isso acontece provoca modificações positivas no comportamento dos vigiados, são os efeitos homogêneos de poder<sup>137</sup>. O *Panóptico* é percebido como um maquinário que garante a dissimetria do poder entre indivíduo e torre, por esta *vigilância hierárquica* em que o indivíduo é observado sem poder saber por quem e quando. Como o indivíduo não pode identificar quem o vigia, ao final se pode afirmar que o poder é incorpóreo. Não é necessário a presença física ou o uso da violência para garantir a sujeição, o próprio indivíduo se limita quando entra no campo de visibilidade. É a representação de uma economia do poder em que a vigilância e o controle se tornam mais constantes e uniformes em seus efeitos, ainda que a vigilância possa ser ocasional<sup>138</sup>.

Diversas instituições como o asilo psiquiátrico, a penitenciária, a casa de correção, as escolas, os hospitais adotaram o *panoptismo* como o mecanismo de controle dos indivíduos. Pequenos laboratórios de poder, espaços para a realização de experiências pela aplicação técnicas que sujeitam os indivíduos e processos que os utiliza para algum fim<sup>139</sup>. O *Panopticon* e, principalmente, a torre são o símbolo de vigilância, de registro dos

---

<sup>137</sup> *Ibid.*, p.195.

<sup>138</sup> *Ibid.*, p.171

<sup>139</sup> *Ibid.*, p.168.

comportamentos e do exame. Dispor o corpo dos indivíduos à observação da torre faz com que estejam mais visíveis e, portanto, mais suscetíveis a um exame minucioso sobre o comportamento e os movimentos do corpo do indivíduo; é a entidade que observa, diferencia e pune caso seja necessário. A arquitetura dos *Panopticons* amplia a capacidade de ver e falar dos dispositivos disciplinares. O *Panopticon* tem seu nome inspirado na figura mitológica de um gigante grego, o Panoptes, o olho que tudo vê. Ele tinha 100 olhos que nunca se fechavam juntos. Para dormir o monstro fechava metade de seus olhos enquanto a outra metade restava atenta. Os *Panopticons* funcionam como um grande microscópio nas mãos de um cientista; ampliam o objeto de observação, observam, registram, elaboram hipóteses, aplicam testes e recolhem os resultados. Estes dispositivos se constituem virtualmente como monumentos ciclópicos<sup>140</sup>; podem ver e falar.

### 2.2.2 Decodificação das tramas

Considerando que a genealogia nasce do conflito, ela mesma é uma tecnologia de enfrentamento; possui uma missão de desvelar como os saberes emergiram e como eles se transformaram. Os saberes não são desdobramentos de uma razão fantástica, de começos pacíficos e um desenvolvimento contínuo. Não há uma origem (*Ursprung*) como causa de sua existência e de suas aparentes transformações. De quando emergiram em diante, eles estão inseridos em meio ao conflito. A genealogia exprime sua capacidade arqueológica quando se dispõe sobre o campo arqueológico afim de desencavar as condições que possibilitaram o surgimento de um saber. A genealogia exprime sua capacidade genealógica quando descreve as relações de poder responsáveis tanto pelo surgimento quanto pelo desenvolvimento de um saber; ambos não acontecem de forma amistosa, pois a divergência instaura problemas. Os discursos entram em cena para responder a estes problemas e, como já expressei, não acontece de forma amistosa. A genealogia se coloca sobre a “torre de observação” para ter acesso ao campo onde se desenrola a confrontação. Deste posto possui visão mais ampla que a arqueologia possui sobre a *episteme*. A genealogia vê além, enxerga as relações de poder e as tramas que ele é capaz de compor; aprende-se “que atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente’”<sup>141</sup>. É este olhar mais amplo e aguçado, que se dispõe sobre as pilhas de materiais, que a genealogia decodifica as tramas de saber e do poder, do saber-

---

<sup>140</sup> FOUCAULT, 2014a, p. 10.

<sup>141</sup> FOUCAULT, 2014b, p.17-18



poder. A sua proveniência (*Herkunft*), a sua função e o seu funcionamento de guerra, típico da genealogia, a dispõe sobre um objeto igualmente bélico: o dispositivo de poder

### 2.2.3 A invenção do dispositivo de guerra

O conceito de dispositivo de Foucault é fecundo; as tentativas para defini-lo foram diversas. Os dispositivos aparecem nos ditos e escritos de Foucault desde as suas análises sobre o poder à suas análises sobre a constituição das subjetividades (1980-84), ou seja, coincide com a maior evidência da genealogia. As condições que permitem a constatação de um dispositivo e suas regras são variáveis dado o período que compreende diversos objetos de análise. Conforme Foucault avança em suas análises, o dispositivo ganhava formas inéditas, o que torna difícil uma generalização; atividade filosófica igualmente condenável pelo filósofo que repelia, como foi dito, qualquer tentativa de se criar teorias gerais, “métodos, doutrinas e sistemas”. Como Nietzsche, Foucault (2014b, p. 10) recusa a busca das essências, dos “desdobramentos meta-históricos das significações ideais e das indefinidas teleologias”; não lhe interessava a busca metafísica das identidades fixas, mas o contrário, as confusões e as discórdias entre as coisas. Não obstante, percebe-se certa semelhança entre os dispositivos analisados na fase da *genealogia de guerra*. Neste trabalho pretende-se traçar, em linhas gerais, o conceito de dispositivo durante esta fase, pois segundo Defert (2001, p.64) a própria análise genealógica apresenta uma vontade de saber que adquire formas de saber-poder, mas ela mesma tem uma proveniência (*Herkunft*) comum e, provavelmente, opera de forma beligerante. Seria este o regime das forças que coordenou os dispositivos emergentes deste conjunto de análises? Importa saber o porquê da emergência (*Entsehung*) destes saberes e a que urgência o dispositivo respondia, a relação entre os elementos que o compõe e as significações que produzem. A busca principal desta seção é confirmar a vontade de poder como aquilo que motiva a cinesia do dispositivo de guerra.

### 2.2.4 Os elementos, a função e as tramas

Conceituação tardia - Apesar da presença do dispositivo nos escritos de Foucault desde 1970, é somente nas *Aulas sobre a vontade de saber* que este conceito é mencionado pela primeira vez como “dispositivo de sexualidade”. E foi somente no ano seguinte que a definição de seu conceito foi divulgada em uma entrevista que concedeu à *International*

*Psychoanalytical Association* (IPA). Foucault só pode mencioná-lo e definir ao final da *genealogia de guerra*. A definição do dispositivo é realizada ao descrever sua constituição, função e funcionamento, sem menção a uma finalidade, pois Foucault é desfavorável às teleologias. A busca pelos fins é típica da filosofia tradicional<sup>142</sup>. Foucault define o dispositivo em três níveis. O primeiro nível é quanto a natureza de sua constituição:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2008b, p. 138).

A configuração que parece generalista é que um dispositivo é constituído pela dimensão discursiva e pela dimensão não-discursiva, ambas com uma diversidade de elementos que as constitui. Os dispositivos analisados por Foucault de 1970 a 1984 apresentam objetos diferentes e, conseqüentemente, seus elementos se diferenciam de um dispositivo para outro. A heterogeneidade era percebida tanto no interior dos dispositivos quanto entre os dispositivos. Defert ao classificar a fase da *genealogia de guerra*, deu algumas pistas de elementos que constituíam o dispositivo de guerra relatada no curso *Em defesa da sociedade*. Não se sabe em que medida estes elementos estariam relacionados com a ideia do dispositivo de guerra que permeia toda a fase da *genealogia de guerra*.

Um dispositivo não se define pelos elementos que o constitui, não os elementos em si, mas a relação que se estabelece entre os elementos. No dispositivo os elementos discursivos se relacionam e são codependentes. O desafio de Foucault durante esta fase da *genealogia de guerra* era desvelar como se dava a relação entre o saber e o poder. Não bastava saber o que é o saber e o poder, mas também saber como se relacionavam entre si enquanto partes de uma mesma entidade. Foucault deu-se com o “discurso de ordem” como o articulador entre a arqueologia e a genealogia<sup>143</sup>. A atividade genealógica como um instrumento de investigação mais amplo, igualmente exige uma descrição mais complexa dos processos que envolvem seus objetos de pesquisa; ela é capaz de desvelar a dinâmica operante entre as dimensões discursiva e não-discursiva: “entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que

---

<sup>142</sup> FOUCAULT, 2014a, pp.15-16.

<sup>143</sup> Foi exposto na aula inaugural no Collège de France *A ordem do discurso* (1970)

também podem ser muito diferentes”<sup>144</sup>. As diferentes configurações dos dispositivos determinam diferentes funções a ele. Em linhas gerais:

[...] por dispositivo compreendo uma variedade, digamos, de formações que a um dado momento tem por função principal de responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante... O dispositivo sempre se inscreve no jogo de poder [...] (FOUCAULT, 2008b, p.138).

O que se pode entender pela definição de sua função é que um dispositivo funciona como um arsenal de guerra, como um mecanismo disposto num campo de forças e que tem uma determinada missão. Ele mesmo, como um intenso campo de poder, tem o potencial de torcer as forças a favor de responder a uma demanda. O enfrentamento entre as forças e o poder é um processo paulatino, os efeitos negativos ou positivos desta guerra definem as vitórias e as derrotas do dispositivo. O dispositivo compõe-se de elementos-armas que em conjunto e em consonância tentam transformar as forças a seu favor; a união e a totalidade deste arsenal se qualificam como estratégia sobre as forças violentas que disputam entre si e resistem às investidas do dispositivo. O arsenal sequestra as forças selvagens e as disciplina para responder a uma necessidade; são como oponentes sequestrados e escravizados que terão que construir o império do inimigo. Dizia Foucault em outras palavras que a vitória é provisória, os escravos podem se rebelar a qualquer momento, podem inverter as relações e essa é causa das transformações ou mesmo contraversão da função de um dispositivo.

### **2.2.5 Capacidades de fazer ver e falar**

A definição de um dispositivo muda conforme novas relações são realizadas, como já foi dito. A exclusão ou a inclusão de algum dos elementos provocam um rearranjo entre os elementos e uma nova configuração de relação entre eles. O modo como os elementos estão dispostos e como estabelecem relações entre eles é que possibilita certas visibilidades e certas interpretações sobre a realidade. Portanto, nas palavras de Deleuze (2005, p. 156) são os pontos de luz e de enunciação. Seus arranjos ampliam a capacidade de ver e de falar dos dispositivos; paulatinamente o objeto analisado é explorado em meio aos jogos de luz que evidencia partes e obscurece outras. Os jogos de luz nunca são os mesmos nos diferentes

---

<sup>144</sup> FOUCAULT, 2014b, 138.

dispositivos e nunca se repetem. Apreendem de forma parcial o objeto de análise e não em sua totalidade; a visibilidade total provocaria o fim das disputas, no entanto, elas são constantes.

Segundo Deleuze (2005, p. 156) existe um jogo entre o visível e o invisível, e são estes jogos de luz e os de enunciação que compõem a “historicidade dos dispositivos”, ou seja, estes jogos provocam transformações nos dispositivos e se seguem novos jogos. No entanto, isso nem sempre esta historicidade é progressiva e positiva para o poder. Certos arranjos podem provocar efeitos negativos de poder, o que não é desejável dado que isso enfraquece o poder do dispositivo; ele se corrói e perde a eficácia. Fala-se negativo, o efeito de poder que em vez de potencializar o poder, o reduz e enfraquece.

A partir dos jogos de luzes e de enunciações, o dispositivo ressignifica o seu objeto e a si mesmo. Ele mesmo no que tange a sua capacidade de desenvolver técnicas e táticas que consigam controlar o objeto. É, devido a isso, que Foucault afirma que conhecer o objeto coloca o conhecedor em vantagem sobre o objeto, em outras palavras, saber é poder. O ser humano quer saber para exercer poder? O que se pode afirmar é que a vontade de conhecer não é um atributo humano, mas ao contrário, o ser humano é um produto da vontade. Não conhecemos, somos conhecidos! Quem vê ou conhece e quem fala não é a instância chamada sujeito, mas a vontade de saber que será discutida mais adiante neste trabalho. Somos apenas partícipes desta atividade violenta e espoliadora sobre o objeto, mas somos também a força, pois somos constituídos delas.

Conhecido em linhas gerais o que é um dispositivo, se faz necessário buscar as peculiaridades de um gênero de dispositivo. Inverte-se a relação que se estabelece entre o dispositivo como “sujeito de conhecimento” e o objeto-homem; torna-se o dispositivo o objeto de análise. O dispositivo que interessa é o dispositivo disciplinar que se pretende verificar se o seu funcionamento é da ordem dos enfrentamentos, das lutas, das batalhas e das guerras. Uma das peculiaridades do dispositivo disciplinar conecta-se a seu nascimento (*Geburt*) e seguindo a lógica de Foucault, isso envolve o campo das condições sobre o qual ele emergiu. O dispositivo é uma fusão entre duas formas de controle dos indivíduos e que são anteriores a nossa Modernidade<sup>145</sup>. Estas formas de controle são os modelos da lepra e da peste.

---

<sup>145</sup> Momento que se inicia na transição do século XVIII ao XIX e, segundo Foucault, permanecemos nela.

### 2.3 O CAMPO DE BATALHA

Como mencionado no princípio deste capítulo, as ameaças como doenças, revoltas, crimes, vagabundagem, deserções, longevidade etc. foram integradas ao imaginário apocalíptico da Idade Clássica e o desejo de controle sobre estas mazelas se tornou urgente<sup>146</sup>. Os medievais já não as vinculavam ao mito religioso. Eles já consideram que podem, até certo limite, manipular os dados da realidade a seu favor - em outras palavras, dominar a natureza – só era preciso conhecê-la para ampliar este poder. Colocar Deus em segundo lugar não os tornava corajosos. O medo se instalava por todos os lados e possibilitou, sem resistências, a formação gradual de uma moral que se acreditava em prol do humano. Uniu-se ao medo o discurso do “humanismo” e da ciência positiva como possíveis moduladores para esta nova moral, pois era preciso desenvolver uma sensibilização social para legitimar a aplicação constante de técnicas de controle sobre os indivíduos<sup>147</sup>. Concordavam cada vez mais que o sadismo das relações humanas deveria ser controlado e substituído por práticas “humanistas”. Sadismo e loucura passavam a ser considerados irracionais, fruto das paixões e dos delírios – pulsões de morte responsáveis por boa parte dos problemas humanos – só a razão poderia retificá-los e salvá-los; só a razão poderia livrá-los das ameaças.

A moral “humanista” trazia consigo a razão como seu fundamento. Nesta nova cultura, o louco que antes era bem tolerado socialmente, agora é sentido como uma ameaça; ele deveria ser encarcerado e tratado para que se livrasse da loucura, pois a essência humana é o pensamento. Disse Descartes “penso, logo existo”, a razão é o mínimo que temos ou somos. Foi preciso distanciar a loucura das cidades, logo a razão passou a se disputar com a loucura e o sadismo; encarcerou a loucura e o sadismo, desenvolveu técnicas para tentar contê-la ou eliminá-la. A loucura e o sadismo pareciam distanciadas do meio cívico, ficavam lá nas periferias, longe do convívio. Tinha-se a impressão de que a loucura se extinguia.

Na luta com a razão, a loucura e o sadismo se reinventaram, pois as forças nunca morrem ou desaparecem; elas apenas se ressignificam e se insurgem contra as forças dominantes, são as resistências contra-hegemônicas. A loucura e o sadismo sobreviveram no novo imaginário que se despontava na Idade Clássica; tanto mais se queria eliminá-los, mais

---

<sup>146</sup> FOUCAULT, 2014b, p.192.

<sup>147</sup> *Ibid.*, p. 33.

paranoicas as pessoas se tornavam com estas ameaças<sup>148</sup>. A loucura e o sadismo sobreviviam no imaginário e nas técnicas que desenvolviam para conter estas ameaças, fosse pela moral, fosse pelo desenvolvimento de instituições específicas. A Idade Clássica foi uma longa viagem das pessoas para o abismo de si mesmas. Quanto mais se conhecia o lado “obscuro”, mais se tornavam obcecados para conhecer e controlar a loucura e o sadismo; mais criavam a consciência da existência de uma linha muito tênue separando a razão da irracionalidade. Era, a própria razão, o requinte desta vontade de saber que usava as pessoas para criar as condições para a emergência (*Entsehung*) dos saberes-poderes disciplinares. Era a própria loucura o impulso na produção de técnicas de controle.

Foi neste cenário de obsessões que as instituições disciplinares foram inventadas. A neurose pelo controle das ameaças levou os sujeitos a desenvolverem formas de controle. Estas formas não são originárias da razão, elas possuem um substrato, são a descendência (*Abkunft*) de dois modelos de controle preexistentes: o modelo da lepra e o modelo da peste. Estas tecnologias foram ressuscitadas, combinadas e reutilizadas. Do modelo da lepra aproveitou-se a capacidade de se criar divisões binárias para identificar, marcar e separar os puros dos “anormais”. Por exemplo: o louco e o não-louco, o doente e o sadio, o delinquente e o cidadão etc. Da peste se aproveitou a capacidade de criar as separações múltiplas segundo o que é próprio de cada indivíduo. Por exemplo, divididos os grupos, interessam os “anormais” e agora eles seriam repartidos, individualizados, tratados em sua especificidade; nem louco é igual a outro. De um lado a divisão maciça, de outro as separações individualizantes. A lepra desenvolveu práticas de rejeição e exclusão da grande massa confusa e desordenada que eram os bandos compostos de loucos, doentes, delinquentes, prostitutas e miseráveis; eram exilados para fora das cidades. No extramuros da cidade eram livres. Com as instituições não foi diferente. Quando surgiram, se instalaram nas periferias das cidades, só muito depois é que se urbanizaram. Estas emergências das instituições na zona rural e nas periferias, e depois seus deslocamentos para o espaço urbano interior das cidades, provoca a inevitável associação com a finalidade das instituições. Em linhas gerais, se pretendia transformar os vagabundos, os pobres, os doentes, os loucos, os delinquentes em normais e puros, dignos de habitar o espaço urbano – só assim conseguiriam o direito de habitarem a cidade. Este era ou é o grande projeto da modernidade, da razão e do “humanismo”. O modelo da peste trouxe consigo o oposto da liberdade no campo, trouxe o

---

<sup>148</sup> FOUCAULT, 2014b, p.34.

aprisionamento dos indivíduos em *cellae*. As instituições adotam o aprisionamento e constituem regulamentos inspirados no da quarentena; regulamentos que deveriam ser seguidos à risca. O espaço das instituições como a prisão, os hospitais e os asilos psiquiátricos foram “quadriculados” para que se formassem as *cellae*, os cômodos por onde se distribuía os indivíduos. O modelo da lepra propicia a aglomeração das misturas fora da cidade; isso seria contra produtivo nas instituições disciplinares. O modelo da peste é uma resposta de ordem para desfazer as misturas provocadas pela lepra. De um lado a grande massa excluída sob o fechamento, de outro os esquemas disciplinares que distribuía os indivíduos sobre o espaço dividido para serem mais bem controlados.

Além das combinações que tornavam os espaços fixos, fechados e recortados, é preciso destacar suas principais capacidades. Descrever esta formação, é o mesmo que descrever um dispositivo. As capacidades dos dispositivos de fazer ver e fazer falar advém deste nascimento (*Geburt*), desta mistura de duas políticas de controle. Para existir controle, é preciso vigiar e relatar o que se vê; é preciso examinar. E estas capacidades também advieram dos modelos de controle da lepra e da peste. O modelo da lepra expulsava a turba dos “anormais” para a escuridão do desconhecimento no mundo dos que foram enviados para a morte social, enquanto o modelo da peste exerce um controle minucioso dos movimentos do corpo e o registro constante dos acontecimentos; esta práxis do conhecimento e do registro foi a adotada pelo dispositivo. Estes dados permitiam localizar, examinar e distribuir o indivíduo segundo a sua classificação entre os vivos, os mortos ou os doentes assim como o faziam na chamada diária a janela ou quando eram analisados pelo médico de quarentena.

A arquitetura, o espaço dividido, o regulamento, uma determinada moral e um grupo excluído específico são os elementos primordiais para o nascimento (*Geburt*) de uma instituição e, conseqüentemente, de um dispositivo. As instituições disciplinares são a descendência (*Abkunft*) de dois modelos ocidentais de controle dos indivíduos durante a Idade Média. Dois modelos resposta as ameaças da doença; o medo e a paranoia foram coadjuvantes na constituição destes modelos, estas foram a resposta a uma urgência da Idade Média. Portanto, funcionaram como táticas de um impulso de vida contra a ameaça da morte, do impulso de morte. A emergência (*Entsehung*) dos modelos ocorreu em contexto de guerra para a guerra contra a doença. Estes modelos foram ressuscitados e combinados para responder às ameaças que o imaginário classicista inventou e que deveriam ser controladas: os pobres, os doentes, os delinquentes, os loucos, os depravados etc. Estes dois modelos

eram animados por dois sonhos distintos frente às ameaças: o sonho político da comunidade pura por um lado e o sonho da sociedade disciplinar de outro<sup>149</sup>. A guerra é o fundo de pano desta trama, mas não somente ela, a raça também é a outra face da mesma moeda. O sonho de uma comunidade pura é, na verdade, um medo das misturas confusas. É por esse e outros motivos que a sociedade deveria ser defendida, mas nem todos eram dignos de se integrar a ela; antes deveriam passar por estas estruturas arquitetônicas - que encerram, vigiam e analisam os indivíduos – que, em tese, transformariam humanos em soldados disciplinados e disciplinadores. Esta é uma breve *genealogia de guerra* que trata da formação de dois modelos e um dispositivo como táticas de guerra e como máquina disciplinadora.

---

<sup>149</sup> FOUCAULT, 2014b, pp.192-194.



## 2.4 A MICROFÍSICA DOS EMBATES

A produção de saberes legitimava o exercício do poder disciplinar sobre os corpos dos indivíduos e, conseqüentemente, produzia efeitos em todo o corpo da sociedade. As instituições que antes se dedicavam à assistência aos leprosos, os acometidos pelas doenças venéreas, aos pobres etc. se situavam fora da cidade, o seu sitio era o sinal de exclusão em relação à cidade. Logo estas pessoas passaram a ser integrados em casas de correção, casas de trabalho (*workhouses*) etc. que tinham por função “integrar” estes indivíduos à sociedade, mas não uma integração de acolhimento, mas de inserção na engrenagem produtiva. Estas instituições se situavam na periferia das cidades, uma posição emblemática que representa a gradual “integração” dos indivíduos. Quando estas instituições se transformaram em hospitais, prisões, escolas, fábricas e outras instituições semelhantes, elas se integraram ao espaço urbano onde circulava e operava a racionalidade da Modernidade. Esta integração ao espaço urbano somente foi aceitável devido ao papel “transformador” dos indivíduos inúteis em sujeitos adequados à nova ordem social.

### 2.4.1 Das batalhas

Nas instituições disciplinares, os corpos são investidos pelas relações de poder que transformam as suas forças inúteis em forças úteis, pois “o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”. Por ser sutil e não violento, o poder disciplinador constituído por “manobras, táticas, técnicas, funcionamentos” que visam controlar as forças rebeldes dos corpos, distribui-se pelos espaços institucionais através de uma rede de relações. É um poder que está em constante atividade, numa batalha perpétua na intenção de controlar estas forças indômitas<sup>150</sup>.

Este poder investe sobre o corpo dos indivíduos, “passa por eles e através deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança”. O conhecimento político do corpo que se constitui a partir dos dispositivos de guerra estudam o poder em sua forma externa, no ponto em que se

---

<sup>150</sup> “[...] que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio” (FOUCAULT, 2008b, p. 29).

estabelece uma relação direta com o seu objeto-alvo, o corpo, e a produz nele seus efeitos<sup>151</sup>. Um conjunto de elementos materiais e de técnicas que servem de estratégia, de armas utilizadas nestas relações de poder investem sobre os corpos e faz deles objeto de saber. Estes pontos de investimentos do poder sobre o corpo não são unívocos, são diversos os pontos de instabilidade que por vezes tem suas situações invertidas de forma transitória até que as forças contrárias tornem a retomar sua posição de domínio:

Mas o copo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica” (FOUCAULT, 2008b, p. 28)

A partir desta microfísica transformadora, a alma surge como elemento incorpóreo correlativo aos tensionamentos que se produzem sobre o corpo do indivíduo. A eficácia dos mecanismos de punição, de vigilância, de treinamentos e de correção desenvolvidos pelas instituições disciplinares produz uma malha fina de tramas do poder capaz de atravessar o corpo e “produzir” em seu interior a alma. Este poder se multiplica, as forças são intensificadas pela convergência do poder sobre determinados pontos do corpo político; os monumentos ciclópicos tornam a ação deste poder ilimitada, regular e contínua sobre o corpo dos indivíduos. Articulam-se sob a pele os “efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber”, formulam-se processos de assujeitamento e de subjetivação. A alma se converte em “efeito e instrumento de uma anatomia política”, âmbito-fim de um conhecimento aperfeiçoado nas estruturas fechadas das instituições. A subjetividade do sujeito pode ser moldada, por fim, para tornar o corpo do indivíduo dócil e útil. É uma nova “economia política” que visa a redução das forças políticas do corpo e ampliação das forças úteis economicamente. Tamanha é a eficácia dos dispositivos de guerra sobre os corpos dos indivíduos que acabam por fazer com que se vigiem uns aos outros, reconduzindo assim, os efeitos de poder<sup>152</sup>. Estes efeitos não seriam possíveis sem o desenvolvimento de um campo de saber sobre o corpo, sem a constituição de um *dispositivo de guerra* que objetivasse a transformação do corpo político em corpo submisso e produtivo. As múltiplas batalhas do poder não poderiam acontecer sem a produção de um saber, pois “saber e poder estão

---

<sup>151</sup> Trata-se de “estudar o poder, de certo modo, do lado de sua face externa, no ponto em que ele está em relação direta e imediata com o que se pode denominar (...) seu objeto, seu alvo, seu campo de aplicação, no ponto, em outras palavras, em que ele se implanta e produz seus efeitos reais” (FOUCAULT, 2010, p. 175)

<sup>152</sup> FOUCAULT, 2008b, p. 29.

diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2008b, p. 30).

#### 2.4.2 Dos saberes bélicos

Apropriando-se dos dizeres de Nietzsche, Foucault concorda que o conhecimento não possui uma origem (*Ursprung*), pois de maneira alguma ele é uma constituinte da natureza humana como o afirmava Aristóteles. Embora reconheça, como Nietzsche, que os instintos se relacionem com o conhecimento, rejeitam a ideia do desejo pelo conhecimento como algo intrínseco do ser humano:

O conhecimento é simplesmente o resultado do jogo, do afrontamento, da junção, da luta e do compromisso entre os instintos. É porque os instintos se encontram, se batem e chegam, finalmente, ao término de suas batalhas, a um compromisso, que algo se produz. Este algo é o conhecimento. FOUCAULT, 2005, p. 16.

O conhecimento, portanto, é inventado (*Erfindung*). Ele emerge das lutas, dos combates contra o instinto. Ele não é algo instintivo e nem natural, mas o contrário, ele é contra instintivo e contranatural. Esta definição vai ao encontro da concepção dos dispositivos de poder disciplinar enquanto mecanismo que se contrapõem às forças do corpo. e o próprio processo de conhecimento é uma violação das coisas a conhecer, pois de modo algum há uma identificação objetiva do objeto<sup>153</sup>. Dito de outra forma, o que realizamos são interpretações do objeto e a cada (re)interpretação estamos a violar o objeto, a deformá-lo, a adulterar continuamente a sua imagem num infinito jogo de espelhos<sup>154</sup>.

Aparte da relação entre o dispositivo e os corpos dos indivíduos e contrariando a concepção grega de que conhecemos porque temos prazer em conhecer, Foucault endossa novamente Nietzsche ao dizer que não existe uma relação apaixonada com objeto que

---

<sup>153</sup> “E assim entre instinto e conhecimento encontramos não uma continuidade, mas uma relação de luta, de dominação, de subserviência [...] O conhecimento só pode ser uma violação das coisas a conhecer e não uma percepção, reconhecimento, identificação delas ou com elas” (FOUCAULT, 2005, p. 18).

<sup>154</sup> “[...] não é porque há signos primeiros e enigmáticos que agora nos dedicamos à tarefa de interpretar, mas, sim porque há interpretações, porque não cessa de haver, por baixo de tudo o que se fala, **a grande trama das interpretações violentas**. É por essa razão que há signos, signos que nos prescrevem a interpretação de sua interpretação que nos prescrevem revirá-los [*de les renverser*] como signos [...] A interpretação se confronta com a obrigação de interpretar a si mesma infinitamente, se sempre se retomar [...] A morte da interpretação é acreditar que há signos que existem primeiramente, originalmente, realmente, como marcas coerentes pertinentes e sistemáticas. A vida da interpretação, pelo contrário, é acreditar que só há interpretações” (FOUCAULT, 1994a, p. 145-146, grifo nosso).

desejamos conhecer, pelo contrário, os “impulsos nos colocam em posição de ódio, desprezo, ou temor diante de coisas que são ameaçadoras e presunçosas”<sup>155</sup>. Os momentos em que o conhecimento aparece, que algo vem a superfície, é uma instância de paz provisória e que não tarda em despertar desejos de confrontos, de prejudicar uns aos outros. Tanto no cerne da raiz do conhecimento quanto em suas entranhas se encontram o ódio, as lutas e as relações de poder. Portanto, a compreensão sobre o que é o conhecimento, como ele acontece se aproxima mais da política que da filosofia. A produção de saber e as relações entre os indivíduos tem em comum este constante estado de guerra. A guerra está presente inclusive nas análises que Foucault realizou sobre as formas jurídicas na antiga Grécia:

Houve na Grécia, portanto, uma espécie de grande revolução que, através de uma série de lutas e contestações políticas, resultou na elaboração de uma determinada forma de descoberta judiciária, jurídica, da verdade. Esta constitui a matriz, o modelo a partir do qual uma série de outros saberes – filosóficos, retóricos e empíricos – puderam se desenvolver e caracterizar o pensamento grego. FOUCAULT, 2005, p. 55.

Este período mencionado se refere ao nascimento do inquérito jurídico que em alguns séculos foi esquecida e se perdeu por conseguir fundar um “conhecimento racional capaz de se desenvolver indefinidamente”.<sup>156</sup> O Império Romano herdou esta forma de inquérito jurídico dos gregos e quando entrou em contato com o direito germânico percebeu-se uma diferença: ele se assemelhava, em algumas de suas formas, ao direito arcaico grego de um período anterior ao nascimento do inquérito<sup>157</sup>. No modelo germânico os litígios eram regulamentados pelo jogo da prova entre os indivíduos, ou seja, entre as duas partes: a vítima e o acusado<sup>158</sup>. Não havia a introdução de terceiros no litígio através de uma ação pública, ou seja, alguém que representasse uma sociedade, um grupo, o poder etc. Entabulava-se um duelo entre aquele que se defende e aquele que acusa. O litígio torna-se uma luta entre os indivíduos:

---

<sup>155</sup> FOUCAULT, 2005, p. 21.

<sup>156</sup> FOUCAULT, 2005, p. 55.

<sup>157</sup> Foucault discorre em *A verdade e as formas jurídicas* sobre o nascimento do inquérito a partir da tragédia de Édipo Rei e situa a sua elaboração entre o século VI a.C. e V a.C., ou seja, no final do período arcaico que compreende os séculos VIII a.C. ao V a.C.: “Falarei da história de Édipo [...] como episódio bastante curioso da história do saber e ponto de emergência do inquérito” (FOUCAULT, 2005, p. 29). “O personagem lendário épico que perdeu sua cidadania e sua pátria e que, depois de um certo número de provas, reencontra à glória e o personagem histórico do tirano grego do fim do século VI a.C. e início do V a.C.” (FOUCAULT, 2005, p. 29).

<sup>158</sup> Estes litígios também poderiam envolver a oposição entre famílias ou grupos. Havia duas exceções para uma ação pública: a traição e a homossexualidade. Nestes casos a comunidade interferia por considerar-se lesada e exigia reparação ao indivíduo. (FOUCAULT, 2005, p. 56).

Uma espécie de guerra particular, individual se desenvolve e o procedimento penal será apenas a ritualização dessa luta entre os indivíduos. O Direito Germânico não se opõe a guerra à justiça, não identifica justiça e paz. Mas, ao contrário, supõe que o direito não seja diferente de uma forma singular e regulamentada de conduzir uma guerra entre indivíduos e de encadear os atos de vingança. O direito é, pois, uma maneira regulamentada de fazer a guerra. FOUCAULT, 2005, p. 56-57.

Desta forma, o sistema que regulamenta os conflitos e litígios nas sociedades germânicas daquele momento histórico é regido pelas lutas e pela transação entre as partes. Este sistema é o espelhamento daquelas sociedades germânicas constituídas por povos “incultos, bárbaros e pouco numerosos” que tinham como base de organização a guerra e dos guerreiros. Existia uma aristocracia guerreira, os denominados *Leute*, os homens de armas que coordenavam uma estrutura social bastante peculiar. Foucault recorre a Boulainvilliers, um dos historiadores da nobreza francesa da segunda metade do século XVI, para analisar a historiografia produzida por ele. É importante dizer que a nobreza francesa neste período passava por uma crise em face do absolutismo que reduzia o seu poder e suas regalias. Por isso, emerge uma historiografia que advoga pelo reconhecimento dos direitos da nobreza francesa a partir de sua história pregressa, pois ela seria herdeira da nobreza guerreira dos francos, um dos povos germânicos que invadiu a Gália nos séculos V d.C. e VI d.C.<sup>159</sup> Foucault observa nos escritos de Boulainvilliers que entre os francos não há um rei<sup>160</sup> e que existe uma relativa igualdade de poder entre os membros desta aristocracia, as decisões eram tomadas com base neste princípio não porque fossem democráticos e respeitassem-se uns aos outros, mas contrariamente porque eram egoístas, ávidos, tinham gosto pela batalha, pelas conquistas e pelas rapinas. A liberdade somente poderia ser exercida pela dominação e era pela avidez de cada um dos membros da *Leute* que se impedia que um deles se apoderasse de forma individual qualquer domínio. O absolutismo francês que é um poder monárquico, ou seja, exercido por um sujeito apenas e tem como fundamento o direito romano.

Foucault analisa uma série de acontecimentos historiográficos como este que acontece tanto por parte dos defensores dos direitos da nobreza francesa da segunda metade

---

<sup>159</sup> FOUCAULT, 2010, p. 118.

<sup>160</sup> Os francos possuíam um rei, mas ele era escolhido através de consentimento entre todos os grupos de *Leudes* (povos), mas ele tinha somente a função de “solucionar contendas ou problemas de justiça em tempos de paz”. Portanto, o poder de um rei era bastante restrito. Em momentos de guerras, era atribuído um chefe, pois era um momento que em que era necessária uma “organização forte e de um poder único” (FOUCAULT, 2010, p. 124-125).

do século XVI ao início do século XVIII. Esta nobreza guerreira francesa, não tão guerreira como a sua historiografia atesa, mas ainda guerreira, se dispõe contra o poder absolutista do rei visando recuperar o seu antigo *status* privilegiado. Por outro lado, ela se impôs contra o levante da burguesia contra a ordem aristocrática: “De uma parte, contra a monarquia e suas usurpações do poder, de outra, contra o terceiro estado, que se aproveita justamente da monarquia absoluta para invadir, por sua vez e em seu proveito, os direitos da nobreza”.<sup>161</sup> Neste jogo duplo ela faz uso dos discursos historiográficos como forma de se legitimar; são espécies de invasões que aconteceram no campo historiográfico. Outros historiadores monarquistas continuam a se defender e a fortalecer o monumento jurídico que foi se constituindo em torno da figura do rei e que justificaria o seu *modus operandi*<sup>162</sup>. Por outro lado, o poder absolutista representado pelo direito normando invadiu a Inglaterra e se impôs pela violência. Este poder em terras inglesas igualmente foi contestado pelo direito saxão através dos habitantes mais antigos e pelos mais pobres. Não era primeira vez que aquelas terras eram invadidas pelo absolutismo; antes da chegada dos romanos, imperava

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. FOUCAULT, 1997, p. 27.

A emergência dos saberes disciplinadores produzidos pelas máquinas que fazem ver e falar marcaram uma descontinuidade com os saberes precedentes, ou seja, marcaram “um novo ‘regime’ no discurso e no saber”. Neste novo ‘regime’ circula entre os enunciados científicos novos efeitos de poder que provocaram uma mudança nas regras de formação dos enunciados que os verifica ou invalida enquanto científicos<sup>163</sup>. Agamben (2005, p. 9-10, grifo nosso) percebe o mesmo em uma quase definição de dispositivo que Foucault dá em uma entrevista de 1977: “3) é algo de geral (um *réseau*, uma “rede”) porque inclui em si a *episteme*, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico”. Observa-se que ele menciona a inserção da *episteme* em uma rede de relações (*réseau*) mais ampla que é aquela que constitui o dispositivo. Desta forma, estabelece-se relações de poder entre os elementos

---

<sup>161</sup> FOUCAULT, 2010, p. 121.

<sup>162</sup> “[...] nas sociedades ocidentais, e isto desde a Idade Média, a elaboração do pensamento jurídico se fez essencialmente em torno do poder régio. Foi a pedido, foi igualmente em seu proveito, foi para servir-lhe

<sup>163</sup> FOUCAULT, 2014a, p. 25.

discursivos e não discursivos: “é uma rede que se estabelece entre estes elementos [...] O dispositivo está sempre inscrito em um jogo de poder”.<sup>164</sup> Apesar deste substrato de onde emergiram os diferentes dispositivos disciplinares ser comum, os outros elementos que compõem as condições de experiência e as condições do objeto de experiência são heterogêneos<sup>165</sup> e, por isso, houve esta produção de vários dispositivos assemelhados entre si.

O termo *episteme* até a publicação de *Arqueologia do saber* (1969) era bastante restrito para definir um conjunto discursivo da ordem dos enunciados, mas Foucault abandona esta concepção monolítica<sup>166</sup> e declara, no escrito citado, que outras arqueologias são possíveis: da sexualidade, da imagem – o espaço, a luz e as cores - da ética, do saber político etc.<sup>167</sup> Isso significa que outras discursividades, que não enunciadas, são possíveis através do corpo, dos movimentos corporais, do comportamento, do modo de ser, do modo de se relacionar, das outras formas de linguagem etc. Conforme Foucault avança em suas análises, à medida que ele se interessa pelo tema do poder, ele adota o termo dispositivo que é mais abrangente e geral. *Episteme* é o dispositivo especificamente discursivo, justamente aquele que permite separar o qualificável cientificamente do não qualificável, o verdadeiro do falso<sup>168</sup>. O dispositivo, portanto, comporta a *episteme* e, conseqüentemente, ambos ou o conjunto de elementos que constituem determinado dispositivo estão inseridos em um jogo de poder.

Foucault coloca a prova no curso *Em defesa da sociedade* a hipótese sobre o funcionamento do poder sob ordem da guerra. No mesmo ano em que encerra este curso no Collège de France, em 1975, ele publica o escrito *Vigiar e Punir* que é o corolário do que vinha pesquisando e publicando nos cursos anuais no Collège de France. O escrito sintetiza a sua concepção sobre o funcionamento do poder que circula em âmbitos institucionais que vão surgir na passagem da Idade Clássica, em meados do século XVII para a Modernidade,

---

<sup>164</sup> “[...] c’est le réseau qu’on établit entre ces éléments [...] Le dispositif est toujours dans un jeu de pouvoir [...]” <sup>164</sup> (FOUCAULT, 1977 *In* : Agamben, 2005, p. 9-10, tradução nossa).

<sup>165</sup> “Em termos mais rigorosamente kantianos, seria necessário dizer que as condições de experiência e as condições do objeto de experiência são totalmente heterogêneas” (FOUCAULT, 2005, p. 17)

<sup>166</sup> Esta concepção monolítica fica bem explícita no escrito *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (1966) ao afirmar que: “Numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma *episteme*, que define as condições de possibilidade de todo saber. Tanto aquele que se manifesta numa teoria quanto aquele que é silenciosamente investido numa prática.” (FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção tópicos, p. 229).

<sup>167</sup> FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Liz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. p. 215-219.

<sup>168</sup> FOUCAULT, 1994b, p. 300-301.

no início do século XIX.<sup>169</sup> Esta passagem é marcada pelo o que Foucault denomina de *descontinuidade* que é a mudança quase abrupta da *ratio* europeia. Esta descontinuidade significa a mudança nas estruturas epistemológicas, ou seja, são modificações na formação dos discursos que os legitimam. Como foi dito em outro momento do texto, a história da formação dos saberes não é uma evolução lenta, linear e cumulativa; ela é acidentada apresentando interrupções bruscas, lacunas, mudanças nas intenções dos discursos e das práticas, mudanças de percurso. Estas formas camuflam as “invasões, lutas, rapinas, disfarces, astúcias”<sup>170</sup> pelas quais os saberes foram submetidos. A própria história da loucura demonstra como as cisões acabavam por criar experiências e discursos duais ou múltiplos e que ao fim e ao cabo triunfava uma de suas facetas. A história dos saberes nunca conheceu tempos de paz.

Portanto, os saberes constituídos nos âmbitos institucionais como o hospital, o asilo, a prisão, a escola e fábrica possuem uma estrutura epistemológica em comum que as define parte de um determinado tempo, de uma forma de pensar, de uma *episteme*:

Suspeitaremos, talvez, que a *episteme* seja algo como uma visão do mundo, uma fatia de história comum a todos os conhecimentos e que importa a cada um as mesmas normas e os mesmos postulados, um estágio geral da razão, uma certa estrutura de pensamento a que não saberiam escapar os homens de uma época – grande legislação escrita, definitivamente, por mão anônima. (FOUCAULT, 2008, p. 214, grifo nosso)

Saberes como a psiquiatria, a medicina, a criminalística são mais fáceis de desemaranhar suas relações com as estruturas de poder da sociedade, pois estão ligadas a uma “série de instituições, de exigências econômicas imediatas e de urgências políticas de regulamentações sociais” (FOUCAULT, 2014b, p. 04). São saberes que estão imersos no campo de disputas que conformam uma verdade que aparentemente estão apartados de uma constituição subjetiva. Foucault se opõe a esta ideia e afirma que: “até na ciência encontramos modelos de verdade cuja formação releva das estruturas políticas que não se impõem do exterior ao sujeito de conhecimento, mas que são, elas próprias, constitutivas do sujeito de conhecimento”<sup>171</sup>

Foi esse mito que Nietzsche começou a demolir ao mostrar, em numerosos textos já citados, que por trás de todo saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é

---

<sup>169</sup> FOUCAULT, 1999, p. XVIII.

<sup>170</sup> FOUCAULT, 2014a, p. 10.

<sup>171</sup> FOUCAULT, 2005, p. 27.



uma luta de poder. O poder político não está ausente do saber, ele é tramado com o saber. FOUCAULT, 2005, p. 51.

Com o tempo, as prisões que tinham por função a disciplina os corpos para reintegrá-los na ordem social tornaram-se fábricas de delinquência. Demonstrando que as malhas do poder não são absolutas e que os indivíduos possuem certa autonomia frente às imposições de poder.

### CAPÍTULO 3 - CONTRAPODER<sup>172</sup>

*A partir da ideia de que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte*

Michel Foucault<sup>173</sup>

Logo na introdução de *A verdade e o poder* (1983), Foucault afirma que o seu objetivo durante a sua trajetória até então, apesar de ter se envolvido bastante com a questão do poder, não foi analisar os seus fenômenos e nem seus fundamentos, mas os diferentes modos pelos quais nos tornamos sujeitos<sup>174</sup>. Suas análises se centraram em três modos de objetivação deste processo de configuração dos sujeitos. Portanto, ele admite a centralidade da formação do sujeito em toda a trajetória genealógica ou em suas palavras uma ontologia histórica destes processos de configuração<sup>175</sup>. No entanto, pode e se deve questionar este olhar retrospectivo que Foucault nos apresenta sobre a sua própria pesquisa, pois em diversos momentos e como foi dito neste trabalho, ele se opunha a formulação de uma teoria do poder ou da criação de bases que, temia ele, poderiam delimitar as suas análises. Pode não fazer sentido que afirme em seus últimos trabalhos que tinha claro mais ou menos qual o caminho que trilharia. O que faz sentido diante desta afirmação é que ele tenha percebido a presença

---

<sup>172</sup> O título anterior pensado para este capítulo era *Non ducor, duco*, expressão que encontrei sem pretensão no tempo em que fazia as primeiras leituras sobre o eixo da ética foucaultiana que interessava para a confecção deste trabalho. A expressão em latim foi criada em 1917 pelos artistas e heraldistas brasileiros Guilherme de Almeida e José Wash Rodrigues para compor o brasão da cidade de São Paulo (MARTINS, 2013, p. 196). A intenção era adotar a expressão como representação da resistência frente às investidas do poder normalizador e normatizador. No entanto, me deparei com a seguinte descrição heráldica: “O brasão é formado por um escudo com um braço empunhando a bandeira da cruz de malta (símbolo da Ordem de Cristo) usada pelos navegantes portugueses simbolizando a fê cristã. Sobre ele, há uma coroa, também uma alusão ao governo lusitano. As laterais são adornadas por ramos de café. A divisa *Non ducor, duco* quer dizer ‘Não sou conduzido, conduzo’, e valoriza a independência das ações desenvolvidas pela cidade e seu papel de liderança no Estado e no país.” (SÍMBOLOS, 2004). Sendo assim, o lema carrega consigo a significação de dominação (lusitana, cristã e dos barões do café) e não exatamente de uma posição de resistência; os elementos que representam os outros povos que construíram a cidade (negros e indígenas) não compõem o brasão. O curioso é analisar a trajetória dos heraldistas que a elaboraram e não encontrar nexos com uma posição pró-hegemonismo. Outra fonte sugere que um dos autores talvez possa ter se inspirado numa frase de Goethe, embora em nenhum outro sítio haja menção sobre esta relação (AZEVEDO, 2008). Um outro significado poderia redimir o peso daquele mais conhecido. Optei por abandonar a inscrição em latim e adotar o termo **contrapoder** que é mais coerente com a proposta.

<sup>173</sup> DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 262.

<sup>174</sup> FOUCAULT *apud* RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 231.

<sup>175</sup> FOUCAULT *apud* RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 262.

dos modos de subjetivação, ainda que não fossem o foco de suas análises. Poderíamos inclusive questionar a centralidade do sujeito em suas análises anteriores à dimensão da ética. No entanto, não podemos desconsiderar, ao menos em alguns dos textos que foram importantes para este trabalho, a abordagem clara dos efeitos de poder sobre os sujeitos e que configuram como processos de subjetivação. Por isso, a delimitação das análises de Foucault em três período, fases ou qualquer delimitação temporal não é adequada, pois é verificável a presença de seus elementos especificados (saber, poder e ética) em vários “momentos” de suas análises. O mais adequado seria denomina-los de domínios, como o próprio Foucault se refere, ou dimensões.

### 3.1 A INSURREIÇÃO DAS FORÇAS

Na primeira aula do curso *Em defesa da sociedade* (2010, p.8), Foucault afirma que uma das características do que ele vinha fazendo no período da *genealogia de guerra*, foi uma espécie de designação de “conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais”, ou seja, o seu trabalho havia sido o de evidenciar saberes que historicamente foram silenciados por sistemas hegemônicos e de certa ordem. São saberes que, de algum modo, foram desqualificados ou qualificados como não-científicos, insuficientes e inferiores. Em um dos trechos da aula, Foucault deixa a entender que o funcionamento destes saberes é caótico e sem uniformidade, pois não se trata de saberes que buscam uma ordenação unificadora através de discursos englobadores, pautados pela meticulosidade, exatidão, erudição e técnica como o fazem os saberes hegemônicos<sup>176</sup>. Estes saberes foram sujeitos e acoplados aos saberes hegemônicos, constituindo os grandes edifícios dos “conjuntos sistemáticos e funcionais” e que teriam denunciado os saberes hegemônicos através da crítica foucaultiana.

Os saberes históricos, estes que apresentavam o acoplamento dos saberes sujeitos e os saberes hegemônicos e que foram aparecendo a Foucault, não apresentavam uma relação de convergência, mas de disputas entre si. Os saberes da psiquiatria, da prisão, dos hospitais, das instituições penais etc. ocultavam em suas entranhas um saber histórico das lutas. A própria denúncia destes saberes através da crítica foucaultiana pode ser considerada uma insurgência contra as forças hegemônicas, perpetuando tanto o caráter infinito da linguagem bem como a guerra entre as forças. A insurreição dos saberes se caracterizou pelo seu reaparecimento através dos discursos do delinquente, do psiquiatrizado, do doente, do enfermeiro, do médico, do delinquente etc. em contraposição aos saberes sistematizados e funcionais como o saber do delinquente, o saber médico etc. Foi preciso destituir estes saberes, social e epistemologicamente tomados de importância, da posição de autoridade para que se pudesse questioná-los, revirar os blocos dos grandes edifícios em busca dos saberes sujeitos e revelar o histórico dos combates discursivos e não-discursivos. Dito de outra forma, Foucault teria se centrado a um tipo de ‘genealogia’ que eventualmente foram aparecendo e possibilitando a formulação da crítica.

---

<sup>176</sup> “[...] esse saber que denominarei, se quiserem, o “saber das pessoas” (e que não é de modo algum um saber comum, um bom senso, mas ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas à contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam)” (FOUCAULT, 2010, p. 9).



### 3.2 MICROPOLÍTICA

A autonomia e independência de Foucault o possibilitou transitar entre diversos campos de saber desbotando suas supostas fronteiras, ou melhor, ele realizou pulverizações sobre estes campos que se ilharam e aparentemente não possuem conexões entre si. Nunca foi a sua pretensão elaborar um sistema de pensamento fechado e coeso, pois estaria se opondo ao polimorfismo das relações sociais que emergem da realidade microcós mica da relação entre as forças. As fotografias dos diferentes momentos de confronto entre as forças revelam a inconstância destas relações. Pode-se constatar certa autonomia dos trabalhos de Foucault em relação aos princípios filosóficos, embora a recorrência a seus axiomas e aforismos fosse constante. Ao final de sua longa trajetória ficou mais evidente a confluência de seus desenvolvimentos aos prelúdios filosóficos. Observa-se também um retorno aos gregos depois de tanto desalento nietzscheano sobre as ameaças trágicas dos dispositivos modernos. De maneira alguma Foucault pretendia encontrar soluções para os problemas da sociedade de sua época, pois ele concebia que nenhuma solução a algum problema pode ser encontrada na solução para outros problemas; cada momento apresenta certa configuração dos jogos de forças e as alternativas somente podem ser encontradas a partir da própria genealogia dos problemas, ou seja, das *problematizações* de seus contextos que apresentam elementos e disposição inédita e única. Sua pretensão não foi de realizar uma história das soluções para os problemas postos, mas de realizar diagnósticos sobre como se chegou ao estado atual de coisas<sup>177</sup>. Portanto, sua recorrência aos gregos ao final de sua trajetória no Collège de France não significou uma busca de alternativa aos problemas de seu tempo, mas de apresentar as possibilidades éticas que os antigos desenvolveram como técnicas de si e demonstrar como elas podem servir como resistência aos dispositivos que tentam nos atravessar e dominar.

Devido a que resistia a uma ideia do uno para diagnosticar a realidade, Foucault se interessou pela ausência de imposição de uma moral única entre os gregos e romanos. Nos escritos da *História da Sexualidade (O uso dos prazeres e O cuidado de Si)* e nas suas aulas ministradas no Collège de France 1980 e 1982<sup>178</sup> Foucault expôs a extensa produção de “morais” nestas civilizações. No mínimo, entre os aristocratas destas sociedades, se pode

---

<sup>177</sup> *Ibid.*, p. 256.

<sup>178</sup> Uma parte destas aulas foram reunidas e publicadas através do escrito *Hermenêutica do Sujeito* (1982).

constatar a proliferação de diferentes modos de ser e de estilizações da vida<sup>179</sup>. Foucault se depara com a liberdade como um novo campo de possibilidades: “As portas do asilo, os muros da prisão desaparecem, dando lugar a falas livres em que gregos e romanos discutiam as melhores maneiras de conduzir suas vidas (...). A paisagem do confinamento cede lugar à liberdade do sujeito”<sup>180</sup>. A história dos confinamentos presentes nos escritos *História da loucura*, *Vigiar e punir* e *As palavras e as coisas* dão lugar a discursos de “reviravolta”. Não houve uma ruptura com o pensamento anterior, mas enfoque a liberdade que sempre esteve presente, mas de forma subjacente. A liberdade sempre se fez presente enquanto o contraponto às imposições técnicas do poder disciplinar e estratégicas da governamentalidade. Foucault afirma que “lá onde há poder, há resistência”<sup>181</sup>, portanto, contrapõe-se ao poder o lugar da recusa, “o interlocutor irreduzível”.

Para Foucault, “é a codificação estratégica dos pontos de resistência ao poder que torna possível uma revolução”<sup>182</sup>. Parafraseando esta afirmação para o nível microcósico, pode-se contrapor aos imperativos de forças organizadas institucionalmente através de reconstituições de si. O questionamento que se impõe é: quando e como estas forças podem mobilizar transformações na subjetividade, no corpo e nos espaços em que ocupa? A possibilidade de nos desvencilharmos das imposições que tentam nos domesticar e governar pode ser a confirmação da possibilidade de organização das forças em *pontos de resistência*<sup>183</sup>. Embora se possa constatar a existência do contrapoder no campo estratégico das lutas, esta foi uma seara não suficientemente explorada por Foucault devido a seu falecimento precoce, restando um *quid* sobre as minúcias das micropolíticas de resistência:

Tantas horas consumidas em pesquisa sobre o poder, sobre o adestramento dos corpos, sobre disciplina, o enclausuramento, a sujeição, etc. não seriam por uma identificação de Foucault com seu próprio objeto (como quer Habermas, como ironizou José Guilherme Merquior, Jean Baudrillard, entre outros), mas por um projeto interrompido, inacabado: projeto da Crítica, dos ensaios da Crítica, das atitudes críticas, voltadas para uma micropolítica das resistências, projeto para o

---

<sup>179</sup> SOUSA FILHO, 2007, p. 01.

<sup>180</sup> EWALD, François. Michel Foucault. In: ESCOBAR, 1984, p. 72.

<sup>181</sup> FOUCAULT, 1988, p. 81.

<sup>182</sup> GRABOIS, 2011, p. 10.

<sup>183</sup> “Gostaria de sugerir uma outra forma de prosseguir em direção a uma nova economia das relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre teoria e prática. Ela consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida. Para usar uma outra metáfora, ela consiste em usar esta resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias” (FOUCAULT In: DREYFUS; RABINOW 1995, p. 234)

qual a liberdade é um exercício agonístico, uma arte da luta nas artes de si da existência, e cujos combates não conhecem a vitória final. De sua parte, o poder é contínuo e renasce sempre. A fórmula é conhecida: “onde há poder, há resistência”. E poderíamos acrescentar: onde há liberdade, o poder reage. (SOUSA FILHO, 2007, p. 03)

Poucos foram seus ditos e escritos sobre a liberdade. Deixou-nos com os questionamentos sobre como seria possível a liberdade em “espaços construídos pelo poder, investidos de técnicas de sujeição fabricadoras de subjetivação?”<sup>184</sup> Como se constituem as estéticas da existência de nosso tempo?

O contrapoder, que é também um poder, se incita aos exercícios agonísticos; é exercido por alguém que deseja decompor sua “própria” subjetividade e se reconstituir. Desfazer as tramas dos dispositivos que agem sobre si torna-se um exercício agonístico de liberdade; o próprio sujeito elenca os elementos importantes que devem compor o dispositivo pessoal ou de grupo. Os discursos, comportamentos, espaços, instituições, movimentos corporais, medidas administrativas, regulamentações, leis, enunciados científicos proposições filosóficas, religiosas, morais etc. são (r)examinados. Qualquer instância discursiva ou não-discursiva deve ser observada, esquadrihada e investigada quanto à suas delimitações e seus efeitos sobre as relações sociais e sobre a subjetividade dos sujeitos-alvo. Esta é a instauração de uma genealogia que será fundamental para se formular estratégias a favor do contrapoder no campo das lutas.

É justamente a regra que permite que seja feita a violência e que uma outra dominação possa dobrar aqueles que dominam. O grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e volta-las contra aqueles que as tinham imposto; de quem, se introduzindo no aparelho complexo, o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas próprias regras. FOUCAULT, 2014b, p. 19.

Na nossa história recente assistimos à transformação das relações de poder entre os indivíduos e as instituições. Multiplicaram-se as consciências de si e as formas de vida. Romperam-se lutas pelo reconhecimento de identidades bem como a modificação em certas práticas institucionais com respeito ao denominados de inúteis na sociedade disciplinar. As lutas antimanicomiais reduziram os espaços de segregação e de tortura; a relação entre pais e filhos, alunos e professores abandonaram a rigidez de um modelo de relação hierárquica e verticalizada para uma relação mais equânime; os homossexuais deixaram de ser alvo de

---

<sup>184</sup> SOUSA FILHO, 2007, p. 4.



estudo patologizantes que buscavam a reversibilidade das formas de ser; as prisões moldadas pela visão do Panóptico deixaram de ser a regra e uma série de outros modelos foram formulados, modificaram os espaços em que os indivíduos se instalam, algumas substituíram o modelo da punição pela ressocialização etc. no entanto, não podemos falar em um atrofiamento das relações de poder; elas persistem e continuam nas intenções de produzir determinadas subjetividades O próprio modelo de ressocialização dos indivíduos criminosos é uma renovação dos mecanismos de poder de “inclusão” dos indivíduos na ordem social. Novas práticas estão sendo acompanhadas por nova defesa das liberdades. Assim como as ‘luzes’, o Iluminismo, descobriu as liberdades, inventaram também as disciplinas. Resta-nos o olhar vigilante sobre as operações de poder que tentam se impor ou que invocamos e decidir não somente pela defesa de si enquanto identidade pétrea, mas pela autonomia na autocriação<sup>185</sup>.

---

<sup>185</sup> “Devemos não somente nos defender, mas também os afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa.” (FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *Verve*. n. 05, 2004).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que através de Foucault, através das inúmeras genealogias que ele empreendeu, era a liberdade que buscava compreender as instâncias do poder em suas minúcias e em sua multiplicidade constitutiva e polimórfica para que pudesse “compreender” a si mesma e se reinventar. Se conhecer é constituir um tipo de saber e este, conseqüente e concomitantemente, se constitui enquanto poder – conhecer as diferentes formas pela qual o poder acontece poderia ser um exercício de retroalimentação: o poder que “pensa” sobre o seu exercício. No entanto, talvez possamos desconsiderar esta necessidade por parte de algo, que também é linguagem, que possui autonomia em relação ao sujeito; que sempre esteve por todos os espaços porque provém de todos os lugares. Portanto, conhecer as possibilidades do poder também interessa ao contrapoder, às instâncias que se opõem às institucionalizações do poder, à capacidade de resistir às suas investidas e conduzir a si mesmo à liberdade. A genealogia foucaultiana nos livra dos aprisionamentos, das instâncias domesticadoras, encarceradoras e controladoras que internalizamos em nossas “subjetividades” histórico e socialmente constituídas. Não se pode falar em relações de poder sob a ordem da guerra sem abordar a liberdade enquanto possibilidade e a problemática relacionada ao tema tem um lugar significativo no pensamento de Foucault, embora seu método de abordagem seja singular e de constante reelaboração. Cada desafio nos dispõe a problematizações específicas e delas obtemos soluções igualmente *sui generis*. Desta forma, Foucault não nos arma para as batalhas, não nos diz o melhor a se fazer, mas nos conscientiza da constante e interminável guerra que subsiste nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem e em nossos corpos e em nossas “almas”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** Outra travessia: Ilha de Santa Catarina, 2005.

AYALA-COLQUI, Jesús; VÁZQUEZ, Mauricio L.; NÚÑEZ, Luis Daniel S. **Poder y subjetivación en Michel Foucault**. 1.<sup>a</sup> ed. digital. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2021. Disponível em: < <https://bityli.com/74UA4> >. Acesso em: 29 jan. 2023.

AZEVEDO, Reinaldo. NON DVCOR, DVCO. **Revista Veja**. Coluna. 31 jul. 2008. Disponível em: < <https://bityli.com/gTKbi> >. Acesso em: 13 jan. 2023.

BASTOS, Daniel S. **O direito à subsistência em xeque**: um olhar sobre a lei dos pobres e o ato de emenda de 1834. História econômica e história de empresas. v. 21, n. 01. UFF: Niterói - RJ, 2018. 135-173.

BELLON, Guillaume. “Je crois au temps...” Daniel Defert légataire des manuscrits de Michel Foucault. **Revue Recto/Verso**. n. 1. Juin/2007.

BLOOM, Bernard L. The “medical model”, miasma theory, and community mental health. **The Community Mental Health Journal**. v. 01, n. 01, 1965. p. 334. Disponível em: < <https://bityli.com/kCxc6> >. Acesso em: 24 set. 2022.

CABRAL, Dilma. Lepra, morfêia ou elefantíase-dos-gregos: a singularização de uma doença na primeira metade do século XIX. **História Unisinos**. v. 10, n. 1, jan./abr., 2006.

CÂNDIDO, Alexandre Luna; TUNON, Gabriel Isaias Lee; CARNEIRO, Maria Regina Pires. **Microbiologia geral**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009. p. 09.

CASTRO, Edgardo. **El vocabulario de Michel Foucault**: un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores. Editora Prometeo. Universidad Nacional de Quilmes: Quilmes - Argentina, 2004.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. tradução de Maria Teresa Ramos, 1.a ed., São Paulo: Martins Fontes, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979. (Série Pensamento Político)

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? *In* : DELEUZE, G. et al. **Michel Foucault, filósofo**. Trad. Bixio y Alberto Luis. GEDISA: Barcelona, 1990. pp. 155-61.

DEFERT, Daniel. Notice : l’ordre du discours *In* : FOUCAULT, Michel. **Œuvres**. V. 2. Paris : Gallimard, 2015. pp. 1452 - 1458. (Col. Pléiade).

DEL VENTO, Christian ; FOURNEL, Jean-Louis. L’édition des cours et les « pistes » de Michel Foucault. Traducteurs : Christian Del Vento et Jean-Louis Fournel. **Laboratoire Italien : Politique et société**. n. 07. Philologie et politique, 2007. Disponível em: < <https://bityli.com/qkK5s> >. Acesso em: 22 maio 2022.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. pp. 253-262.

EIDT, Leticia Maria. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. **Saúde e sociedade**. v. 13, n. 02, p. 76-88, maio-ago., 2004. pp. 76-79.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault y sus contemporáneos**. Trad. Viviana Ackerman. Ediciones Nueva Visión: Buenos Aires, 1995.

ESCOBAR, Carlos Henrique de. (Org.). **Michel Foucault: O dossier – últimas entrevistas**. Rio de Janeiro: Taurus, 1984. pp. 71-73.

FÉREZ, Juan A. L. Sobre los mitos y personajes míticos clásicos en la poesía, cuentos y artículos de Antonio Buero Vallejo. **Revista de estudios clásicos**. n. 37. UNED: Madrid, 2010. p. 64. Disponível em: < <https://bitly.com/qpXc5> >. Acesso em: 8 abr. 2022.

FOUCAULT, Michel ; Manoel Barros Motta. (Org.). A linguagem ao infinito (1963). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Coleção Ditos & Escritos III. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 47-59.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Tradução de Liz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos).

\_\_\_\_\_. **Aulas sobre a vontade de saber: curso no Collège de France**. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014a.

\_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. Roberto Cabral de Melo e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. “O que é um autor?”. **Bulletin de la Société Française de Philosophie**. 63º ano, n. 3, jul-set 1969, pp. 73-104.

\_\_\_\_\_. **Dits et écrits (1970-1975) tome II**. Paris : Éditions Gallimard, 1994a.

\_\_\_\_\_. **Dits et écrits (1976-1979) tome III**. Paris : Éditions Gallimard, 1994b.

\_\_\_\_\_. **Dits et écrits (1980-1984) tome IV**. Paris: Éditions Gallimard, 1994c.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Verve**. n. 05, 2004.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Roberto (Org.) 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2014b.

\_\_\_\_\_. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Trad: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire latin français**. Hachette, 1934. Disponível em: < <https://bityli.com/jeYX0> >. Acesso em: 30 jan. 2023.

GALLO, Silvio. As três fases de Foucault. **Facebook**. 2018. Disponível em: < <https://bityli.com/ja3L9> >. Acesso em 18 fev. 2022.

GRABOIS, Pedro Fornaciari. Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault: contracondutas, sublevações e lutas. **Cadernos de Ética e Filosofia Política** 19, 2/2011, pp. 07-27.

JULIÃO, José Nicolau. A presença de Nietzsche em Foucault. **Pensando**. v.8, n.15, pp. 254-71. 2017.

LAGE, Celina F. O ciclope ou quantos olhos possui? **Revista mundo antigo**. Ano I, v. 01, n. 02. UFF: Campos dos Goytacazes – RJ, 2012. p. 51. Disponível em: < <https://bityli.com/6eMCA> >. Acesso em: 08 abr. 2022.

MACIEL, Roseli Martins Tristão. **Os estigmas lançados à lepra e aos leprosos**. Revista PLURAIS (virtual) v. 3, n. 1. Anápolis: UEG, 2013. p. 07-31.

MARTINS, Ana Luiza (Org.). **Insólita metrópole: São Paulo nas crônicas de Paulo Bomfim**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2013. p. 196. Disponível em: < <https://bityli.com/sJKqR> >. Acesso em: 13 jun 2021.

MOTTA, Manoel Barros da. (org.) Estratégia, poder-saber. **Coleção Ditos e Escritos**. Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. 2. Ed., v. 04. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 203-222.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente: textos reunidos**. São Paulo: Loyola, 2004.

NOGUEIRA JÚNIOR, Francisco de A. O estado de exceção e a garantia da democracia. **Teoria do Estado e da Constituição**. Anais do XXII Encontro Nacional CONPEDI / UNICURITIBA: Curitiba – PR, 2013. Disponível em: < <https://bitly.com/164a3> >. Acesso em: 03 fev. 2022.

NOTO, Carolina. A exterioridade do discurso em Foucault: da vontade de potência ao dispositivo. **Ipseitas**. v. 06, n. 01, UFSC: São Carlos, jan. - jun. 2020. pp. 71-83.

PANNELL, Lindsay. **A Viperous breathing: the miasma theory in early modern England**. Master of Arts. Canyon, Texas: West Texas A&M University, 2016. p. 35-60. Disponível em: < <https://bitly.com/oL5Rj> >. Acesso em: 20 dez. 2022.

PASSOS, Iara Cunha. Subsistema de execução penal In: **A brigada militar no presídio central de Porto Alegre: o trabalho do policial militar e a mediação de conflitos**. Porto Alegre: UFRGS, 2017. p. 51.

PRADO FILHO, Kleber; LOBO, Lilia Ferreira; LEMOS, Flávia Cristina Silveira. A história do presente em Foucault e as lutas atuais. **Fractal: Revista de psicologia**. v. 26, n. 01. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2008. Disponível em: < <https://bitly.com/Dli96> >. Acesso em: 20 ago. 2022.

RIBEIRO, Renato Janine (Org.). **Recordar Foucault: os textos do Colóquio Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROECKELEIN, Jon E. **Elsevier's dictionary of psychological theories**. Elsevier: Fountain Hills, USA, 2006. p. 517-18. Parcialmente disponível em: < <https://bitly.com/oiUfW> >. Acesso em: 14 jan 2023.

SAMPAIO, Alan. **Nietzsche e a História** (tese de doutorado). Salvador – Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2014. p. 93. Disponível em: < <https://bitly.com/5S1HR> >. Acesso em: 12 maio 2022.

SIEMENS, Herman. Travando uma guerra contra a guerra: Nietzsche contra Kant acerca do conflito. **Kriterion**, n. 128, Belo Horizonte, dez. 2013, p.419-437. Disponível em: < <https://bitly.com/h2sHz> >. Acesso em 20 fev. 2023.

SILVEIRA, Fernando de Almeida; SIMANKE, Richard Theisen. A Psicologia em *História da loucura* de Michel Foucault. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 23-42, jan./abr., 2009. Disponível em: < <https://bitly.com/0XvE4> >. Acesso em: 30 jan 2023.

SÍMBOLOS da cidade: conheça a simbologia do brasão e da bandeira paulistana. **Prefeitura de São Paulo**. São Paulo, 24 out 2004. História. Disponível em: < <https://bitly.com/UNnUx> >. Acesso em: 13 maio 2021.

SIQUEIRA, Vinicius. **Foucault como arqueólogo** - Norman Madarasz (resenha de *Foucault Arqueólogo Estrutural*). 11 fev. 2018. Disponível em: < <https://bitly.com/z4hD0> >. Acesso em: 14 abr. 2021.)

SOUSA FILHO, Alípio de. Foucault: O cuidado de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística. **Anais IV Colóquio Internacional Michel Foucault**. UFRN, 2007. Disponível em: < <https://bityli.com/VEqDW> >. Acesso em: 12 mar. 2022.

SOUZA, Bianca Kelly de. Que importa que fala? O desaparecimento do autor segundo Michel Foucault. **Intuitio**. v. 4, n 2. Porto Alegre, 2011, pp. 123-132.

THÉRIAULT, MéliSSa. Compte rendu. **Philosophiques**. v. 45, n. 02, Automne 2018, p. 555–559. Disponível em: < <https://bityli.com/u2Z2O> >. Acesso em 11 jan. 2023

TORO, Faber H. A. Foucault: de la biopolítica a la micropolítica. **Katharsis**, n. 8. Envigado - Colombia, jul.-dic. 2009. pp. 97-110.

VIALA, Alain. **L'Âge Classique et les lumières** : une histoire brève de la littérature française. 1<sup>ère</sup> édition. Ed. Presses Universitaires de France : Paris, 2015. ISBN 978-2-13-065067-6. pp. 9-12.

ZANCARINI, Jean-Claude (Org.) ; BERTANI, M. *et al.* : **Lectures de Michel Foucault** : à propos de “Il faut défendre la société”. v. 1. Lyon : ENS Éditions, 2001. (OpenEdition Books.). Disponível em: < <https://bityli.com/bL512> >. Acesso em: 13 fev 2021.